



Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Leomax Cardoso Machado

PRIMEIRA MANHÃ:

Romance de Formação, Travessias de vida e a Educação de Alfredo

Belém - Pará
2017

Leomax Cardoso Machado

PRIMEIRA MANHÃ:

Romance de Formação, Travessias de vida e a Educação de Alfredo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado em Educação, Linha de Pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia, do Centro de Ciências Sociais e Educação, da Universidade do Estado do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Josebel Akel Fares.

Belém - Pará
2017

Dados Internacionais de catalogação na publicação
Biblioteca do Centro de Ciências Sociais e Educação da UEPA

Machado, Leomax Cardoso

Primeira manhã: Romance de formação, Travessias e a Educação de Alfredo. /
Leomax Cardoso Machado; orientadora Josebel Akel Fares. Belém, 2017.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Universidade do
Estado do Pará, Belém, 2017.

1. Literatura brasileira – Pará. 2. Romance brasileiro - Pará. 3. Jurandir, Dalcídio,
1909-1979. I. Fares, Josebel Akel (orientadora). II. Título.

CDD: 21 ed. **869.9098115**

Leomax Cardoso Machado

PRIMEIRA MANHÃ:

Romance de Formação, Travessias de vida e a Educação de Alfredo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado em Educação, Linha de Pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia, do Centro de Ciências Sociais e Educação, da Universidade do Estado do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Josebel Akel Fares

Data da Aprovação: ___/___/___

Banca Examinadora

_____ - **Orientadora**

Prof^a. Dr^a. Josebel Akel Fares -Universidade do Estado do Pará-UEPA

Doutora em Comunicação e Semiótica - PUC/SP

Universidade do Estado do Pará-UEPA

_____ - **Membro Externo**

Prof^o. Dr. Paulo Jorge Martins Nunes

Doutor em Literaturas e Língua Portuguesa - PUC/MG

Universidade da Amazônia-UNAMA

_____ - **Membro Interno**

Prof^a. Dr^a. Denise de Souza Simões Rodrigues

Doutora em Sociologia – UFCE/CE

Universidade do Estado do Pará-UEPA

_____ - **Suplente**

Prof^o.Dr^a. Nazaré Cristina Carvalho

Doutora em Educação Física UGF

Universidade do Estado do Pará –UFPA

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Leonardo Machado e Júlia Cardoso Machado, amor incondicional, apoio e dedicação por estarem sempre ao meu lado, em todos os momentos de minha vida, iluminando e guiando o meu caminhar nas arapucas da cidade.

Aos meus irmãos, Leojaimé, Gisele e Joceli pelo incentivo, afeto e proteção. Aos meus anjos Larissa, Taíssa e Vinícius. À companheira, Amante e, sobretudo, Amor para toda vida Wanessa Oliveira dos Santos, que soube compreender os momentos de ausência e respeitar o caminho que escolhi como pessoa e profissional. Ao meu infinito amor, minha filha, Maria Júlia dos Santos Machado que me deu forças e me ensinou levantar em cada dificuldade encontrada, com apenas um sorriso mostrava que na vida tudo pode ser transformado em dedicação, amor, respeito, paciência para chegar a plena felicidade.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é externalizar os incentivos, as forças e as orientações que se tecem para a reconstrução de um olhar, um percurso banhado de saberes frente a trajetória de um processo educativo que vem desde a minha graduação. Os incentivos de minhas professoras: Ivone dos Santos Veloso e Ângela Sampaio Vasconcelos, ambas do Campus de Cametá (UFPA). Agradeço também às águas turvas e às chuvas torrenciais de Belém, às canoas de saberes que cortam os horizontes de conhecimento da/na Amazônia, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, ao Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE) da Universidade do Estado do Pará (UEPA), turma 11º/2015-2017.

Como um dos filhos de Matinta, sinto-me grato de poder manter diálogos transformadores sobre a diversidade de experiência que a minha querida orientadora, Prof^a. Dr^a. Josebel Akel Fares possibilitou ao longo desses dois anos durante as orientações, incentivos e leituras. Parceria de estudos e crescimentos que me ajudou na trilha de muitos caminhos e diferentes campos de saberes. Durante esses dois anos de mestrado foi fundamental para que eu pudesse adentrar nos territórios poéticos da Amazônia, além de alargar os meus horizontes de expectativas sobre Dalcídio Jurandir, auscultando diferentes perspectivas, sondando os diversos timbres do seu assoviar. Mediante esse processo encantei-me com o imaginário, com as poéticas orais que brotam das vozes dalcidianas.

Meus saudosos agradecimentos aos professores que contribuíram de forma direta e indiretamente para essa pesquisa. Ao Núcleo de Pesquisa, Cultura e Memória na Amazônia (CUMA), grupo que abriu as portas para a apresentação e construção do objeto de pesquisa ao mundo científico, como também, as relevantes orientações do prof. Dr. Paulo Jorge Nunes Martins (UNAMA) e a prof^a. Dr^a. Denise Simões Rodrigues (UEPA), professores que chamaram atenção para as angústias do homem no mundo, para a relação entre o eu e o outro. Orientações que vieram a partir do exame de qualificação e a defesa final da dissertação. Todos esses acompanhamentos foram fundamentais para o desenvolvimento dos “Clareúmes” do objeto de investigação.

As colaborações do prof. Ms. Fernando Jorge Santos, pelas dicas e indicações de leitura, não poderemos deixar de citar as relevantes contribuições das práticas e técnicas da geógrafa: Lucileide Silva (CODEM), pela customização do mapa que define e demarca as andanças e vivências de Alfredo no contexto da Belém urbana e periférica. Intelectualmente, sou grato a um grupo de professores (as) e amigos (as) do mundo acadêmico que me propiciaram importantes vetores epistemológicos. À Prof^a. Ms. Danieli Pimentel pelas

observações textuais e correções. Aos amigos: Sullivan, Monise, Marlon, Dia e Monica pelo apoio e incentivo.

Portanto, agradeço ainda à coordenadora prof^a. Dra. Ivanilde Apoluceno, meu obrigado por possibilitar uma bolsa de estudos CNPq e a FAPESPA, instituições que me ajudaram financeiramente durante o período que morei em Belém, financiando assim, os meus estudos. Reconheço que sem esse financiamento, a pesquisa não seria concluída, justamente por entender que as dificuldades de moradia, alimentação, transporte são os impasses de muitos jovens oriundos do interior do interior do Estado do Pará, estudantes que buscam concluir seus estudos e aperfeiçoamento profissional.

“O raio abriu a porta do ginásio”
(JURANDIR, 2009, p. 35).

RESUMO

MACHADO, Leomax Cardoso. **PRIMEIRA MANHÃ: Romance de Formação, Travessias de vida e a Educação de Alfredo.** Dissertação de Mestrado. 133f. Dissertação de Mestrado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do Estado do Pará. Belém, março de 2017.

O trabalho tem como objetivo estudar – a partir do Romance de Formação – como processo Formação e Educação de Alfredo em *Primeira Manhã*, de Dalcídio Jurandir. Assim, ressaltamos que a Educação e a Formação do menino se dão com as travessias de vida, com as experiências vividas nos espaços urbanos e periféricos da cidade de Belém entre os anos de 1920-1950 do século XX. A pesquisa é de cunho bibliográfico/documental, centrada em uma abordagem dialética, a partir desse enfoque procuramos estabelecer um diálogo entre a Educação, a Formação e os Saberes responsáveis pelo desenvolvimento de Alfredo no Romance de Formação dalcidiano. As bases teóricas se sustentam em: Lukács (2000-2015), Bakhtin (2003, 2010, 2015) e Moretti (2009) e em leituras da *Bildungsroman*: Maas (2000), Mazzari (1999) e Castelo Branco (2004), autores que destacam a heterogeneidade e interdisciplinaridade do gênero romanesco. Na interface entre Literatura e Educação partimos das reflexões de Farias (2009) e Cardoso (2015), estudiosos que nos ajudam refletir, contextualizar, e problematizar a Formação e a Educação de Alfredo no contexto da obra. A partir de nosso enfoque e escolha teórica, procuramos responder como se dá o processo de Formação de Alfredo no contexto do romance, além de demarcar o conjunto de saberes e práticas vivenciadas pela personagem em outros espaços, sem deixar de observar o seu desencanto com o sistema normativo de ensino nos primeiros “raios” do Ginásio.

Palavras-chave: Romance de Formação; Educação; Literatura; Saberes.

ABSTRACT

MACHADO, Leomax Cardoso. **PRIMEIRA MANHÃ: Romance de Formação, Travessias de vida e a Educação de Alfredo.** Dissertação de Mestrado. 133f. Dissertação de Mestrado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do Estado do Pará. Belém, março de 2017.

The objective of this paper is to study – from the standpoint of the Coming-of-Age Novel – the process of formation and education of Alfredo in Dalcídio Jurandir’s *Primeira Manhã* [First Morning]. Accordingly, we emphasize that the Education and Formation of the young man arise from the crossings of life, from experiences in the urban and peripheral spaces of the city of Belém between the years of 1920-1950 of the 20th century. The research is of bibliographic/documentary nature, focused on a dialectic approach, and from that perspective we seek to establish a dialogue between the Education, Formation, and Knowledge responsible for Alfredo’s development in the Dalcidian Coming-of-Age Novel. Theoretical support is drawn from: Lukács (2000-2015), Bakhtin (2003, 2010, 2015), and Moretti (2009); and from readings about *Bildungsroman*: Maas (2000), Mazzari (1999) and Castelo Branco (2004), authors who highlight the heterogeneity and interdisciplinarity of the genre. Interfacing Literature and Education, we reflect on Farias (2009) and Cardoso (2015), scholars who help us to contextualize and problematize the Formation and Education of Alfredo within the novel. In developing our perspective and theoretical choices, we aim to demonstrate the Formation process of Alfredo within the novel, in addition to establishing the set of knowledge and practices experienced by the character in other spaces, not ignoring, however, his disenchantment with the normative system of the first “rays” of Secondary School.

Keywords: Coming-of-Age story; Education; Literature; Knowledge.

SUMÁRIO

LINHAS DE CHEGADA	11
1 ALVORECER	16
1.1 Vida e obra de Dalcídio Jurandir	16
1.2 O chão que nos sustenta.....	26
1.3 Os caminhos que nos guiam.....	43
2 PRIMEIRA MANHÃ COMO ROMANCE DE FORMAÇÃO	58
2.1 Do carocinho de tucumã ao Ginásio.....	58
2.2 Os atropelos do tempo em Alfredo.....	67
2.3 As ocorrências poéticas no espaço-tempo.....	78
3 CARTOGRAFIA DE SABERES DE ALFREDO	87
3.1 Alfredo entre leituras e os devaneios.....	87
3.2 O desencanto de Alfredo com a educação.....	95
3.3 O lugar físico e social de Alfredo.....	104
LINHAS DE SAÍDA	118
REFERÊNCIAS	125
APÊNDICES	130

LINHAS DE CHEGADA

É esse passado vivido, bem mais do que o passado apreendido pela história escrita, sobre o qual poderá mais tarde apoiar-se sua memória.

(HALBWACHS, 1950, p. 71)

Ao adentrarmos ao objeto de pesquisa chamamos atenção para o fato das “lembranças reconstruídas”, na perspectiva de Maurice Halbwachs, em seguida, para a forma como o seu primado teórico nos guia ao estudo da vida e obra de Dalcídio Jurandir (1909-1979). Assim, a referida pesquisa surge pelos idos do ano de 2009, momento em que entramos no curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins/Cametá. Certamente, nossas primeiras impressões não se apoiam apenas nas lembranças, mas sim em outras motivações primeiras, bem como em recepções e práticas de leituras que ao longo do tempo foram tomando corpo e amadurecendo. Nesse percurso, sem dúvida, os romances de Dalcídio Jurandir ocupam significativos espaços e tempos muito bem descritos pelo escritor em seus romances, fator determinante e justificável para que nos lançássemos nos territórios de uma investigação mais profunda.

Muito embora o primeiro contato com a temática aqui a ser abordada pareça superficial, ressalvamos a forma como o estudo do Romance de Formação possibilitou uma entrega ao devaneio, ao mesmo tempo em que nos lançamos nas águas da cultura, dos saberes, da vida e do cotidiano que aí abundam. Foi assim que seguimos por essas trilhas, linhas e rios, sempre nos banhando nas águas que cortam as ilhas e refletem a vida na lenta maré, o tempo aí é outro, sempre a transportar os destinos dos homens e mulheres na/da Amazônia. Nesse contexto, é comum ouvir o eco das vozes de Dalcídio e de suas personagens, naturalmente que essas tantas vozes também nos contaminam, ao mesmo tempo em que percorrem variados espaços: comunidades, ilhas, vilarejos, lugares muitas vezes à margem dos rios e igarapés que a Amazônia abriga.

Dalcídio nos leva a vivenciar com muita exatidão os ricos detalhes da vida ribeirinha, o destino de muitos meninos como o de Alfredo, pessoas vindas do interior em busca de melhores condições de vida na cidade grande. Na obra que estudamos, a personagem principal (Alfredo) é marcada como se marca “xerimbabos”, é enredada pelas “arapucas” da cidade. Muitos são episódios em que acompanhamos a rotina de vida do menino que vem de Cachoeira para Belém, e já instalado na cidade “vive de favor” em casas alheias.

Dito isso, tomamos de empréstimo uma passagem de *Primeira Manhã* (2009) em que, em um primeiro momento (antes do desencanto), Alfredo demonstra o encanto e o sonho frente ao novo, o lugar: “cheirava a sapato novo”, depois, em outro trecho; em um garimpo sente-se “sem rumo”: “[...] a pé, e devagar, [para] aproveitar as pernas”. Ao nosso ver, Alfredo segue aprisionado pelas primeiras lembranças da infância, nas águas de sua cultura, a olhar para o estirão do horizonte derramado no leito do rio, em que pese fases de profundas rupturas: “O raio abre a porta do ginásio” (PM, p.34)¹.

Sobre esse caminhar a “efeito do raio” (PM, p.41) nasce o legado de Dalcídio Jurandir e dentro dessa perspectiva, nasceu o nosso desejo de estudar e compreender as problemáticas presentes em suas obras, perscrutar ainda, as tensões e os conflitos existenciais que habitam o texto dalcidiano. Na maioria das vezes, abarca a condição sociocultural, diluindo-se ainda nos temas das humanidades, mediante esse processo notamos as várias acepções dicotômicas preexistentes nos pares: ficção e realidade, campo e cidade, urbano e rural, além do explícito conflito entre a razão e emoção.

Nesse meio, destacam-se os saberes e os processos de formação, veio central que conduz Alfredo pelo campo da educação formal e não-formal. Em meio a esse cenário, ao mesmo tempo ressaltamos os devaneios do menino recém-chegado a cidade de Belém e o seu processo de ruptura, desencanto e decepção com o novo, com o desconhecido. Em face disso, a lembrança e o esquecimento são protagonizados na obra que consideramos como um Romance de Formação: o menino/homem assiste os efeitos das transformações operadas pelo tempo, como se ocorrer veloz das horas fosse corroendo as coisas por dentro, são esses alguns dos primeiros aspectos fundamentais para o jogo histórico-dramático no romance *Primeira Manhã*.

O seguinte título que atribuímos a esse trabalho: “PRIMEIRA MANHÃ: Romance de Formação, Travessias de vida e a Educação de Alfredo,” tem como proposta central compreender a partir do conceito chave – *Bildungroman*² – de origem alemã que tem como tradução para a língua portuguesa o termo: Romance de Formação, processos de formação (*Bildung*)³, o processo de formação de Alfredo. Tudo isso, sem esquecermos do percurso educativo (*Erziehung*)⁴ e das transformações pelas quais a personagem vive no contexto da obra em questão. A realidade ficcional deste mesmo romance acaba se confundindo com

¹ A partir de agora, todas as referências ao *Primeira Manhã* serão com as iniciais do romance (PM) e o número da página. Citações da edição: Belém: Eduepa, 2009.

² A partir de então ao longo do texto toda vez que fizermos referência ao referido termo *Bildungroman* em alemão, o faremos na língua portuguesa, ou seja, Romance de Formação.

³ *Bildung* também do alemão que quer dizer: Formação.

⁴ *Erziehung* expressão alemã que no português quer dizer: Educativo.

aspectos biográficos de Dalcídio Jurandir, se levarmos em consideração, assim como se dá com a trajetória do herói, a vinda do escritor para Belém, em seguida, as suas andanças e experiências em diversos espaços urbanos e periféricos da mesma cidade.

Para tanto, utilizaremos como objeto de análise a edição de *Primeira Manhã* (2009), organizada pela professora Josebel Akel Fares, lançada pela Editora da Universidade do Estado do Pará (EDUEPA). Optamos por esta edição por entendermos que o seu aspecto crítico, na forma como condensa recolha e síntese de importantes textos de estudiosos e pesquisadores da obra de Jurandir, em grande parte, facilitou o nosso trabalho de recepção crítica da obra. Nesta edição destacamos o cuidado da editora em trazer aos leitores importante obra do ciclo Extremo Norte que tem a sua inquestionável contribuição para a história da literatura brasileira, colocando o autor no rol de importantes nomes da literatura nacional, assegurando assim a sua inegável importância para a história social do Brasil e da Amazônia, como bem veremos, dentre os vários autores que sustentam a nossa abordagem teórica, citamos, entre eles, os respectivos nomes envolvidos nessa edição crítica de *Primeira Manhã*⁵.

Com o intuito de adentrarmos ao objeto de estudo fazemos a seguinte pergunta: *Primeira Manhã* é um Romance de Formação? A partir dessa pergunta nasceram outros questionamentos que no decorrer do trabalho procuramos responder. Logo, foi por meio de nosso objeto de estudo que surgiu a possibilidade de investigar aquilo que, com base na sustentação teórica, consideramos Romance de Formação (*Bildungsroman*) dalcidiano. Isso se dá em função de o seu protagonista sofrer e passar por um processo de formação (*Bildung*), logicamente que isso se dá a partir de seu ingresso na educação formal (*Erziehung*). No entanto, a nós cabe a tarefa de saber como ocorre essa nova etapa? Quais os efeitos de uma educação e de uma formação em Alfredo?. Em que espaços se dá a sua formação? Já respondendo a essa última pergunta – no espaço urbano e periférico; no contrabalanço desses ambientes de tensões políticas vividas em Belém do Pará. Resta-nos compreender quais os dispositivos envolvidos nesse método de formação da personagem no romance. Em face disso, como podemos distinguir os saberes científicos e não científicos em que Alfredo e outras personagens estão imersos? Podemos cogitar a possibilidade de Alfredo ter acesso uma formação integral em vários aspectos da vida, e, ao mesmo tempo, uma educação sensível? Por fim, questionamos se *Primeira Manhã* apresenta processos de formação e educação aceitos na contemporaneidade? Como aproximar os saberes da obra dos saberes atuais, uma

⁵ ASSIS (2009); EIRÓ (2009); FARES (2009); FARIAS (2009); FURTADO (2009); OLINTO (2009); NETO (2009); XAVIER (2009).

vez que o romance se abre e se amplia em muitos aspectos no que concerne às práticas educativas de Alfredo?

Para tanto, nosso objeto de estudo se ancora em uma proposta dialética formulada a partir dos princípios lukácsianos e bahktinianos, tendo como base a pesquisa de cunho bibliográfico. A pesquisa é de caráter qualitativo sustentada e se sustenta nos autores: Gil (1999); Minayo (2009); Lüdke (1986); Marconi e Lakatos (2009). Além disso, busca aproximações com a Teoria do Romance de Lukács (2000); com a abordagem dialógica de Bakhtin (2003, 2010 e 2015) e com as formulações de Moretti (2009). No que concerne aos efeitos do Romance de Formação em *Primeira Manhã*, procuramos nos acercar de leituras sobre o gênero (*Bildungsroman*). Assim, partimos para uma cuidadosa revisão bibliográfica sobre o assunto, entretecendo proximidades com os escritos de Gadamer (2015); Mazzari (1999); Maas (2000); Castelo Branco (2004), esses autores foram fundamentais para o entendimento da recepção de Literatura e Educação no sexto romance do ciclo, tais aspectos surgem com base no olhar de Farias (2009) e Cardoso (2015).

Este trabalho se organiza em três partes. A primeira sobre as Linhas de entrada estabelece sobre o “Alvorecer” os seguintes tópicos: 1.1 Vida e obra de Dalcídio Jurandir; 1.2 O chão que nos sustenta; 1.3 Os caminhos que nos guiam; O primeiro item envolve questões relacionadas à vida e a obra do escritor Dalcídio Jurandir, surge com o objetivo de mostrar de onde e com quem estamos falando. Em seguida, adentramos ao Chão que nos sustenta, este item explora as bases teóricas que validam a nossa pesquisa. Posteriormente, discorreremos sobre os Caminhos que nos guiaram, momento em que ponderamos sobre a abordagem metodológica utilizada neste trabalho.

A segunda parte gira em torno de *Primeira Manhã* como romance de formação, se divide em três itens, a saber: 2.1 Do carocinho de tucumã ao Ginásio; 2.2 Os atropelos do tempo em Alfredo; 2.3 As ocorrências poéticas no espaço-tempo. O primeiro discorre sobre o percurso de formação evidenciado pelo protagonista nos romances que antecedem o 6º romance *Primeira Manhã* o que se configura os obstáculos que o menino Alfredo passou em Marajó até realizar o sonho de ser ginasiário em Belém/PA. Em seguida os atropelos do tempo causa-lhe profundo desequilíbrio interior e o terceiro aspecto volta-se aos espaços urbanos e periféricos de uma Belém em decadência, onde prevalece os saberes culturais e poéticos diante do romance.

Em um terceiro momento, discorre-se sobre uma Cartografia de Saberes de Alfredo, se divide em três itens, a saber: 3.1 Alfredo entre leituras e os devaneios; 3.2 O desencanto de Alfredo com a educação e o 3.3 O lugar físico e social de Alfredo. É sobre os aspectos de

psicologismo/memória que Alfredo retorna o seu sonho de ser ginasiano e se decepção frente ao modelo de educação da tão sonhada Belém, em seguida e evidencia-se os distintos saberes em que o protagonista se depara frente ao novo mundo e por fim, faz-se um levantamento cartográfico das andanças e vivências de Alfredo frente a um processo de formação, educação e saberes.

Portanto, coloca-se em evidencia o lugar físico e social de Alfredo demonstrando as travessias que percorre o narrador-personagem chamando atenção para alguns espaços da antiga cidade como, por exemplo, as antigas ruas, praças lagos, avenidas e a Travessa José Pio. Residência temporária do protagonista e seus vizinhos da José Pio, sem esquecer que o próprio Alfredo vive a sua eterna “errâncias” por uma Belém urbana e ao mesmo tempo periférica dos anos 1920 e 1950 do século XX chega-se as linhas de saída que conclui os passos sobre as investigações de um Alfredo em constante transformações, formações e saberes.

1 ALVORECER

1.1. Vida e obra de Dalcídio Jurandir

“uma epistemologia do Sul assenta em três orientações: aprender que existe o Sul, aprender a ir para o Sul, aprender a partir do Sul e com o Sul”.

(SANTOS, 2005, p. 508)

Antes de percorrermos a obra *Primeira Manhã* centramos o nosso olhar sobre o seu autor, primeiramente no tempo e no espaço para assim entendemos o contexto em que nasce o seu legado literário. Diante disso, as primeiras palavras sobre a vida e a obra de Dalcídio Jurandir começam a ser traçadas a partir da observância de um diálogo que estabelecemos com o pensamento de Boaventura Santos (2005), especialmente, sobre a reflexão presente em *Epistemologia do Sul*. Tal discussão se dá com base em algumas reflexões que o pensador faz sobre a América Latina.

Situados no referido debate e à luz de Santos desenvolvemos também a nossa Epistemologia de saberes dalcidianos, nesse caso específico, pousando o nosso olhar ao Norte do Brasil, de igual modo, também propomos uma possível epistemologia do Norte. Proposta se assenta no tripé: *aprender que existe o Norte, aprender a ir para o Norte, aprender a partir do Norte e com o Norte* (destaque do autor), a partir desses questionamentos apresentamos Dalcídio Jurandir.

O primeiro aspecto gira em torno do *aprender que existe no Norte*, sobre essa formulação o enxergar das produções literárias de Dalcídio Jurandir (1909-1979) vindas do Norte do Brasil; como a sua obra passou a ganhar “minúsculos” espaços diante das produções canônicas de uma Literatura Brasileira. A crítica contemporânea a literatura nacional, sobre o olhar que estudiosos como Alfredo Bosi (1978)⁶, Afrânio Coutinho (1987)⁷, Massaud Moisés (1989)⁸ atribuem ao escritor marajoara, quase sempre, destinam poucas e insignificantes linhas. Contudo, foi a partir desse apagamento do nome do autor na cena literária nacional que

⁶ Bosi em *História Concisa da Literatura Brasileira* destaca Dalcídio entre os autores modernista de 30.

⁷ Coutinho em *A Literatura no Brasil* caracteriza como escritor de vertente regional da literatura brasileira.

⁸ Moisés em *História da Literatura Brasileira* (1989) considera Dalcídio como um dos representantes do regionalismo amazônico.

o primeiro passo para o seu reconhecimento foi dado. Contraditoriamente e à contrapelo o nome de Jurandir vai aos poucos tomando o seu lugar na lista das produções dos escritores da região.

Dessa forma, ainda para alguns críticos, esse primeiro sopro da crítica vem acompanhado de algumas denominações como: “regionalista menor”, como bem nos lembra Furtado (2010, p. 13) ao comentar sobre esse regime de invisibilidade.

Destaca-o como o mais complexo e moderno entre autores como Peregrino Jr, Abguar Bastos, Osvaldo Orico, Raimundo de Moraes, grupo produtor de romances amazonenses arrolados na linha que, segundo o crítico proliferou na literatura brasileira nos anos de 30 e de 40, isto é, romances que “encarnavam um regionalismo menor, amante do típico, do exótico, e vazado numa linguagem que já não era acadêmica, mas que não conseguia, pelo apego a velhas convenções narrativas, ser livremente moderna.

Por essa época, era comum os críticos atribuírem a Jurandir a autoria de uma “literatura menor”, sobre as circunstâncias da década de 30 a 40, foi inserido em um movimento com características modernistas. Novamente, Furtado (2010, p. 13) ao criticar Afrânio Coutinho rebate essa percepção de ficção regionalista:

Em meio ao grupo nortista, o jovem Dalcídio, [...] Depois, no quinto volume, cita-o três vezes mais. Primeiro, entre os seguidores da vertente nacional, histórica e regional da literatura brasileira ao lado, dentre outros, de Abguar Bastos, João Ubaldo Ribeiro, Márcio de Souza, Antônio Torres; [...] “documento urbano-social realista”, ao lado de Érico Veríssimo, Oswald de Andrade, Lígia Fagundes Teles e outros.

Por outro lado, em muitas leituras que encontramos das obras dalcidiana vimos que há um lugar de destaque e reconhecimento, essa classificação de alguns autores que colocaram a sua obra nas “margens” e nas “bordas” de um cânone nacional, acaba cedendo lugar para o destaque e até mesmo à re colocação do nome do escritor nortista ao lado de grandes nomes da literatura mundial, ressaltando acima de tudo, o caráter não só inovador como autônomo do estilo de autor. Sobre essa questão encontramos no estudo de Alonso (2012, p. 65) opiniões que contradizem a primeira impressão da crítica literária brasileira.

A crítica acadêmica e a de jornais, quando relacionadas, como se observa, criam um estado de grande indefinição conceitual, pois Dalcídio é comparado a Zola, que é naturalista, a Proust, que é impressionista e a Dostoiévski, que está em sintonia com o realismo psicológico.

Nesses termos, o jogo de valores impresso a partir das recepções estéticas de seus romances, muitas vezes, recai em algumas armadilhas, ou mesmo no caráter valorativo, em

alguns casos, por falta de conhecimento mais aprofundado sobre os romances de Jurandir acabam por tecer leituras equivocadas sobre o autor e as suas obras. Diga-se de passagem, que o preconceito que alguns críticos demonstram em relação aos autores e as produções vindas do interior do Brasil, são causados pelo desconhecimento de suas leituras sobre as obras.

Sérgio Milliet (1947-1981) com seus *Diários Críticos*, volume IV, escreve algumas páginas sobre Jurandir, seu estudo se detém especificamente nos romances: *Chove nos campos de Cachoeira* e *Marajó*, em sua leitura acentua que ao ler os romances “saiu pingando, molhado até os ossos, disposto a comprar um bom guarda chuva ou uma capa de borracha”, citado por Zélia Amador de Deus, em “Dalcídio Jurandir: regionalismo, relações raciais e de poder, em *Marajó e Três casas e um rio*” (2001, p.17.b).

A opinião de Furtado (2010, p. 9) é exatamente a de contrapor a visão de muitos críticos que acabaram por defini-lo como um autor de “escrita inferior”, “menor”, ou seja, “um tom, bem a abaixo” do já utilizado por Alberto Rangel, Euclides da Cunha, quando comparado com esses escritores.

Como bem assegura Alonso Jr (2012, p. 65), basta entender que para muitos críticos Jurandir é considerado como um autor de escrita universal comparado a Émile Zola, a Proust e a Dostoiévski. Para Pressler (2007, p. 67) o escritor brasileiro “é universal”. Antônio Olinto (2009, p. 14) em seu estudo: “Dalcídio, o romancista de um povo” o autor é descrito como “dono de seu chão, incorpora todo o mundo amazônico, numa visão geral da terra, da gente e dos ódios e amores que as envolvem”.

Mediante esses pontos de vistas é que reforçamos a expressão do *aprender a ir para o Norte*, pois assim entendemos quão fundamental é se banhar nos saberes da região para melhor entender esse espaço ainda tão á margem de uma história literária. Nesse sentido, sugerimos a imagem da canoa responsável pelo ir e vir nas águas da Amazônia, assim sendo, o profundo conhecimento da região ainda é um dos caminhos pelos quais devemos entrar na obra de Jurandir, como notamos muito bem no trabalho de Nunes (2012, p.15) ao afirmar que:

Dalcídio Jurandir, figura humana por vezes polêmica, está a enunciar um novo paradoxo. Parcialmente inter(editado) ele refloresce em diversos trabalhos acadêmicos em vários cantos do país. Desde o estudo da linguagem cabocla elaborado pela prof.^a Rosa Assis no início da década de 80 do século XX, até o estudo feito por Willi Bolle, da Universidade de São Paulo, Audemaro Taranto, da PUC Minas, passando ainda por instigantes estudos de Olinda Assmar, Enilda Newman, Pedro Maligo, José Arthur Bogéa, Marly Furtado, Vicente Salles, Themistocles Linhares, Gunter Pressler, entre outros, a obra de Dalcídio parece trilhar uma nova fase, redescoberta que foi pelas trincheiras universitárias, o que ajuda, embora

apenas parcialmente, a preencher um imenso vácuo na cultura literária nacional.

É a partir desse paradoxo do *visível* ao *invisível*, do *sensível* ao *insensível* que as percepções dalcidianas ganham espaço nas visões de Rosa Assis, seu ponto de vista ilumina muitos aspectos dos romances de Jurandir. Por exemplo, em Dalcídio Jurandir, a descrição marcante do local e regional da gente do povo não ganha a preocupação científica. O escritor se vale de todo substantivo, adjetivo e verbos, quanto expressões coloquiais, em busca de narrar a sua saga romanesca. A linguagem, a fala das personagens pode ser vista como um dos principais dados de atestação universal, ao mesmo tempo em que passam a ganhar distintas realidades e horizontes de leituras.

Para Furtado (2010, p. 180) “a linguagem, belissimamente trabalhada no romance, ajuda-o a se distanciar do vezo naturalista de trinta”. Em outro estudo, a obra dalcidiana recebe destaque também de Pedro Maligo (1992, p. 48-57):

Na sua combinação de visão histórica, crítica e mosaico cultural abrangente, os romances de Dalcídio Jurandir representam uma tentativa de afastar-se do discurso tradicional, o qual o autor compara à velha ordem econômica cujas consequências devastadoras ele denuncia continuamente até o último romance do ciclo.

Sobre a importância de nos banharmos nas culturas (no plural) e na forma como os saberes se imprimem nas diversas vozes de Jurandir, como nas diversidades linguísticas, socioculturais do povo, do homem amazônida, nos lembra as palavras contidas no ensaio “Chão de Dalcídio”, de Vicente Salles (1992, p.369)

O romance é um mergulho profundo no acervo de conhecimento popular. Mas sua estrutura é menos formal e conservadora do que se imagina. Ele entrega ao leitor uma soma considerável de informações folclóricas, com interesse etnográfico e antropológico [...] Vislumbro neste romance algo que nos parece extremamente valioso e renovador na técnica da ficção brasileira.

É nosso “índio sutil”, o hábil trapezista que paira na linha do nosso Equador” (NUNES, 2012, p. 16). E Salles (1992) acrescenta que Dalcídio Jurandir não se limitou ao seu universo, criou seu painel de personagens, com dramas voltados às condições humanas. Fares e Nunes, (2007, p.87), em *Fragmentos de Marajó, o descaído livro do Extremo Norte* relembra o estudo de Salles, em resposta ao *Mestre Vicente Salles, nos viscerais estudos sobre Chão de Dalcídio*, é categórico ao destacar as palavras do Mestre: “não é possível escrever a história social paraense sem o conhecimento da obra de Dalcídio Jurandir”. De acordo com a

pesquisadora Assis (2008, p. 16), Jurandir era um exímio interessado pelos assuntos da cultura, colhia e anotava tudo o que via, em seguida, transformava tudo em matéria de ficção.

Ao longo de muitos anos Dalcídio Jurandir acumulou vivências, experiências, observações, anotações, estudos, pesquisa, indagações que ficaram armazenadas na sua memória, para depois se infiltrarem em suas imaginações, até desaguarem como uma torrente em seus romances regionais todo esse forte conteúdo sociocultural.

Com base nisso, a escrita dalcidiana pode ser encarada como um campo de distintos conhecimentos, muitos ainda a serem pesquisados a partir dos fatos históricos, sociais, culturais, políticos e econômicos dos anos 20 aos anos 50 do século XX. O imaginário e os saberes fluem e não conseguimos sair das leituras dos romances sem nos molharmos, os rios de descrições e lembranças da realidade do homem da/na Amazônia paraense, é à nós apresentados.

Tomamos outra vez as palavras de Furtado (2010, p.184) com o objetivo de ressaltar a forma como os seus romances reconstruem as cenas da cidade, dos pontos urbanos e periféricos por onde Alfredo transita.

Essa sobreposição do universo urbano ao rural, veja-se, acaba sendo recriada por Dalcídio Jurandir como elemento temático em sua obra, diferentemente dos autores regionalistas que focalizaram determinado interior distanciado do mundo urbano, retratando o primeiro, em contraste como segundo, como rude, ou tosco, ou até mesmo bárbaro.

Para que tenhamos uma noção dessa diversidade de cultura expressa a partir da arte ficcional de Jurandir, Furtado (2010, p. 185) afirma que:

Estaria a obra dalcidiana dividida em dois blocos: o primeiro representado pelos quatro primeiros romances (*Chove nos campos de Cachoeira, Marajó, Três casas e um rio e Belém do Grão-Pará*) e o segundo pelas seis obras (*Passagem dos inocentes, Primeira Manhã, Ponte do galo, Os habitantes, Chão dos lobos, Ribanceira*)

Sobre essa forma de compreender historicamente a cultura, Alfredo Bosi classificou que o primeiro a partir dos anos 1930-1945-1950 e de 1950 -1955. Enquanto o segundo, volta-se aos anos de 1963- 1978 do século XX. São algumas noções para quem busca analisar sob os parâmetros históricos os romances de Jurandir. Existem autores, pesquisadores,

professores que enxergam o valor sociocultural dos romances de Jurandir, como uma das mais significativas produções romanescas de nossa literatura universal.

Nunes (2001, p. 9) por sua vez “faz-se um alerta, sobretudo aos herdeiros do escritor, detentores dos direitos da obra, um romancista como [Dalcídio Jurandir], não pode ficar submerso no mar de Lethe”. Em outro momento, o mesmo Nunes (2001, p. 36) acrescenta que:

Embora sabendo que Dalcídio é praticamente autodidata, pois as condições socioeconômicas de sua família não lhe permitiram concluir os estudos ginasianos, percebo nele um autor antenado com as referências universais da criação romanesca de sua época: Balzac, Stendhal, Proust, entre outros. No rol de leituras formadoras, Inglês de Sousa, a meu ver, é influência decisiva.

Muitos aspectos relevantes da biografia de Jurandir são levantados por Pressler (2008, p. 82) em um artigo intitulado: *Dalcídio Jurandir: a escrita do mundo marajoara não é regional, é universal*, em seu estudo deixa claro seu ponto de vista sobre a escrita do escritor, sem esquecer de chamar atenção para o caráter universal de seus romances, em outras palavras, o estudioso afirma que, quando comparados aos dos grandes nomes de nossa literatura mundial, ele tem seu nome em destaque.

Jurandir foi um leitor atento e apaixonado do romance do século XIX, particularmente do romance russo. Envolvido com o ideal da “objetividade” do estilo realista/naturalista, mas sensível ao mundo subjetivo e psicológico de Dostoiévski, Jurandir busca seu próprio caminho na poesia do “dar a ver” (João Cabral de Melo Neto), criando na sua obra uma visibilidade externa (Chove nos campos de Cachoeira, Três Casas e um Rio, Marajó, etc. Podemos chamar todos os títulos do “Ciclo do Extremo Norte”), por “necessidade” cultural-ideológica (o programa literário) e uma visibilidade interna (humana, universal), na verdade, em busca de uma terceira visibilidade; a mais característica a visibilidade poética, a da palavra. (PRESSLER, 2000, p. 2).

Adentramos agora ao terceiro aspecto, ao ponto em que dissertamos sobre o *aprender a partir do norte e com o norte*, para isso temos que nos voltar para biografia de Dalcídio Jurandir Ramos Pereira, filho de Alfredo Pereira e Margarida Ramos, nascido aos 10 de janeiro de 1909 na Vila de Pedras, na Ilha do Marajó⁹, dando os primeiros passos em sua

⁹ Ilha do Marajó – é a ilha localizada na Região Norte do Brasil entre os estados do Pará e do Amapá e banhada pelo oceano atlântico, além dos rios Amazonas e Tocantins. A teoria mais aceita sobre a origem do nome Marajó faz menção às observações dos índios nativos da ilha, que a denominaram de “Mibaraió”, e que em língua tupi significa “anteparo do mar” ou “tapamar”. A ilha de Marajó, possui uma área de 40.100 km², dividida atualmente em 15 municípios, sendo que o principal destes é Soure com 22 mil habitantes, Salvaterra com 17 mil

educação na Vila de Cachoeira. Aos 26 anos casa-se com Guiomarina Luzia Freire, com quem teve quatro filhos. O primeiro filho chamado Alfredo falece aos onze meses em 1937. No mesmo ano, em agosto nasce João Sérgio, em 1940, no mês de maio, José Roberto, e em 1942 sua filha caçula, Margarida Maria.

Jurandir escreveu 11 (onze) romances, que se filiam ao *Ciclo Extremo Norte*, fruto de uma escrita ficcional, poética e universal, em que desnuda diante do leitor conflitos humanos como a solidão, o ciúme, a inveja, o amor, a disputa pelo poder. Tudo a partir de uma poética que associa os níveis sociais, populares e literários de linguagens da Amazônia paraense, do Norte do Brasil. Torna-se um autor reconhecido por suas criações narrativas literárias e por ser um atento leitor, pesquisador e jornalista.

Um poliglota! falava francês, alemão, russo e português e muito de sua “bagagem cultural” vem das assíduas leituras de autores estrangeiros e nacionais, como *Fausto* (*feusto ou faust*), de Johann Wolfgang Von Goethe, *Comedor de ópio*, *Paraíso artificiais*, de Charles Baudelaire. Leu romances de escritores alemães, leu *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, em 1935, ano em que esteve preso. Em russo, as leituras que lhes serviam de base eram de Nikolai Gógol com as *Almas Mortas*, Leon Tolstói e as suas obras *Guerra e Paz*, *A Morte de Ivan Ilichev* e *Ana Kerenina*. As referências literárias do autor não param por aí, estendem-se até as obras de de Fiódor Dostoiévski, com as obras *Niétochka Niczvânova*, *Crime e Castigo*, *O Idiota* e *Os Irmãos Karamazov*. Dizem alguns críticos que foram as leituras de Gógol, Tolstói, Dostoiévski e de Górkí que fizeram com que os horizontes de leituras se ampliassem ainda mais, esse caráter parece mesmo ser notável em suas obras que ao ambientar os seus romances fez com que estes ganhassem um teor profundo e criativo do ponto de vista da criação literária.

Com relação às leituras de autores brasileiros, lembramos logo de Jorge Amado, com quem trabalhou, e com quem teve uma relação essencial para seu crescimento enquanto escritor. Na correspondência entre Dalcídio e Guiomarina, constam ainda referências às leituras de obras como: *Os Curumbas* (1933), de Armando Fontes, a obra *Mixuongo* (1937), de Valdorino Silveira, as publicações de Otávio de Farias com 20 volumes. Incluem-se nessa lista as *Religiões Negras* (1936), de Edison Cordeiro, o *Negro Brasileiro* (1934), de Arthur Ramos, Araújo Pereira, Cruz e Souza, Euclides da Cunha, José Veríssimo, dentre outros. Acentuam-se como bases primordiais de sua tessitura romanesca, além das influências de leitura do amigo Doutor Raynero Maroja, de quem emprestava livros de autores como

Augusto dos Anjos, Fialho Castilho, os livros de Guerra Junqueira, Cruz e Souza e Balzac formaram a intelectualidade de Jurandir no Brasil.

Por ser leitor de romances e ter uma habilidade com a escrita, escreveu para vários veículos de comunicação. No Rio de Janeiro colaborou com os jornais *O Radical*, *Diretrizes*, *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Tribuna Popular*, *O Jornal*, *Imprensa Popular*, revista *literatura*. Publicou nas revistas, *O Cruzeiro* e *Os semanários*, *A classe operária*, *Para Todos* e *Problemas*. Em alguns desses meios de comunicação trabalhou como repórter da *Imprensa Popular*, em 1952, ano em que Jurandir viaja para a União Soviética como repórter.

Devido sua inconfundível autonomia e dinamismo na escrita, passou a fazer parte como redator de jornais paraenses, participou de diversas revistas de caráter revolucionário na Amazônia paraense, defendendo ativamente o movimento da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Lutou contra o fascismo e difundiu as ideologias do socialismo na região Norte de nosso país. Por esse motivo, foi preso por cinco meses, os dois primeiros meses no ano de 1935 e os outros três meses em 1937.

Em 1940, Dalcídio submeteu as suas obras ao prêmio *Dom Casmurro de Literatura* promovido pelo jornal *Dom Casmurro* e pela Editora Vecchi. *Chove nos campos de Cachoeira* obteve o primeiro lugar no concurso literário, o que levou a ser publicado, no ano 1941, pela editora do concurso. E o romance *Marinatambalo*, que depois foi nominado de *Marajó*, obteve o terceiro lugar.

Naquele mesmo ano, graças ao reconhecimento promovido pelo prêmio, Jurandir mudou-se para o Rio de Janeiro, onde desenvolveu e ampliou suas atividades intelectuais como escritor e jornalista. Daí em diante, muitos outros prêmios foram conquistados, como por exemplo o *Prêmio Paula Brito* – Biblioteca Estado da Guanabara – 1960, com a obra *Belém do Grão Pará* (1960), pela editora Martins, assim como o *Luiza Cláudio de Souza*, instituído pelo Pen Clube do Brasil e o *Prêmio Machado de Assis* – Academia Brasileira de Letras – 1972, concedido pelo conjunto da obra.

Consideramos como romance embrião a obra *Chove nos campos de Cachoeira* (1941), esse primeiro romance apresenta ao leitor um dos teores da máxima dalcidiana na forma como o poético e a *artesanía* da linguagem são trabalhados, por sua vez, a realidade e os saberes brotam das vivências do povo, em um contexto da região Norte de nosso país. Lembramos ainda que o escritor encontrou o seu melhor intérprete, ao universalizar os temas amazônicos que ultrapassaram as fronteiras do mero regionalismo, inscrevendo a sua obra no contexto cultural da Literatura Brasileira, conforme Prefácio da 3ª edição (1991).

O romance *Chove nos Campos de Cachoeira* possui as seguintes edições: a 1ª edição de 1941, Rio de Janeiro: Vecchi; a 2ª edição de 1976, Rio de Janeiro: Cátedra; a 3ª edição de 1991, Belém: CEJUP; a 4ª edição de 1995, Belém: CEJUP; a 5ª edição de 1997, Belém: CEJUP/ Secult/A Província do Pará; a 6ª edição de 1998, Belém: edUnama; a 7ª edição de 2005 Belém/Rio de Janeiro: Edufpa/Casa de Rui Barbosa, e ainda a “Nova e definitiva edição”, de 2011, Rio de Janeiro: 7 Letras.

Ressaltamos que os romances *Marajó* (1948), *Três casas e um rio* (1958), *Linha do Parque* (1958), *Ponte do Galo* (1971), *Os Habitantes* (1976) e *Chão dos Lobos* (1976) não figuram como objeto analítico deste trabalho, pois essas obras escapam do foco de nossa pesquisa. No entanto, fizemos a leitura dos livros: *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941) por ser o romance embrião, *Belém do Grão-Pará* (1960), por apresentar o protagonista em ambientes urbanos e periféricos de Belém-PA. Assim como lemos o romance *Passagem dos Inocentes* (1963), que aborda a permanência de Alfredo em Belém. Por fim, o 6º romance *Primeira Manhã* (2009), o nosso objeto de análise por apresentar as experiências e andanças de Alfredo em um processo de formação em ambientes urbanos e periféricos de Belém.

Em *Belém do Grão-Pará*, Alfredo protagoniza a superação da temporalidade e a espacialidade angustiantes do Ciclo Extremo Norte. O romance conta com três publicações publicado: a 1ª edição de 1960, São Paulo Martins; 2ª edição de 1975, Portugal Publicações Europa-América e por fim uma 3ª edição publicada em 2005 Belém/Rio de Janeiro EDUFPA/Casa de Rui Barbosa. *Passagem dos Inocentes* possui apenas duas edições publicadas, sendo que a 1ª edição é de 1963, São Paulo: Martins e em uma 2ª edição de 1984, Belém: Falângola.

O romance *Primeira Manhã* contava com apenas uma edição, de 1968, São Paulo: Martins, esse é um dos motivos que leva a EDUEPA a reeditar a 2ª edição, em 2009, em comemoração ao Centenário de Dalcídio Jurandir. Na apresentação da edição mais recente Xavier (2009, p. 9) complementa que “Dalcídio Jurandir sintetiza a terra e o homem da Amazônia, universaliza nossa cultura, nossa fala e nosso pensar em sua escrita pulsante. Quem roeu um caroço de tucumã quando pequeno, mergulhará nas delícias de lembranças, reconstruirá imagens e contradições”.

Dessa maneira, por meio da ficção o romancista busca reabrir as discussões sobre as práticas educativas em nosso Brasil, em especial, a problemática da educação do homem na/da Amazônia, do Norte de nosso país que sofre com o atraso em questões básicas de sobrevivência dos povos e gentes marajoaras. No texto intitulado *Clareúmes*, Fares (2009, p. 11-12) afirma que:

O romance *Primeira Manhã*, de Dalcídio Jurandir, inaugura a linha editorial Memórias Reeditadas, da Editora da Universidade do Estado do Pará (EDUEPA), que objetiva publicar obras literárias ou científicas esgotadas, referentes à Amazônia, de relevância acadêmica e fora de catálogo, podendo assim contribuir para a reinserção do livro nas estantes de livrarias nacionais. Outra razão diz respeito ao teor do romance, pois através do ficcional, trava-se uma discussão sobre práticas educativas no Brasil-Amazônia. Alfredo, o protagonista aprende em contato com as pessoas da rua, da casa, do bairro, locais onde a cultura de conversa gesta e protagoniza saberes oriundos, sobretudo, da leitura do mundo marajoara, dos catálogos do pai, da convivência com a tradição e a praticidade da mãe, e posteriormente do mundo em Belém.

Alfredo é o personagem central do *Ciclo*, excetuando-se o romance *Marajó*, o menino vive a sua *Primeira Manhã* de Ginásio, espera tão cobiçada, com acontecimentos e impressões que lhe ferem profundamente a adolescência. O pequeno Alfredo se depara com novos personagens, vai morar em outra casa e com outra gente, cujos problemas terminam por se agravar, pois a sua sensibilidade e grandiosa, demonstra ser um estudante sempre inquieto e ávido para apreender o mundo.

Em todo caso, são obras transformadoras e de um teor de valor cultural e humano que transforma a realidade dos sujeitos em nossa sociedade. Dessa forma, decidimos trabalhar com a obra *Primeira Manhã* pelo fato de ser uma obra submersa em meio ao *Ciclo* por conta de sua quase invisibilidade no meio acadêmico.

Pelos idos de 1970 o legado da escrita de Jurandir chega ao fim, após sete anos de luta contra o *mal de Parkinson*, o escritor veio a óbito aos 16 de junho de 1979 na cidade do Rio de Janeiro. Anos depois, Jorge Amado o saudou no prefácio da 3ª edição de *Chove nos campos de Cachoeira*, publicado pela Cejup em 1991.

Romancista que não se parece com nenhum outro dos grandes ficcionistas brasileiros, marcado por um perfeito equilíbrio de linguagem, de extremo bom gosto. Trabalhando o barro do princípio do mundo do grande rio, a floresta e o povo das barrancas, dos povoados, das ilhas, da ilha de Marajó, ele o faz com a dignidade de um verdadeiro escritor, pleno de sutileza e de ternura na análise e no levantamento da humanidade paraense, amazônica, da criação e dos adultos, da vida por vezes quase tímida ante o mundo extraordinário onde ela se afirma. (AMADO, 1991, p. 10).

Com a saudação do escritor baiano fechamos as considerações sobre a sua fascinante experiência de vida. Finalizamos essa parte reafirmando o lugar de um grande intelectual das letras, da arte, da literatura, do romance do homem amazônida e da realidade do ser humano.

A literatura nacional brasileira perde um dos grandes ficcionistas do século XX, um importante nome que tem seu nome lembrando quando se fala das realidades e dos contextos do homem amazônico.

1.2 O chão que nos sustenta

Este trabalho se firma no campo das teorias críticas do romance, especialmente, nas leituras sobre o Romance de Formação. No que concerne à teoria do romance, recorreremos aos estudos de Lukács (2000); Bakhtin (2003, 2010 e 2015); Moretti (2009) por entendermos que são autores essenciais que nos auxiliam no estudo dos textos dalcidianos.

A obra do húngaro Lukács (1885-1971) é indispensável como base teórica para o presente estudo, por se debruçar na tradição narrativa do mundo ocidental. Essas leituras levam a distintos campos de conhecimento e temas como: consciência de classe, estética, intelectualidade, a política e a questão das formas romanescas. As suas abordagens sobre o (gênero ou forma) romanesca do século XIX, por sua vez, defendidos a partir da obra *Teoria do romance* passam a ser fundamentais na busca de esclarecer os caminhos a serem tomadas como base teórica. Neste livro, o autor concebe o romance como forma e exigiria um outro tipo de posicionamento do herói frente ao mundo, este tipo de romance se assenta nas profundidades das dores do eu interior, do eu-lírico e suas profundas “problemática da alma”.

Para Lukács (2015, p. 124) “a vida faz-se criação literária, mas com isso o homem torna-se ao mesmo tempo o escritor de sua própria vida e o observador dessa vida como uma obra de arte criada. Essa dualidade só pode ser configurada liricamente”. Dessa forma, o estudioso considera que o herói romanesco tem a alma maior que o mundo e que a desilusão é a riqueza da alma, “renuncia a todo papel na configuração do mundo exterior” (LUKÁCS, 2015, p. 123), ao mesmo tempo em que considera que

o romance é a forma da aventura do valor próprio da interioridade; seu conteúdo é a história da alma que sai a campo para conhecer a si mesmo, que busca aventuras para por elas ser provada e, pondo-se à prova, encontrar a sua própria essência. (LUKÁCS, 2015, p. 91).

Ainda para o mesmo autor a mentalidade do romance é a virilidade madura, e a estrutura característica de sua matéria é seu modo descontínuo, o hiato entre interioridade e aventura” (LUKÁCS, 2015, p. 91). Abre precedente para dialogarmos com eu interior presente nos protagonistas de romances de formação, e que por essa tendência fazemos links com as dores do eu dalcidiano, presentes no sexto romance *Primeira Manhã*.

Em linhas gerais, os fatos apresentados por Lukács em sua *Teoria do romance* tem como base o pensamento marxista e da *Forma*, ambas as concepções (mesmo com o abismo existente entre as duas extremidades) se tornaram objetos de interesse do filósofo. O primeiro, centra-se sobre o pensamento lukacstiniano das ciências do espírito a partir de Dilthey, Simmel e Max Weber, considerados seus horizontes teóricos e históricos para a formação ideológica de aspectos para uma crítica romanesca.

Para o romance do século XIX, o outro tipo de relação necessariamente inadequada entre alma e realidade tornou-se mais importante: a inadequação que nasce do fato de a alma ser mais ampla e mais vasta que os destinos que a vida lhe é capaz de oferecer. A diferença estrutural decisiva que daí resulta é que não se trata aqui de fato *a priori* abstrato em relação à vida, o qual deseja realizar-se em ações e cujos conflitos como o mundo exterior rendem a fábula, mas sim de uma realidade puramente interior, repleta de conteúdo e mais ou menos perfeita em si mesma, que entra em disputa com a realidade exterior, tem uma vida própria rica e dinâmica – que se considera, em espontânea autoconfiança, a única realidade de realizar essa equiparação confere à composição literária o seu objeto. (LUKÁCS 2015, p. 117-118).

Esse fator é determinante para o nascimento da narrativa do “indivíduo épico” solitário. O herói da epopeia está ligado ao destino de sua comunidade, daí a recorrência dos membros da elite (Burgueses) como personagens, dessa forma “o herói épico nunca é, a rigor, um indivíduo” (LUKÁCS 2015, p.60), dada a cultura fechada helênica e sim um gênero romanesco centrado em uma forma interna do romance no qual são considerados “a peregrinação do indivíduo problemático rumo a si mesmo”. (LUKÁCS, 2015, p. 82).

No entanto, empregar as leituras de Lukács do século XIX à uma perspectiva de leitura do romance, é compreender um herói em decepção dentro do mundo, prosaico, esmagando e “demoníaco”, com a alma simplória do herói ligado ao idealismo abstrato. Uma verdadeira “interioridade, a que se nega todo caminhar de atuação, conflui em si mesma” (LUKÁCS 2015, p. 124). Na verdade, o herói desse tipo de romance continua perdido em um mundo sem “deus”, significa dizer que ele vive em um mundo melancólico, desajustado, rompido, esvaziado, sempre peregrinando pelo mundo interior (memória) e vagando pelo mundo exterior (mundo real).

Por essas e outras razões, recorreremos a esse tipo de base teórica uma vez que o nosso objetivo é compreender, a partir dos passos do protagonista, o processo educativo de Alfredo, em andanças e experiências em uma Belém urbanizada e periférica. Nesses moldes, entendemos que a psicologia do herói é a base “demoníaca” que justifica as suas andanças

no/do mundo, o romance é a forma da aventura do valor próprio da interioridade, seu conteúdo e a história da alma que sai a campo para conhecer a si mesma e busca aventuras para a provação de sua própria essência, tal qual afirma (LUKÁCS, 2015, p. 91).

Assim, o romance recai em uma ironia como forma constituinte da auto superação da subjetividade a partir da “virilidade madura” que Lukács nos apresenta como forma representativa do romance. O mesmo crítico buscou discorrer sobre a forma prioritariamente “fechada” em si mesmo, o que gera uma *unidade* e, é desse tipo de unidade que faz surgir dois aspectos a serem levados em consideração tais como: a *forma lógica* e a *forma estilística*. No entanto, a forma estética, se diferencia por desenvolver uma relação utópica, por esse motivo, a forma instaura um movimento de “valor” que se estabelece como o único valor do “vivido ou vivências” que se concretizam nas décadas de 40 e 50 do século XX. O que chamou a nossa atenção em relação a leitura da obra *Teoria do Romance*, foi um olhar na tentativa de entender a forma estética como valor do vivido ou vivência, fator que nos auxiliou como leitura em busca de analisar no romance dalcidiano e as suas “formas estéticas”.

É nesse sentido que o romance *Primeira Manhã* ganha visibilidade interpretativa, pois sintetiza a matéria do “vivido”, dá ênfase às travessias de vida e os percalços de Alfredo. Além do mais, nesse percurso da caminhada do herói, a obra problematiza e questiona os processos de formação da personagem, as etapas ultrapassadas e os acontecimentos protagonizados pelo herói; ao mesmo tempo em que chama atenção para o trânsito livre de saberes, práticas culturais e formacionais dentro de ambientes escolares e não escolares, com isso queremos dizer que a educação em *Primeira Manhã* se dá não somente no espaço formal de ensino, mas inclusive na esfera do espaço público, nos mais variados e distintos ambientes urbanos e periféricos da cidade onde transitam diferentes saberes e práticas educativas. Nesse âmbito, por ser uma obra que traz à lume questões ligadas à realidade sociocultural dos anos 20 e 50 daquele século, perfaz também uma importante genealogia das problemáticas do homem na/da Amazônia paraense, mediante esses processos, de modo geral o romance acompanha o processo de educação, formação e saberes dentro de seu contexto de época.

Em meio a esse contexto a diversidade do mundo empírico e sua heterogeneidade se destacam, no mundo da forma artística, a heterogeneidade faz surgir a intensidade vivida, captada e aprendida pelo romance que passou a responder as questões de um desejo humano, que, no caso de Alfredo, é a autonomia do “ser” e diluição do eu frente ao mundo. Para tanto, podemos assim dizer que o romance é forma iluminadora e recriadora de mundos e diferentes realidades, uma atualização do passado no presente, pois a sua força propulsora é também

criar e alimentar um círculo, a força vital do romance reside na sobrevivência das eras, na maneira dá ao tempo um caráter atemporal, um *status* permanente e atual.

O temporal está para a ultrapassagem do tempo. Portanto, para o transitório, ao mesmo tempo em que é universal, por outro lado; o atemporal se dá quando a própria realidade passa a ser a forma de realidade, ou seja, a possibilidade de realizar ou transmitir valores a partir dos dramas tecidos pelo romance, passam a ser objetivados, a ser visíveis aos olhos do receptor/leitor, este por sua vez é quem confere vida e agrega valores distintos para realidade. Para Lukács (2015, p. 91): “O romance é a forma da aventura do valor próprio da interioridade; seu conteúdo é a história da alma que sai a campo para conhecer a si mesmo, que busca aventuras para por elas ser provada e, pondo-se à prova, encontrar a sua própria essência”.

Sendo assim, a dialética entre o eu e mundo a que se refere Lukács é o que figura no centro da personalidade de Alfredo, pois uma vez imerso em seus dramas, conflitos interiores e exteriores se debate com outras realidades e com o mundo ao seu redor. Assim, o mundo o afeta profundamente porque carrega em si a sensibilidade, a luta entre o eu e o “mundo”, o sentir da vida, sendo esta uma das características universal do herói. Nesse patamar, o herói se mostra universal, seus dramas não diferem das dores do mundo, a “alma maior que o mundo” sente as intensas dores físicas e mentais que padece a sociedade.

Com base no exposto acima seguimos com o intento de discorrermos sobre os processos de formação de Alfredo em *Primeira Manhã*, pois assim entendemos que no caso específico desse romance, o tempo se insurge como uma categoria de suma importância. Desse modo, o tempo da narrativa é essencial para a organização formal da obra, nesse aspecto, é que o tempo da recordação (Mnemósine/memória) se associa ao psicologismo que une objeto e sujeito, garantindo a sua dinamicidade.

É o tempo que torna possível esse triunfo. Seu fluxo desenfreado e ininterrupto é o princípio unificador da homogeneidade que lapida todos os fragmentos heterogêneos e os põe numa relação recíproca, se bem que irracional e inexprimível. É ele que ordena o caos aleatório dos homens e lhe empresta a aparência de uma organicidade que floresce por si; sem outro sentido que não evidente, personagens emergem e, sem evidenciarem nenhum sentido, submergem novamente, travam relações com os demais e as rompem a seguir (LÚKÁCS, 2015, p.132).

O tempo como categoria fundante nos romances dalcidianos recupera fatos, trava conflitos, gera reações e ações antes desconhecidas e imprevisíveis das personagens; o tempo é a base unificadora da homogeneidade de todas as relações heterogêneas dos dramas e tramas

em uma tessitura narrativa. Por sua vez, as concepções de Mikhail Bakhtin (2010, p. 238) reforçam que “a formação (transformação) do homem varia, porém, muito conforme o grau de assimilação do tempo histórico real”. Para o estudioso o que reúne diversas obras sob o rótulo de Romance de Formação é a transformação da personagem principal, de outro lado, o que as separa é o grau de transformação da personagem, variando de acordo com o grau de assimilação do tempo histórico.

Por esse motivo, retomamos aspectos presentes em obras como a *Estética da criação verbal* (2003); *Questões de Literatura e de Estética* (2010) e *A teoria do romance* (2015). A leitura de *Estética da criação verbal* nos interessa por se ocupar de aspectos do romance de educação, presente no capítulo II do referido livro, tem como proposta apresentar alguns pontos significativos que nos auxiliaram no diálogo com o nosso objeto de estudo. Nesse mesmo capítulo o autor divide o Romance de Formação em cinco distintos grupos, esses grupos variam de acordo com o grau de assimilação do tempo histórico.

O tema de *A imagem do homem em formação* no romance é o nosso foco principal, por compreendermos que as leituras dos elementos substanciais para a formação do homem exigem grandes variáveis e grandezas constantes. Essas grandezas ou elementos ganham força com o tipo de Romance de Formação classificado como: *romance aventureiro ou idílico*, *romance cíclico*, *romance biográfico ou autobiográfico*, *romance didático-pedagógico* e o *romance de formação histórico*. No romance de *tempo aventureiro ou idílico* se observa claramente a “trajetória do homem entre a infância e a mocidade e entre a maturidade e a velhice, revelando-se todas as mudanças interiores substanciais no carácter e nas concepções de mundo que o homem se processa, com a mudança de idade”. (BAKHTIN, 2003, p. 220).

A partir do *tempo idílico* (cíclico), características do Romance de Formação propostas pelo autor acima foi que observamos que tais elementos se presentificam em *Primeira Manhã*. Em outras palavras, Alfredo vivencia experiências de formação (cíclica), de forma predominante, o romance se ocupa de toda a trajetória de formação do menino até a idade adulta. Diante disso, reiteramos que romance *cíclico* se desenvolve a partir da trajetória de formação decisiva (apresenta erros recorrentes), passando pelo estágio infantil, pela natureza sonhadora até desaguar na sobriedade madura e prática de formação do homem fincada experiência. Como bem assegura Bakhtin (2003, p. 220):

Esse tipo de romance é caracterizado pela representação do mundo e da vida como experiência, como escola, pela qual todo e qualquer indivíduo deve passar e levar dela o mesmo resultado – a sobriedade com esse ou aquele grau de resignação. Esse tipo é representado na forma mais pura no romance

clássico de educação da segunda metade do século XVIII, antes de tudo em Wieland e Wetzell.

Situados no tempo cíclico de formação romanesca em *Primeira Manhã*, os horizontes de leituras se ampliam e cruzam, tendo em vista o mundo de Alfredo (centro e periferia) de Belém, assim como também, as memórias de Alfredo (campo, interior), a sua vinda do Marajó para a capital. Além das experiências de um processo de formação educacional escolar e não-escolares de Alfredo, até alcançar o grau de resignação no ginásio (desistência ou cedência involuntária), o sonho de ser ginásio *versus* a decepção de conquistar e perceber “que mel havia de sair dessa abelheira” há algum ensino (JURANDIR 2009, p.36.).

O *tempo didático-pedagógico* do Romance de Formação diz respeito a uma concepção pedagógica, às vezes, essa característica se mostra de modo amplo ou restrito. É onde o processo de educação ocorre, ou seja, instaura-se a formação de uma educação seja ela significativa ou não para o homem, mas o aprendizado ocorre de fato. Tais atributos levantam a nossa hipótese acerca de *Primeira Manhã*, sobretudo, no que se refere a trajetória de Alfredo, a sua passagem pelo processo de formação, ainda que esse estágio não chegue ao fim. Todavia, não descartamos a possibilidade de aprendizado, o protagonista não poderia ter passado incólume frente aos muitos saberes que vivenciou.

Por outro lado, existem Romances de Formação em que o *tempo histórico* reflete de forma crucial e definitiva na formação do homem, nesse ponto, torna-se indissociável a relação do meio com a formação do tempo histórico real. Nessa categoria romanesca nos deparamos com o conceito de *Cronotopo* a que se referem muitas vezes Bakhtin. Desse ponto em diante encontramos um verdadeiro conhecimento sobre as leis da vida, do mundo, da realidade. Nenhum acontecimento é descartado, todos esses fatos servem como “escola da vida” com base na preparação para a vida. Dito de outra maneira, a experiência vivida é uma das marcas presentes no Romance de Formação, em alguns casos, vimos até a expressão: “Romance de Educação”, por ter como foco processos de formação ou aprendizagem.

O homem se forma *concomitantemente* com o mundo, reflete e efetua nele e através de si mesmo a formação histórica do mundo. O homem já não se situa no interior de uma época mas na fronteira de duas épocas, no ponto de transição de uma época a outra. Essa transição se efetua nele e através dele. Ele é obrigado a tornar-se um novo homem; por isso, a força organizadora do futuro é aqui imensa, e evidentemente não se trata do futuro em termos privados-biográficos mas históricos. Mudam justamente os *fundamentos* do mundo, cabendo ao homem mudar com ele. (BAKHTIN 2003, p. 220).

A obra *Questões de Literatura e de Estéticas* possibilitou reflexão teórica, a partir da leitura do tópico: “discurso do romance” por este destacar a pluralidade enquanto linguagem, enquanto romance, envolvendo o conjunto de vozes no romance (plurilinguismo), esse fenômeno assinalado pelo estudioso russo se aclimata muito bem às vozes de *Primeira Manhã*. Tomamos mais uma vez a reflexão de Bakhtin (2010, p. 134).

O plurilinguismo social, a consciência da diversidade das linguagens do mundo e da sociedade que orquestram o tema do romance, entram no romance seja como estilizações impessoais, mas prenhes de imagens, que falam as linguagens dos gêneros, das profissões e outras linguagens sociais, sejam como imagem personificadas do autor convencional, dos narradores ou, finalmente, dos personagens.

No romance *Primeira Manhã* está gravado o plurilinguismo social e cultural de suas personagens, sejam esses protagonistas ou mesmo secundários, todos possuem uma carga semântica interpretativa muito significativa. Em *A teoria do romance* reflete sobre as percepções do “formalismo” abstrato e a “ideologia”, também abstrata voltado ao discurso literário que se firma como estilística sociológica, no qual a forma e o conteúdo são indivisíveis. O pensamento bakhtiniano considera o discurso como fenômeno social, por sua vez, a concepção social de discurso está presente em todos os campos da vida, diluído em um discurso heterogêneo dos diferentes horizontes de leituras, está para uma significativa semântica abstrata de sentido e para as imagens do discurso como meio social.

No romance dalcidiano o fenômeno social do discurso se sustenta em distintos níveis de interpretações que ganham tons sociais, culturais, individuais, estilísticos, linguísticos e imagéticos; transformando as bases discursivas, os dramas romanescos em um verdadeiro campo semântico de leituras internas (psicológicas) e externas (como práticas, saberes sociais). Neste contexto, cabe compreendermos a importância da estilística que antes era vista de modo negativo, por conter olhar positivo em relação ao estilo ou forma social do discurso:

A estilística era uma estilística da maestria de gabinete e ignorava a vida social da palavra fora da oficina do artista, na vastidão das praças, ruas, cidades e aldeias, dos grupos sociais, gerações, épocas. a estilística não opera com a palavra viva, mas com seu preparado histológico, com a palavra abstrata da linguística a serviço da maestria individual do escritor. (BAKHTIN, 2015, p. 21).

É sobre o discurso da prosa romanesca que a estilística começa a tomar seu lugar, de um lado, se manifesta como análise concreta da prosa romanesca, por outro lado; busca

incessantemente compreender os princípios e a definir a originalidade estilística da prosa literária em vários campos da vida artística da palavra. É sobre a estilista proposta por Bakhtin que se pretende enxergar nas estruturas e nas formas tecidas por Dalcídio Jurandir os dramas de Alfredo, em seu processo formação.

No entender de Bakhtin (2015, p. 27) o romance pode ser visto “como um todo verbalizado [...] fenômeno pluriestilístico, heterodiscursivo, heterovocal”. No seu interior encontramos com unidades estilísticas heterogêneas, às vezes jacentes em diferentes planos de linguagem e subordinadas às leis da estilística. Dos cinco elementos estilísticos supracitados pelo mesmo estudioso, tomamos parte dessas unidades estilísticas na tentativa de percorrer o romance *Primeira Manhã*.

O primeiro elemento se caracteriza como a narração direta do autor da obra literária (suas multiformes variedades); uma segunda, instaura-se sob a estilização das diferentes formas de narração oral do cotidiano (na atualidade ou em um passado recente); a terceira prerrogativa estilística diz respeito às formas de narração semiliterária (escrita) voltada a realidade do cotidiano; embora a quarta estilização seja de diferentes formas do discurso literário, passa a ser concebida como extrafísica, no qual o autor, emprega juízos de valor, moral, ético, cultural, educacional, filosófico, científicos, não-científicos, descrições, reflexões, informações, denúncias, dentre outras; o quinto parâmetro estilístico corresponde aos discursos individualizado dos heróis e seus dramas. A narrativa de ficção formula as próprias leis sob as quais se desenvolve, cabe ao receptor conhecer as suas possíveis normas, aos receptores cabe ainda tarefa de ressignificá-las. No tocante a leitura de Moretti (2009, p. 183-184) é fundamental as considerações sobre a *Cultura do romance*:

Oscilando entre engano e crueldade, entre doença e remédio, o romance encontra um compromisso duradouro nas construções razoáveis do “verossímil”; no período máximo esplendor, digamos entre Austen e Dostoiévski, no mundo romanescos se apresenta como um mundo no qual se pode acreditar – restabelece, em outras palavras, uma imagem tranquilizadora do mundo, produto de uma classe que cada vez mais reconhece a si mesma e cada vez mais relega o “bizarro” sobre si mesmo; mas embora forneça à burguesia o mais convincente dos espelhos, a vocação do romance não é tranquilizar: é de preferência, a de verter o impossível no real, ou de descobrir no real o absoluto, sem nunca encontrar paz.

No que se refere ao Romance de Formação as percepções de leituras de Gadamer (2015) Mazzari (1999), Maas (2000), Castelo Branco (2004), e Jurandir (2009) constituem a nossa base teórica com objetivo de analisar os questionamentos sobre a formação (*Bildung*) de

Alfredo a partir de uma trajetória do Romance de Formação (*Bildungsroman*). As percepções de leituras, voltadas ao campo de estudos do citado gênero narrativo, um dos principais conceitos abordados neste trabalho para analisar e compreender (o objeto de pesquisa) a partir de uma percepção do gênero literário sob a abordagem do *Romance de Formação* que pode ser definida como *Bildungs*=formação e *roman*=romance.

Nas acepções de Gadamer (1960), em *Verdade e Método*, a chamada se dá por conta da denúncia do paradigma metodológico positivista. No seio de uma cultura marcada pelo predomínio da ciência e da técnica, o autor procura romper com a barreira positivista que impede uma relação adequada entre a filosofia e a ciência, a sua crítica responsabiliza a ideologia do movimento positivista pelos aspectos desumanos que se impregnaram na sociedade contemporânea.

Gadamer discorre sobre as obras de arte e para ele existe algo valioso a cada um que busca analisar e compreender o conceito de Formação. Provocando e transformando o jogo do “ser” em movimento ou em Formação (*Bildung*), esta pode ser vista em face de obra de arte. Isso se verifica tanto na experiência direta dos homens com a obra de arte, como na experiência direta entre os homens, ambos com distintos modos de ser e agir, sejam estes em ambientes internos ou externos a partir de formas artísticas como o romance. Sobre a Formação Gadamer (2015, p. 45) considera que:

Ela se origina na mística da idade média, sobrevive da mística barroca e sofre uma espiritualização com bases religiosas no “Messias” de Klopstock, que abrange toda sua época, e, finalmente, na determinação fundamental de Herder, como “formação que eleva à humanidade.

No entanto, na atualidade, esse conceito se amplia cada vez mais: “Hoje, a formação está estreitamente ligada ao conceito de cultura e designa, antes de tudo, a maneira especificamente humana de aperfeiçoar suas aptidões e faculdades” (GADAMER 2015, p.45). Significa dizer que a obra de arte exige um “contemplar profundo”, um diálogo profundo e demorado, pois tem algo a nos dizer, esse seu dizer nos interpela e nos instiga.

A formação significa mais que cultura, ou seja, aperfeiçoamento de faculdades e de talentos. A ascensão da palavra “formação” desperta, antes, antiga tradição mística, segundo a qual o homem traz em sua alma a imagem de Deus, segundo a qual foi criado, e que deve reconstruir em si mesmo [...] O fato de *formação* (assim como a atual palavra “*formation*”) designa mais o resultado desse processo de devir do que o próprio processo corresponde a uma frequência transferência do devir para ser. Aqui a transferência é bastante evidente, pois o resultado da formação não se reproduz na forma de

uma finalidade técnica, mas nasce do processo interior de formulação e formação, permanecendo assim em constante evolução e aperfeiçoamento. (GADAMER, 2015, p. 46).

Em síntese, a “formação, ao contrário, é possível apropriar-se totalmente daquilo em que ele assimila integra-se nele. Mas na formação aquilo que foi assimilado não é como um meio que perdeu sua função. Na formação adquirida nada desaparece, tudo é preservado” (GADAMER, 2015, p. 47). Nesse caso, a formação torna-se um processo constante de evolução do ser e o ser artístico, o eu-lírico, ou seja, a partir do protagonista romanesco essa evolução são preservados, sejam estas, de forma interna e externa apresentadas sob a estrutura das narrativas. Embora exija um acordo na conversação, pois só é compreensão, em virtude de pôr em jogo as estruturas prévias, os preconceitos de quem participa, e, com isso, pode gerar novos processos formativos.

A metáfora do jogo apresentado por Gadamer pode usada para ampliar o entendimento da formação como processo que se efetiva como base em um diálogo autêntico. Desse modo, “a essência universal da formação humana é torna-se um ser espiritual, no sentido universal” (GADAMER, 2015, p. 47). Assim como também “compreender o que alguém diz é pôr-se de acordo na linguagem, e não se transferir para o outro e reproduzir suas vivências”. (GADAMER, 2015, p. 497).

A experiência estética se efetiva como experiência promotora da formação como autoformação. Na obra *Romance de formação* (1999), de Marcus Mazzari encontramos o conceito de formação que, segundo o autor perpassa na maioria dos romances do século XX. O estudioso considera que os heróis/protagonistas passam por experiências livres, autônomas, provenientes das reflexões realizadas pela personagem acerca das tramas que as rodeiam.

O que se tem na verdade é uma relação criativa entre a personagem e seu passado, sua indagação frente ao mundo, ao eu e aos outros, por essa razão o faz alcançar mundos e ambientes distintos a partir de uma transformação ou autoformação. O sujeito deve estar sempre ligado ao contexto social, político e econômico. O teórico complementa seu ponto de vista com o desenvolvimento de tais potencialidades através da vivência das mais diversas experiências e de uma integração harmônica e fecunda com a sociedade que são pontos-chaves do desenvolvimento do romance de formação.

No centro do romance está a questão da formação do indivíduo, do desenvolvimento de suas potencialidades sob as condições históricas dadas. Dessa forma, o Wilhelm Meister aparece como a primeira manifestação alemã significativa do “romance social burguês” (*Gesellschaftsroman*), na época já amplamente desenvolvido na França e na Inglaterra. Mas é

sobretudo como obra fundadora de um novo gênero (ou sub-gênero) literário – o romance de formação, *Bildungsroman* (MAZARRIN, 1999, p. 67).

O romance de formação busca narrar os processos de formação de um (a) protagonista, narrar um ou mais processos de formação. O objetivo da formação, segundo Mazzari (1999), aborda dois aspectos: a formação crítica do romance como *utopia de formação*, considerado como um pano de fundo entre sociedade e suas relações sociais; o outro aspecto consiste em uma *utopia de aperfeiçoamento interior*, considerado como o desdobramento da potencialidade da ação humana em dialogar entre o eu e o mundo um sistema sociocultural que passa a ser firmado enquanto sujeito em processo de formação.

Outra dimensão do romance leva a uma relativização da ideia inicial de formação: ela passará a ser entendida então não apenas enquanto conceito teleológico do desenvolvimento gradativo de inclinações e predisposições do indivíduo, no sentido de uma entelêquia, mas também enquanto teoria da socialização, processo complementar ou interação entre o eu e o mundo, o indivíduo particular e a sociedade (MAZARRIN, 1999, p. 74).

Tais motivações entre o eu e mundo são fatores essenciais no romance dalcidiano, as construções dos diálogos e interações narrativas a partir de Alfredo. A educação do sensível que está para a *visão de mundo* do protagonista, tudo isso perpassa pelas vivências e experiências em diferentes contextos e realidades, com distintos saberes no interior da obra.

Outra particularidade da *Formação Romanesca* é a didática. Os fatos narrados é o construto do autor, texto/obra, leitor e receptor que passa a modificar a realidade enquanto sujeito real, a partir de personagens ficcionais. O gênero consiste em uma alternância entre reflexão e ação, ação e reflexão. Sobre essa questão, a luta da personagem é travada mediante as múltiplas histórias que se entrelaçam, construído assim um caráter dialético.

Nessa mesma perspectiva, a obra *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura* (2000), de Wilma Maas também serviu como aporte teórico. Com relação ao tema abordado a obra traz a gênese do termo *Bildungsroman*, em seguida, explora o conceito com o objetivo de deixá-lo claro aos estudiosos da questão. Com base na autora o Romance de Formação pode ser compreendido por meio da interpretação temático-morfológica, na seguinte disposição: *Bildung*=formação e *Roman*=romance como expressão de difícil compreensão.

Esses termos entraram para o vocabulário acadêmico na segunda metade do século XVIII. A justaposição desses dois conceitos: Romance de Formação na forma tradicional se refere ao aprendizado do jovem burguês a partir de suas vivências no mundo que o forma, e,

no âmbito literário. Dito de outra maneira, o Romance de Formação “representa a formação do protagonista em seu início e trajetória até alcançar um determinado grau de perfectibilidade” (MAAS, 2000, p. 19). Defende ainda que a “literatura de formação pode ser compreendida como resultado de um mecanismo social auto-reflexivo desenvolvido por uma classe que ver espelhos seus ideais na ficção de cunho realista que começa a firmar-se como gênero” (MAAS, 2000, p. 44).

É sobre esse novo modelo que se perpetua a literatura romanesca, com base nessa afirmação podemos compor a seguinte pergunta: o que vem a ser um Romance de Formação? Antes, temos que ter em mente que para cada Romance de Formação, dependendo da época em que ele surge, apresenta características diferenciadas. As particularidades de cada romance devem ser levadas em consideração: “Pertencentes ao gênero obras em cujo centro esteja a história da vida de um protagonista jovem, história essa que conduz, por meio de uma sucessão de enganos e decepções, a um equilíbrio com o mundo” (MAAS, 2000, p. 62).

Dessa maneira, o Romance de Formação é forma literária definível apenas a partir da grande, questão da formação (*Bildungs-Frage*). Nesse contexto, “a formação do jovem de família burguesa, seu desejo de aperfeiçoamento como indivíduo, mas também como de classe, coincidem historicamente com a cidadania do gênero do romance”. (MAAS, 2000, p. 13). É sobre essa formação do protagonista que essas leituras nos iluminam no estudo da saga dalcidiana, em especial, o processo de formação de Alfredo.

A tentativa de aplicarmos uma análise voltada ao processo de formação da personagem do romance em pleno século XX, a partir de *Primeira Manhã*, de Dalcídio Jurandir se fixa na possibilidade de compreender o processo de nascimento do gênero de formação muito anterior ao século XIX. Essa leitura e interpretação se faz visível a partir de algumas características apontadas por Maas (2000, p. 62) ao definir algumas característica do romance de formação:

[...] a consciência do protagonista de que ele percorre um processo de aprendizado (concepção teleológica da educação); o percurso do protagonista está determinado por enganos e avaliações equivocadas, que devem ser corrigidas no transcorrer do romance; o protagonista tem como experiências típicas a separação em relação à casa a paterna, a atuação de mentores e de instituições educacionais, o encontro com a esfera da arte, experiências intelectuais eróticas, aprendizado de uma profissão e o contato com a vida pública.

Daí em diante, surgem os pontos significativos com o objetivo de adentrar ao texto dalcidiano e perscrutar o processo de Formação de Alfredo. Mediante essa temática – do Romance de Formação– procuramos restringir o assunto por região, tomamos a Amazônia paraense como foco e descobrimos as dissertações de Castelo Branco (2004), Farias (2009) e Cardoso (2015). Posteriormente, detectamos nesses trabalhos as considerações sobre literatura e educação, tendo em vista seus ensinamentos e saberes, observando como esses dois campos proporcionam aos sujeitos múltiplos processos educativos tão essenciais para a formação dos sujeitos na sociedade.

As pesquisas realizadas por Branco (2004) mencionam de forma breve os aspectos de uma educação presente em Dalcídio Jurandir, a estudiosa centra a sua análise nos espaços de educação. Em seguida, analisa o caráter dialógico entre as obras de Jurandir e Goethe, com destaque para o caráter da formação e abordagem centrada no Romance de Formação.

Mediante aspectos, a pesquisadora investiga os fragmentos do romance *Belém do Grão-Pará (1960)*, reitera que a educação de Alfredo assume o poder de frustração na/da Amazônia do século XX. E sobre a visão de Goethe, as particularidades de uma hermenêutica voltada à filosofia de Gadamer; juntamente com a estética da recepção de Jauss e Iser, perspectiva que modifica a inter-relação dos processos de transformação político, econômico e social, constantes na Alemanha do século XIX.

O surgimento do paradigma do *Bildungsroman*, na Alemanha, é contemporâneo do momento de transição entre a economia feudal latifundiária e o prenúncio da fase econômica e política, em que os ideais e privilégios da aristocracia serão dissolvidos em meio ao tecnicismo e ao cientificismo burguês. É evidente que o fenômeno literário constituído pelo romance de formação só pode ser compreendido estando inserido entre a cultura feudal e a emancipação econômica burguesa fundamentadas nos direitos de posse e herança. (BRANCO, 2004, p. 43).

A autora relembra uma nova classe social alimentou a ascensão do romance que denuncia os valores individualistas dessa nossa classe burguesa, gerando, dessa forma, o conflito entre os direitos de posse e heranças. A partir dessa leitura entendemos que os diálogos de Formação em Dalcídio, apensar de ser um romance escrito em pleno século XX, carrega em si características de um novo Romance de Formação, marcas presentes e marcantes em sua estrutura narrativa. Além de uma forte inclinação socialista/idealista que vivem as suas personagens, como bem lembra a autora:

A medida de riqueza era determinada por um único fator – a quantidade de terra. O camponês vivia tão miserável na Europa ocidental da Idade Média

quanto se registra ainda hoje no Brasil, no início do século XXI (regiões de alto analfabetismo, miséria e desemprego), inclusive na Amazônia, trabalho escravo no campo, onde o homem produz e torna-se escravo da terra e do latifundiário, em troca da alimentação para a sobrevivência. (BRANCO, 2004, p. 44).

Essa prática é muito comum na realidade da Amazônia paraense, fatos esses denunciados por Dalcídio Jurandir em sua saga romanesca: “essa prática, de certa forma, perpetua uma nova espécie de feudo ou escravismo gerado na Modernidade”. (BRANCO 2004, p.44). É sobre essa literatura universal do romancista que a estudiosa entra para acervo teórico de construção e diálogo de nosso objeto. Em face disso, tomamos de empréstimos novamente as palavras de Branco (2004, p. 84):

Essa literatura crítica, ao exercer o papel de leitora de uma determinada época, desempenha a função hermenêutica de traduzir para as gerações seguintes as reflexões literárias e filosóficas que começam a despontar no Brasil e se desenvolvem no decorrer do século XIX, exercendo influências sobre a produção literária e, conseqüentemente, forma a consciência caracterizada na *Bildung* da sociedade.

É válido entendermos o que Branco (2004), Farias (2009) e Cardoso (2015) propõem em suas análises, sob a perspectiva campestre/rural como processo de formação. A partir de Farias (2009, p. 46) entendemos que a formação de Alfredo “vai além dos contatos com as escolas. O menino se educa na relação com o pai, com a mãe, com Andreza, com o irmão Eutanásio, enfim, a relação da personagem com o contexto Amazônico propicia ao menino um saber vivencial”.

Assim também observamos que esse saber vivencial do “ranger das perneiras”. Do “calouro, matuto, taperi, cria de igapó” (JURANDIR, 2009, p. 42), a partir de então discorreremos como objeto de pesquisa, corroborando com Josebel Fares (2004), estudiosa que defende, como outros pesquisadores, a inclusão do autor paraense no cenário da literatura nacional. A autora, através de seus escritos, busca refletir, dialogar e formar leitores de Dalcídio a partir de um olhar sobre uma *Cartografia Literária Nacional*¹⁰, objetivando dar ênfase para as vozes, as leituras e, acima de tudo, garantir o reconhecimento e a visibilidade dos romances do escritor.

¹⁰ Cartografia Literária Nacional - A cartografia atesta como princípio: as bases de um sistema “rizomático” e “fractalizado” e imbricado nas relações da ciência com o saber, sem jamais atribuir juízos de valor àquilo que por muito tempo se definiu como “erudito e popular”, ao estreitar as bases do conhecimento, a cartografia exercita uma correspondência entre as artes, entre o homem e o cotidiano. Fonte: PIMENTEL e FARES, 2º encontro ouvindo coisas com título: *Cartografias poéticas e outros imaginários em literatura oral*.

Farias (2009) foi um dos primeiros a levantar os questionamentos referentes à educação marajoara em Jurandir, o que resultou em sua dissertação de mestrado *Representação de Educação na Amazônia em Dalcídio Jurandir: (des) caminho do personagem Alfredo em busca da educação escolar baseado nos romances Chove nos campos de Cachoeira* (1941) e *Três Casas e um Rio* (1958). O autor possibilitou o alargamento do quadro de reflexões sobre a realidade educacional do interior do Estado do Pará, um dos caminhos para compreender os problemas da educação na/da Amazônia no início do século XX. Compreende-se também que escola real e a escola idealizada mergulha no interior do Alfredo, levanta indagações acerca da validade da escola e dos saberes escolarizados.

Os ‘momentos’ educativos aparecem, basicamente, em quatro situações experienciadas pelo garoto: a aprendizagem com seu Proença; os ensinamentos com a professora vinda de Portugal; os breves estudos com o professor Valério e, em sua imaginação, por meio da bolinha de tucumã, os estudos na escola Anglo- Brasileiro, no Rio de Janeiro. Cogito ainda o entendimento de que, além do espaço escolar, Alfredo é “ensinado” por um contexto marajoara rico em saberes, todavia, desvalorizados por uma ideologia que legitima, unicamente, os ‘conhecimentos vazios’ de muitos professores daquele contexto ficcional (FARIAS, 2009, p. 32).

O retrato do contexto do homem amazônico, as histórias e os inúmeros conflitos no interior e ao Norte de nosso Brasil, nos romances de Dalcídio Jurandir é objeto da pesquisa de dissertação de Cardoso (2015): *Queria saber ler e escrever para mudar as fases das coisas*. Uma leitura de situações educacionais na obra *Chove nos Campo de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir. A partir de uma suposição de *Educação Menor* nomeia a educação no interior da Amazônia como produção do contexto amazônico para a superação da miséria. É uma educação do cotidiano que é capaz de “cavar o próprio buraco, de novas possibilidades, novas buscas, novos encontros, e também de novas fugas, a *educação menor*” (CARDOSO, 2015, p. 110). Além disso, acrescenta:

O desejo de educar-se para além das águas marajoaras” desterritorializou o pensamento e posicionamento de alguns personagens de refugiarem seus filhos em Belém, levando os seus desejos para além de si mesmos, como fuga da diminuta educação e precárias condições de vida no interior amazônico daquela época encenada do romance, semelhante a muitas vivências ribeirinhas e campesinas em nosso dias, apresentando os infinitos desafios de educar em face de um flagelo ainda maior, o analfabetismo, que agudamente inquietou o pensamento de Dalcídio Jurandir e continua a inquietar os que anseiam por outra educação. (CARDOSO, 2015, p. 105).

No contexto amazônico, muitas vezes, a realidade educacional costuma defender o interesse das elites políticas e financeiras. Tanto o aluno quanto os professores ficam às margens de um processo educativo de qualidade. Estes fatos são retratados na escrita dalcidiana, momento em que o autor discorre sobre os modos de vida, os costumes, a luta pela sobrevivência e os conflitos de classes.

Ainda outro chão que nos sustenta e que não poderíamos deixar de fora desta reflexão sobre educação são Freire e Brandão, que buscam de compreender e discutir uma educação na qual o homem é o seu principal responsável.

Para Freire (1969, p.14) “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é educação, sem refletir sobre o próprio homem”. O autor compara a materialidade viva (ser humano/sujeito) como um ser dotado de capacidade de raciocinar e por este motivo, é fruto do inacabado, sempre em construção. Além dos mais, enxerga a (educação/conhecimento) como base de interação sociocultural que transforma o sujeito.

O cão e árvore também são inacabados, mas o homem sabe ser inacabado e por isso se educa. Não haveria educação se homem fosse um ser acabado. O homem pergunta-se: que sou? De onde venho? Onde posso estar? O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer está autorreflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação. (FREIRE, 1969, p. 14).

Essa “incompletude” do ser humano é a educação que, de certa maneira, vai preencher, aqui e ali, com o saber formal, práticas educativas capazes de modificar a própria realidade, exemplo disso é o contato com diferentes saberes. Ainda para Freire (2001, p. 121):

A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza “não apenas saber que vivia. Mas saber que sabia e, assim saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí.

É sobre essa educação do cotidiano em diálogos constantes entre sujeito e sociedade que se busca compreender os aspectos de uma formação romanesca, trabalho que resulta em um processo educativo a partir de Alfredo em *Primeira Manhã*. Sobre a relação de uma educação voltada ao aprendizado a partir do contato vivenciado em ambiente não-escolar, recai sobre as percepções de educação, defendido por Freire (1969, p. 14) como:

A educação é uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o à sua perfeição. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém.

Em *Primeira Manhã*, a autonomia pode ser percebida a partir dos fatos que conduzem Alfredo por toda a obra. Em uma perspectiva voltada ao olhar das interfaces da educação e literatura, é válida a reflexão de Freire (1983, p. 66): “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros”.

Ainda sobre a reciprocidade entre sujeito/educação/conhecimento e meio sociocultural, Brandão (2002, p. 368) afirma que “somos seres que aprendem o saber e que transformamos o saber em diálogo”. O autor ajuda a entender os processos dialógicos da cultura:

Viver uma cultura é *conviver com e dentro* de um tecido de que somos e criamos, ao mesmo tempo, os fios, o pano, as cores o desenho do bordado e o tecelão. Viver uma cultura é estabelecer em mim e com os meus outros a possibilidade do presente. A cultura configura o mapa da própria possibilidade da vida social. Ela não é a economia e nem o poder em si mesmos, mas o cenário multifacetado e polissêmico em que uma coisa e a outra são possíveis. Ela consiste tanto de valores e imaginários que representam o patrimônio espiritual de um povo, quanto das negociações cotidianas através das quais cada um de nós e todos nós tornamos a vida social possível e significativa (BRANDÃO, 2002b, p. 24).

Esse complexo caminhar de duas áreas como a educação e literatura, ambas situadas no contexto da/na Amazônia paraense é que o pensamento de Brandão se ajusta. O estudioso amplia não só o conceito de educação, mas também o de cultura, esta última entendida como as teias de relações na qual o sujeito se reconstrói em nossa realidade.

Ademais, quando falamos em educação e literatura de expressão da Amazônia paraense os estudos tornam-se escassos. A educação, a arte e, portanto, a literatura é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres e os sentimentos no/do mundo. Nesse percurso, pousar o nosso olhar na literatura de expressão da/na Amazônia paraense, a partir dos romances de Dalcídio Jurandir é ler e viver a cultura amazônica, confrontando sua diversidade, com diferentes condições de vida locais, de saberes, de valores, de práticas sociais e educativas.

Como vimos, na saga romanesca, as variedades dos dramas se multiplicam, complicações narrativas dos sujeitos dialogam com mundos de saberes e distintos sujeitos.

Entre os lugares desta educação, está a Amazônia, demarcada pela diversidade de sujeitos, culturas e saberes. População de diferentes matrizes étnicas, ocupando uma pluralidade de espaços e em permanente interação com a biodiversidade característica da região amazônica. (OLIVEIRA, 2012, p. 3).

Dialogar com os diversos campos de conhecimento é um fator essencial na busca de sustentar o caminho que nos guia como ciência. Reconhecemos que sobre esse assunto, muitos autores ficaram de fora de nossa abordagem, mas não isentamos a possibilidade de fazermos relações na tentativa de compreender o Romance de Formação como um processo educativo, viés pelo qual podemos estudar a obra *Primeira Manhã*.

1.3 Os caminhos que nos guiam

Não preciso lembrar você de que existem todas as variedades de gosto: quem saberá qual a melhor? Algumas pessoas, por motivos excelentes, não gostam de ler sobre carpinteiros; outros, por motivos melhores ainda, não gostam de ler sobre cortesãs. Muitos fazem objeções a americanos. Outros (acreditam que sejam principalmente editores e editoras) não olharão para a italianos. Alguns leitores não gostam de assuntos tranquilos; outros não gostam de inquietantes. Alguns gostam de uma completa ilusão, outros da consciência de grandes privilégios. Escolhem os romances de acordo com isso, e se não se preocupam com seu assunto também não se preocuparão, *a fortiori*, com seu tratamento. (JAMES, 2011, p. 30).

No tocante a essa questão Henry James (2011, p. 12) disserta sobre essa forma perene da literatura, bem como do processo de criação literária, mediante essa afirmativa a arte para o referido se apresenta como forma “de discussão, de experimentação, de curiosidade, de variedade de tentativas, de troca de visões e de comparação de pontos de vista”.

De igual modo, a escolha pelo romance *Primeira Manhã* se deu pelo fato de a obra apresentar inúmeros questionamentos em face da realidade do homem na/da Amazônia paraense, também pela capacidade temática com que aborda os conflitos e os dramas universais do homem, sem esquecer de adentrar nos problemas internos do mundo e questionar as problemáticas exteriores presentes na realidade. Nosso desafio reside na tarefa ressignificar a escrita ficcional de Dalcídio Jurandir. Ao longo de todo o nosso percurso teórico buscamos acompanhar o processo de Formação e Educação de Alfredo, ao lado disso,

demarcamos as tramas narrativas vividas pela personagem, as histórias, as lembranças e os lapsos de memória no texto dalcidiano.

Mediante esse procedimento, a crítica literária acena para a indignação interior dos problemas sociais e da humanidade que brotam na escrita do autor. Grande parte desses conflitos são, ao nosso ver, representadas por estruturas ficcionais construídas que tem como proposta dar voz às vozes narrativas do romance. Somente assim, por meio dessas vozes, o grito dos oprimidos ecoa como forma de protesto e crítica social da realidade. Assim, encarnada na pele de Alfredo, a saga romanesca toma para si a incumbência de trazer ao conhecimento dos leitores os problemas sociais que assolam a vida de muitos homens e mulheres no interior da Amazônia paraense. O autor, tece diálogos que ultrapassam as questões locais/regionais e universais ao colocar em evidência os problemas nacionais e as temáticas universais, desvela as dores do homem no mundo e sobre o seu eu interior.

O escritor realça as inúmeras percepções de leituras de uma Amazônia do passado, de um tempo que se reatualiza na ficção dalcidiana. A ficção e realidade ganham destaque e evidenciam uma reciprocidade entre os problemas do eu e do “outro”, frente à realidade sociocultural da literatura brasileira do século XX.

Na sequência, apontaremos o processo metodológico de nosso objeto de estudo: a descoberta do objeto de pesquisa; definições e aproximações das características do Romance de Formação até chegarmos na formação do romance dalcidiano. Com o objetivo de estudar *Primeira Manhã*, optamos por caminho metodológico dialético e isso de seu em função da seleção das leituras de Lukács e Bakhtin, reflexões teóricas que integram esse trabalho.

O nosso objeto de estudo ganhou ainda mais dinamicidade e densidade a partir do contato com importantes reflexões teóricas, essas vieram depois de uma determinada maturação e de leituras que empreendemos. Incluímos nessa trajetória o nome de Farias (2009), Cardoso (2015) e Branco (2004). No entanto, o nosso intento foi o de percorrer um caminho contrário ao que já foi realizado pelos pesquisadores acima, enquanto os estudiosos se voltam para a perspectiva campestre/rural como processo de formação; fizemos um percurso contrário, enveredamos pela pesquisa do processo Formação em Alfredo, dessa vez, focalizado em espaços urbanos e periféricos de Belém.

A justificativa se dá em função de Dalcídio Jurandir discorrer sobre uma época, na qual os fatos históricos, econômicos, políticos e socioculturais dos anos 20 aos fins de 50 do século XX. O seu olhar atento de escritor permite que se recomponha, em muitos aspectos, a realidade social daqueles tempos, ao mesmo tempo em problematiza a partir de uma literatura de “pé no chão” uma espécie de verdadeira dialética dos homens *versus* mundos. Por sua vez,

fizemos muitos *links* com os aspectos decorrentes do processo de educação a partir do Romance de Formação.

Na tentativa de compreender como se dá o processo de formação e educação de Alfredo, adentramos no campo teórico do Romance de Formação, para em seguida, discorrer sobre a Formação, a Educação e o Romance de Formação, sempre apoiados nesse tripé. Sobre a formação de Alfredo tecemos aproximações com o conceito formulado por Gadamer (2015, p. 46):

O triunfo da palavra formação sobre forma não parece só acaso, pois no conceito “formação” (*Bildung*) encontra-se a palavra “imagem” (*Bild*). O conceito de forma retrocede para alguém da misteriosa duplicidade da palavra “imagem” (*Bild*), que abrange tanto o significado de “cópia” (*Nachbild*) quanto o de “modelo” (*Vorbild*).

Embora o termo possua algumas ambiguidades enquanto novo gênero ou subgênero, o vocábulo passa por indefinição sobre *Bildung* ou *Bildungsroma* mas, é a partir das definições de Maas (2000, p, 25-26) que o problema se esclarece:

O *bildung* é uma palavra alemã cuja origem remonta ao médio alto-alemão (*bildunge*, no alto alemão tardio *bildunga*). Seu primeiro significado está atrelado a acepção visuais como “imagem” (*Bild*), reprodução, “representação da imagem” (*Abbild, Ebenbild*), “imitação”, “reprodução” (*Nachahmung, Nachbildung*).

A tipologia romanesca estaria enraizada em sua temática, as considerações de um enredo, no qual o herói passa a congregar ações e reações frente aos eventos e ao mundo exterior. A descrição minuciosa dos eventos externos ao herói, a passagem por grandes transformações emocionais, psicológicas que passa a sofrer como parte de seu drama e também de sua formação.

Notamos que há uma ênfase no desenvolvimento interior do protagonista como resultado de sua interação e diálogo com o mundo exterior, embora o seu processo formativo seja construído sob a atmosfera de um protagonista masculino/feminino. Procedimento pelo qual está sujeito um (a) jovem rumo ao seu aprimoramento enquanto sujeito em sociedade. Neste contexto a individualização das personagens se dá em distintos ambientes, como bem descreve a forma romanesca e tantas outras formas literárias; embora a individualização, seja influenciada pelo processo do capitalismo industrial. Por elevar a características de sujeitos que buscam a autonomia individual, uma vez que o individualismo financeiro conduz ao

individualismo pessoal, o que só aumenta os conflitos entre classes frente à uma mobilidade social.

Nesse processo, o individualismo fez surgir o interesse pela história de vida das pessoas comuns, o individualismo financeiro e o individualismo pessoal tece uma proposta no qual o indivíduo é responsável por sua orientação espiritual e suas escolhas profissionais, tais fatores fizeram nascer uma literatura que falasse da classe emergente (burguesia). Um exemplo significativo desse artifício é a saga de Alfredo, no qual ressalta para o público/leitor a descrição de uma ficção muito próxima da realidade.

O indivíduo, desse modo, não herda mais o conhecimento uma vez que busca o seu auto-aperfeiçoamento e seu lugar no mundo. Em Dalcídio Jurandir, o protagonista retrata exemplos de “pessoas comuns” com seus reais dilemas e problemas na trama ficcional. Em *Primeira Manhã* o tempo é o vilão dos dramas de Alfredo, o tempo tem a sua importância no processo de individualização da personagem, assim como também é crucial para o desenvolvimento do romance. A obra dalcidiana ao mesmo tempo em que rompe com os moldes vigentes da modernista, imprime o novo formato que os críticos chamam de neomodernista. Tido como inovador da narrativa, o autor ainda enveredou por essa temática do Romance de Formação ao compor em sua saga personagens que lidam com o caráter temporal e não atemporal, visto na forma como explora o desenvolvimento do protagonista no tempo e no espaço da narrativa.

Em busca de maiores esclarecimentos sobre a *bildung* ou *bildungsroman* é válido acrescentarmos algumas características do Romance de Formação. Para tanto, transcrevemos trechos de autoria de Maas (2000, p. 62):

- O protagonista deve ter uma consciência *mais ou menos* explícita de que ele próprio percorre não uma sequência mais ou menos aleatória de aventuras, mas sim um processo de autodescobrimento e de orientação no mundo;
- A imagem que o protagonista tem do objetivo de sua trajetória de vida é, em regra, determinada por enganos e avaliações equivocadas, devendo ser corrigidas apenas no transcorrer de seu desenvolvimento;
- Além disso, o protagonista tem como experiências típicas a separação em relação à casa paterna, a atuação de mentores e de instituições educacionais, o encontro com as esferas da arte, experiências intelectuais eróticas [*sic*], experiências em um campo profissional e eventualmente também contato com outra vida pública, política.

Baseados nesses pressupostos é que aplicamos em nossa análise de *Primeira Manhã*, exatamente por compreendermos uma aproximação do romance dalcidiano ao gênero do *Bildungsroman*, ainda que o romance seja de um outro tempo, ainda assim, este se aproxima do gênero (*Bildungsroman*) nascido no século XIII. Sem dúvida, essas proximidades e semelhanças do romance com o conceito são reais e existem. Além das características apontadas anteriormente, também observamos o processo educativo de Alfredo, ou seja, a *Bildung* de Alfredo no contexto do romance. Nesse sentido, Maas (2000, p. 32), em seu posicionamento teórico, reforça a ideia que defendemos:

Produto do otimismo iluminista, isento ainda de capacidade de autocrítica, os conceitos formação e educação articulavam-se, nas últimas décadas do século XVIII, ao ideal de uma sociedade afortunada, isto é, à ideia de que da formação e educação dos indivíduos dependia o bem-estar da sociedade, decorre daí o reconhecimento de que formação e educação são tarefas obrigatórias do Estado, bem como objetos de seu interesse.

Na interface entre Formação e Educação seguimos as pistas de como esses processos são vividos por Alfredo no romance. Sobre esse aspecto e com base nas características do Romance de Formação apontamos algumas características semelhantes que detectamos no texto dalcidiano:

- Gênero: romance – designa um tipo de romance em que são expostos de forma pormenorizada o processo de desenvolvimento físico, moral, psicológico, estético, social ou político de Alfredo;
- Discurso direto livre, associado à narração em terceira pessoa; além do discurso indireto e as manifestações e digressões;
- Apresenta a alma dos personagens a partir de um monólogo interior;
- Personagens principal: Alfredo;
- Tempo: Cronológico (pós-ciclo da borracha e da *Belle Époque*);
- Enredo não Linear;
- Tipo de Narrador: onisciente (falsa onisciência apresentado por um narrador empírico) e onipresente;
- Espaço físico: Belém-Pará, início dos anos 20 e fins dos anos 50 do século XX;
- Temática social: valores universais, frete as ironias sobre bases familiares, educacionais, morais, políticos, sociais, éticos, religiosos, linguísticos, memorialistas, de saberes culturais e outros como poético e imaginário;
- Tipificação: sexto romance do Ciclo Extremo Norte;
- Temática: os dissabores diante da educação e da decadência de uma cidade (Belém); as expectativas frustradas de um estudante em primeiro dia de aula; as experiências de um jovem em um liceu.

Os conflitos dos protagonistas geralmente desde a sua infância ou adolescência até um estado de maior maturidade:

- Apresentam fluxos de consciência, que os levam a percorrer um processo de aprendizado;
- A concepção de educação como formação e autonomia como sujeito no seio de sua realidade;
- Narra os obstáculos da vida frente a um mundo de dor, sofrimento, angústias e decepções;
- A toda hora é colocado a prova em ambientes/espacos distintos em busca de superá-los, vistos como testes, avaliações ou experiências que são equivocadas e devem ser corrigidas no transcorrer do romance;
- Possui um Enredo não-linear, não segue uma sequência cronológica, desenvolve-se descontinuamente, com saltos, antecipações, retrospectivas, cortes e com rupturas do tempo e do espaço em que se desenvolvem as ações. O tempo cronológico mistura-se ao psicológico, da duração das vivências dos personagens.
- O protagonista tem como experiências típicas a separação dos laços familiares, ganha o mundo em busca de seus desejos e sonhos, vive longe de sua casa paterna;
- A presença de mentores que atuam como incentivadores e responsáveis por acolher Alfredo e dar a ele um teto;
- As instituições educacionais onde Alfredo estuda;
- O encontro com a esfera da arte;
- Os conflitos com os saberes científicos e não científicos como experiência intelectual;
- As experiências sexuais de Alfredo;
- O aprendizado de uma profissão para Alfredo;
- E o contato com a vida pública que Alfredo passa.

No romance *Primeira Manhã*, o processo de aprendizagem de Alfredo se dá dentro e fora da sala, ou seja, em ambientes diferenciados onde transitam uma multiplicidade de saberes. Esse processo formativo, em alguns momentos, se dá de forma quase natural, no contato com o mundo. Sobre essas etapas muitos autores como Minayo (2009, p.16) enfatizam que “é a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo [no entanto] nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática”.

Com isso, dizemos que Alfredo aprende as coisas no dia-a-dia, nas práticas do cotidiano. Ainda para a mesma autora é necessário que se tenha um problema para um objeto fazer sentido como pesquisa. A partir dessa assertiva fizemos o seguinte questionamento: poderíamos considerar o romance de Dalcídio Jurandir um Romance de Formação? A partir dessa pergunta surgiram questões: existe Romance de Formação dalcidiano? O seu protagonista sofre ou passa por um processo de formação e educação? Como isso se dá?

Quais os efeitos da educação e da formação em Alfredo? Em que espaços essa formação acontece? Que saberes são esses presentes no romance? Como se dá a relação de Alfredo com as personagens secundárias? Alfredo vivencia uma formação e uma educação do (in) sensível em nosso país? Por fim, a obra *Primeira Manhã* é o reflexo de uma formação educativa problemática do século XX e que se mantém atualizada em nossa contemporaneidade?

É com base enredo de *Primeira Manhã* que surgem as problemáticas dessa pesquisa. Sobretudo pelo fato de presenciarmos os dramas de uma personagem no Ginásio onde estuda, por observarmos que os seus sonhos são abalados desde o seu primeiro contato com a educação formal, toda a esperança e o devaneio que o jovem antes trazia guardado dentro de um objeto mágico, o tão citado “carocinho de tucumã” que, antes, embalava os seus sonhos, cedem lugar agora às armadilhas e arapucas do Ginásio; ao mesmo tempo em que percorre a transição de um estilo de vida, de um menino recém chegado à cidade grande, tendo que se adaptar a esse novo modo de vida.

Assim, entendemos que Alfredo assiste o retrato de uma “Amazônia” em épocas de decadência, momento em que muitos migravam dos campos/interiores para as grandes cidades em busca de emprego e melhores condições de vida. Todo esse cenário se dá em um contexto capitalista que enaltece os valores de classe, deixam o mercado individualista, “fabricam” um homem egocêntrico e competitivo. Como parte integrante para o desenvolvimento deste objeto de pesquisa o *Método Dialético* é uma das bases para a nossa caminhada. Sobre esse aspecto, Lüdke (1986, p.15) enfatiza que “geralmente o pesquisador desenvolve a sua investigação passando por três etapas: exploração, decisão e descoberta. Já nas acepções de Marconi; Lakatos (2009, p.46):

o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros –, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

Para Minayo (2009, p. 24) a dialética se define como “valorização das quantidades e da qualidade, com as condições intrínsecas às ações e realizações humana, com o movimento perene entre parte e todo e, interioridade e exterioridade dos fenômenos”. Por sua vez, a dialética é desenvolvida por meio de termos que articulam as ideias de crítica, de negação, de oposição, de mudança, de processo, de contradição, de movimento, de transformação da natureza e da realidade social.

A abordagem dialética não pode ser considerada fora de um contexto social, político e econômico, fora de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. Assim, achamos oportuno discorrer sobre o termo dialético: do *Latim – dialectica e do Grego – dialektike*. Significa: debate ou discussão e pode ser dividida em duas fases como o Pré-socrático e contemporâneas de Hegel. Na visão estabelecida pelos pré-socráticos, busca a todo o instante as definições de “verdade” por meio de formulação adequada de perguntas e respostas até se chegar ao ponto crítico do que é “falso” e “verdadeiro”.

Sobre a dialética formulamos os princípios da *Tese=Pergunta, Antítese=Resposta* e a *Síntese= a formulação da verdade* que se configuram com as bases de formulações para uma dialética. Nesse aspecto, com base no termo, escolhemos a dialética lukacsiana e a bahktiniana.

Reboquismo e dialética carrega consigo desde o seu título uma característica que foi pedra angular no itinerário de Lukács (2015), de sua transição para o marxismo. Nos últimos dias de sua vida, inclusive depois de sua guinada à ontologia, participou ativamente dos movimentos comunista internacional e da construção do socialismo. Sobre esse livro situa duas questões relevantes em busca de compreender o que se deve entender por sujeito? E qual é a função do sujeito no processo de desenvolvimento histórico? Lukács sustenta no positivismo as considerações que a ciência só pode ter como objeto aquilo que está completamente isento de qualquer participação subjetiva.

Os problemas da dialética ocupam um lugar central no pensamento de lukacsiano ao combater o domínio do “marxismo vulgar”, em um movimento organizado das classes trabalhadoras, suas críticas giram em torno dos dogmatismos da dialética e das concepções ideológicas do materialismo mecanicista. Em síntese, o autor estabelece como ponto de vista a validade metodológica universal da abordagem dialética: “as fronteiras fluídas [...] há uma série infindável de elos intermediários que vai do materialismo histórico até as formas teóricas de expressão da mais superficial das esferas imediatas da circulação”. (LUKÁCS 2015, p. 83).

As ideias do estudioso se lançam como um desafio a partir de uma síntese sistemática e universalizante que dialoga com a história, a política, a economia, a filosofia, a estética, a literatura, a epistemologia, a ética, a sociologia, a política, a cultura, dentre outras ideologias.

A tese de Lukács nasce da tentativa de superar a dualidade entre *Sollen* (dever-ser) e *Sein* (ser), expressão que poderia ser denominada como “entre dever ser e prática social”, ou seja, entre a plena e indispensável realidade da vida humana, assim entendemos a partir do trecho abaixo:

O conhecimento das mediações, em particular das formas de mediações *reais* pelas quais são produzidas as formas de manifestação imediatas da sociedade, pressupõe um posicionamento crítico-prático, crítico-dialético, em relação à realidade social: o ponto de vista crítico-prático do proletariado revolucionário. (LUKÁCS, 2015, p. 82).

O “ser” e a “prática social” são como aspectos da própria condição do indivíduo no mundo, submetida às circunstâncias ou às necessidades inerentes dos fatos históricos. As leituras fazem perceber o nível de criticidade a partir de sua abordagem, a dialética sobre o romance, questão que, na nossa opinião, se aplicam ao romance de Dalcídio Jurandir. No entanto, é com base nas vozes de suas personagens e de seu protagonista que se criam posicionamentos crítico-prático, crítico-dialético, em relação à realidade social do homem na/da Amazônia; exatamente, por compreendermos que suas críticas são revolucionárias, seu posicionamento crítico-social de raízes (originais e radicais) fazem com que surjam novos horizontes de leituras de seus romances. Assim entendemos a partir das ideias do autor.

O entendimento dialético do conhecimento como processo inclui não só a possibilidade de conhecer, no curso da história, novos conteúdos, novos objetos, os quais não conhecemos até agora, mas também de que surjam novos conteúdos, que só serão conhecidos por intermédio de princípios do conhecimento também novos [...] Compreender o processo de conhecimento de modo dialético, como processo, temos de compreender também esse processo concomitantemente como *parte* do processo social objetivo de desenvolvimento. Isto é, temos de compreender que o “*o que*”, “*como*”. O “*até onde*” etc. do conhecimento são determinados pelo estágio de desenvolvimento do processo objetivo de desenvolvimento da sociedade. (LUKÁCS, 2015, p. 91-92)

A filosofia de Lukács parte de diálogo coexistencial da metafísica do homem como princípio fundamental no século XX, suas ideologias pós-idealistas revelam uma abordagem de todos os grandes problemas estruturais do pensamento idealista que se distingue entre a estrutura geral do pensamento filosófico e as suas articulações idealista ou materialista. A partir de suas formulações encontramos duas categorias dialéticas: a dialética simples e a dialética superior:

As categorias “simples” serão antes eternizadas na forma da imediatez burguesa e, por essa via, perderão aos poucos toda função dialética, fazendo com que tal economia “marxista” se transforme inopinadamente uma economia burguesa vulgar. Porém a categoria só se torna de fato dialética, no entanto, no contexto dialético global, que só é produzido – mentalmente –

concretas [...] portanto é, o ser social do homem que determina sua consciência (LUKÁCS 2015, p. 102).

Para o autor, as chamadas categorias superiores são produzidas a partir do “desenvolvimento histórico real, e seus nexos dialéticos têm de ser corretamente conhecidos, para que as funções históricas e sistemáticas das categorias simples que lhes correspondem também sejam conhecidas”. Esses pressupostos levam a compreensão de dois aspectos fundantes em Lukács, e que serão levados em conta em nosso objeto de pesquisa. Desse ponto em diante lançamos uma outra pergunta: O que é o sujeito e qual a sua função no processo de desenvolvimento histórico? Em face disso, buscamos compreender um sujeito ficcional e definir como se passa o seu processo de formação e educação enquanto sujeito no romance *Primeira Manhã*.

A *Teoria do romance* é uma obra que veio à tona entre os anos de 1914 e 1915, o esboço da obra foi originalmente imaginada como uma série de diálogos de um grupo de refugiados da guerra. São traços de uma configuração social socialista de repúdio da guerra e da sociedade burguesa. A obra tece seu ponto de visão em um mundo utópico e abstrato, com uma postura subjetiva com a realidade objetiva, sem, contudo, alterar a sua relação com o método das ciências do espírito, pois “possuía uma concepção de mundo voltada a uma fusão da ética de “esquerda” e da epistemologia de “direita”. Suas obras foram influenciadas pelos escritos de Dilthey, Simmel e Weber. A *Teoria do romance* proposta pelo filósofo

Atém-se com tanta teimosia ao esquema da *Educação sentimental* que julga encontrar aqui simplesmente uma “serena atmosfera de quarto de criança”, uma “desolação mais profunda que no final do mais problemático romance da desilusão”. Tais exemplo cumulam-se à vontade. Basta lembrar que os romancistas como Defoe, Fielding ou Stendhal não encontraram lugar no esquematismo dessa construção; que o autor da *Teoria do romance* vira de ponta-cabeça, com arbitrariedade “sintética”, a importância de Balzac e Flaubert, de Tolstói e Dostoiévski, etc (LUKÁCS, 2015, p.17).

O estudioso levou em estágio perene o problema do romance da desilusão, por se partidário, precisou sentenciar o ímpeto dialeticamente negativo ao ostracismo, de modo a corroborar os ditames políticos soviéticos. Tendo em vista, em suas análises proto-marxistas as influências dos frankfurtianos: Theodor Adorno e Max Horkheimer, no qual, despontam como herdeiros da dialética tradicional. Dessa forma, a *Teoria do romance* questiona o *negativo*, contrário à apologia para conferir historicidade crítica ao pensamento, a epopeia negativa será substancial em ascensão a partir da superação da polifonia bakhtiniana.

Lukács insinua que em Dostoiévski o Romance de Formação se encontra subvertido em um aprendizado que, no limite, apenas constrói a própria ruína. Sua dialética sustenta uma dialética universal fundada em uma historicidade das categorias estéticas e na essência das formas literárias. Nesses moldes, a “Dialética esta que aspira a uma vinculação entre categorias e história ainda mais estreita do que aquela por ele encontrada no próprio Hegel; busca apreender intelectualmente uma permanência na mudança, uma transformação interna dentro da validade da essência.” (LUKÁCS, 2015, p. 13). A teoria do romance é “a problemática da forma romanesca é a imagem especular de um mundo que saiu dos trilhos”.

Dessa maneira, o romance é uma luta contra o processo temporal, significa dizer que o tempo só é interessante quando a transformação do homem possui alguma significação; é no gênero romance que o tempo ganha importância por ser construído a partir de personagens com tramas imprevisíveis. Essa mesma característica pode ser observada na construção ficcional de Dalcídio Jurandir e em suas personagens, o imprevisível pode ser um dos aspectos que conduz Alfredo em um diálogo reflexivo, irônico e monótono de suas ações e tramas.

As obras *Questões de literatura e de estética; A teoria do romance* (1975) e *Estética da criação verbal* (1979), de Bakhtin, são fundamentais para compreendermos as visões dialéticas e serve como leitura para a construção metodológica de nossos estudos. Esse mesmo autor ao descobrir o conceito de polifonia como característica do romance plurivocal de Dostoiévski passou a observar que o discurso romanesco do escritor russo não é apenas plurivocal, mas vai muito além disso, foi assim que descobriu as concepções da polifonia das vozes de seus personagens. Quase sempre essas vozes apresentam uma certa independência dialógica presente na estrutura do romance. Seguindo por essa senda, também incorremos na percepção polifônica da obra dalcidiana. Sobretudo, conforme a perspectiva de Bakhtin (2015, p.47): “a orientação dialógica do discurso entre discursos alheios (de todos os graus e qualidades do alheio) cria possibilidade novas e essenciais do discurso literário, seu peculiar potencial de *prosa literária*, que encontrou sua expressão mais plena e profunda no romance”. O filósofo é quem destaca outra característica da trama narrativa de Dostoiévski, a incomunicabilidade. Logo, não há uma superação dialética entre a multiplicidade de consciência mediante os problemas e as contradições que continuam e ganham autonomia polifônicas dos personagens, além de ser uma transformação dialética.

A dialética bakhtiniana surge na esteira das reflexões de Hegel, Marx e Engels, contudo, o estudioso tece algumas críticas em relação a esses autores. Bakhtin diferencia esse pensamento analisando no livro *Problemas da poética de Dostoiévski*, obra em que o termo

dialética aparece como “romance polifônico”. Mais uma vez, é em Dostoiévski que a voz do herói fala sobre si mesmo e sobre o mundo. Sabemos que essa visão dialética começa com o processo de um sistema capitalista de produção, depois fez surgir algumas categorias dotadas de unidade e identidade dos contrários, tais como: o simples *versus* o complexo, o homogêneo *versus* o heterogêneo, o concreto *versus* o abstrato, a essência *versus* o fenômeno, a forma *versus* o conteúdo, todos esses elementos são concepções de uso do termo (dialética) definidos sobre olhar do crítico. O dinamismo desse princípio e as suas particularidades podem ser definidas como: a dialética em que tudo se transforma; a dialética do desenvolvimento para a mudança qualitativa, e, por último, a unidade de uma dialética dos contrários.

Dessa forma, optamos pela seguinte terminologia: a “dialética em tudo se transforma”, pois, é concebida como movimento e qualidade de todas as coisas. Por exemplo, o processo de transformação de uma causa ou luta interna como fenômeno entre a sociedade e a natureza frente a uma dada realidade. Em Dalcídio Jurandir vemos que essa dialética é vista como o processo de transformação de Alfredo frente aos mundos tão distintos, trajeto que faz do campo para a cidade; na transição de menino até a idade adulta; no seu contato com a educação, com o ensino e o contato com diferentes saberes científicos não científicos, essas são algumas dicotomias que pulsam no contexto narrativo de Dalcídio Jurandir. Em uma “dialética para o desenvolvimento de uma mudança qualitativa”, a chegada da novidade não pode se respetivamente acumulada, pois é o acúmulo do novo que intensifica a mudança qualitativa.

No que se refere ao caráter dinâmico das transformações, bem como do acúmulo de experiências que geram mudanças qualitativas no protagonista, todos esses eventos passam a ser inferidas desde de seu modo de vida, passando pelas experiências que o levam a caminhos diferentes, em busca de realizar um sonho de “ser ginasião”. A novidade aos olhos de Alfredo constrói uma nova visão de mundo, apesar de suas inúmeras dificuldades enquanto sujeito frente “as arapucas” de uma realidade urbana e periférica.

Outro aspecto é a “unidade com luta/conflito dos contrários”, esse embate tem a ver com a lei fundamental da dialética, algo que define que no interior de cada coisa/fenômeno coexistem “forças opostas que, simultaneamente, se relacionam como uma unidade em oposição. Em outras palavras, a contradição é a base para se compreender muitas coisas. Dentro desse princípio destacamos o eu e os mundos, o “tempo” ganha uma unidade oposta entre o tempo perdido (passado) e o tempo a ser vivido (presente) pelo protagonista de *Primeira Manhã*.

Em Bakhtin os vínculos lógicos da consciência possuem uma própria antinomia dialética, o que se reconhece como caráter social do pensamento. Mas é preciso considerar que o crítico se contrapõe à dialética idealista, daí o caráter monadológico¹¹, ou melhor, das linhas de conhecimentos construídos pela consciência e pelas leituras do ser humano.

Esse nível ideológico de consciência se denomina como “ideologia do cotidiano” que se diferencia da arte, da moral, do direito, os quais, são considerados como sistemas ideológicos. É sobre essa formação sociológica da consciência que a relação dialética entre a ideologia do cotidiano se propaga como ideologias em sistemas instituído, depois são refratados como influência moral, social, política, científica, artística, religiosa e educacional.

Para Bakhtin a unidade dialética congrega os princípios da “interação das partes”; as leis do movimento ou singularidade; a mudança qualitativa. A unidade e a luta dos contrários assumem uma unidade oposta que reflete e refrata a realidade: “o discurso surge no diálogo como sua réplica viva, forma-se na interação dinâmica com o discurso do outro no objeto. A concepção do seu objeto pelo discurso é dialógica” (BAKHTIN 2015, p.52). Diante disso, assumir tais posicionamentos diante desse objeto de pesquisa é assumir que a linguagem é parte integrante da dialogicidade do romance.

As abordagens dialéticas desse trabalho encontram se fixam em Lukács e Bakhtin, posteriormente, procuram perceber a dialética dalcidiana através de Alfredo. Embora Bakhtin concebesse essa unidade como postulado “positivo da alteridade”, situado no contexto das categorias que coexistem e interagem por meio da polifônica. O estudioso acompanha a *deformidade* histórica da poética dostoiévskiana, esclarece ainda que a coexistência e a interação, inviabilizam o movimento da contradição e não explica a inconclusibilidade do diálogo como deveria ser, por esse motivo, há uma “eterna concórdia” entre as personagens, e não um contínuo silêncio da vida danificada como percebe Lukács. Aliás, é o mesmo pensador que diz que “a genialidade de Dostoiévski consiste em seu poder de reconhecer e representar a dinâmica de uma futura evolução social, moral e psicológica a partir dos germes de algo meramente incipiente” (LUKÁCS, 1962, p. 253), ao mesmo tempo em defende que a análise dialética formula a epopeia negativa que, nesse caso, seria o romance.

Ao retomar os princípios da dialética de Hegel e de Marx, Lukács fala do processo de historicização, da política e do caráter histórico do pensamento romanesco. Nesse contexto, dialeticamente, a sua teoria do romance se supera na polifonia bakhtiniana, na *dialética*

¹¹ Relativo à monadologia ou mónade Mónade, termo normalmente vertido por mónada ou mônada, é um conceito-chave na filosofia de Leibniz. No sistema filosófico deste autor, significa substância simples – do grego μονάς, μόνος, que se traduz por “único”, “simples”.

polifônica. É nesse sentido que a poética dostoievskiana pode ser vista como contínua negação de si mesma, e cada antítese que se estabelece se dá como contradição, até uma nova descentralização de verdadeira dialeticidade do processo narrativo, esse movimento aparece nas distintas leituras que perpetuam o movimento poético. Já em Dalcídio Jurandir a literatura surge como expressão artística e cultural, além formar o individual, contribuir de modo significativo para que a arte literária seja uma fonte inigualável de cultura para a humanidade; respectivamente reflexos de época e realidade tão vivas em nosso dia-a-dia.

No artigo *Amazônia em narrativas*, de autoria de Marli Furtado (2010, p. 10) lemos a seguinte reflexão: “Em se tratando do retratado dessa região, no entanto, há pontos curiosos, alguns já observados e bastantes trabalhados pelo cânone, outros bastantes periféricos ou à margem dele. Muitas narrativas entram nesse rol”. As obras Dalcídio Jurandir sofrem da falta de “visibilidade” por muitos estabelecimentos de ensino, leitores e muitas academias de nosso país. Sobre esse contexto nacional Wilson Martins (1977-78, p. 27-28) afirma:

[...] a atmosfera social e política favorecia o romance populista, miserabilista e proletário: à medida mesmo em que se estabilizava e consolidava a revolução literária do Modernismo, ou seja, à medida mesmo em que a literatura, como tal, se tornava cada vez menos revolucionária, a Revolução se tornava cada vez mais literária [...] Essa linha de romance psicológico, por tênue e descarnada que fosse a respectiva psicologia, parecia querer assistir à avançada realidade e populista dos anos 30.

Essa dura realidade nacional que o escritor ainda enfrenta em termos de esquecimento de suas obras, ainda que seja um dos mais expressivos representantes do romance na Amazônia, se deve a muitos fatores. Por hora, apenas reiteramos quem há em seus romances um posicionamento radical, uma linha de ficção que expressa uma visão realista/socialista. No entender de Furtado (2010, p.11)

A atuação esquerdista, assumida no de 1935, quando participou ativamente do movimento da Aliança Nacional Libertadora (ANL) na luta contra o facismo, rendeu-lhe cinco meses de prisão, dois em 1935 e três em 1937, e determinou-lhe a linha de seu jornalismo, exercido majoritariamente conforme interesse partidário (foi membro do Partido Comunista Brasileiro).

A partir das considerações de Amador de Deus (2001, p. 10) desenha-se uma nova realidade na qual escritores como Dalcídio Jurandir ainda lutam pela autonomia de suas produções e pela visibilidade em um cenário nacional:

Na época do regionalismo de trinta, verificamos que, antecipadas por José Américo Almeida com *A Bagaceira* (1928), surgem obras que incluem o Nordeste na geografia literária brasileira e abrem espaço para que outras regiões passem a compor o mapa literário do país. Até 1940, o espaço reservado à região Norte encontrava-se vago. O mapa, portanto, estava incompleto. Exatamente Dalcídio Jurandir é que preencherá esse vazio, completando o desenho de um país que, apesar de constituído por regiões muito diferenciadas entre si, deve ser visto como uno e harmonioso. Explico melhor: rejeita-se a ideia de conflitos, mesmo se admitindo as diferenças regionais.

Neste sentido, partimos do princípio de dialeticidade de Lukács e Bakhtin para percebermos em Dalcídio Jurandir o caráter dialético que salta de suas obras. Esse procedimento é visto claramente na atitude de Alfredo, nos fatos históricos.

O tipo de investigação desenvolvida no contexto desse trabalho propõe uma análise do processo de Educação e Formação de Alfredo, tendo em vista a narrativa, o seu discurso, as palavras, a escrita e a fala das personagens que executam diferentes vozes coexistentes no romance. O instrumento de coleta se desenvolveu a partir de uma pesquisa documental, caracterizada como o próprio nome sugere, por um levantamento de documentos técnico-científicos disponibilizados por meio de materiais que servem como documento físico ou digitais. Segundo Lüdke e André (1986, p. 38) a pesquisa documental ainda é pouco explorada pelos trabalhos de pesquisa. As informações consistem em uma observação direta do próprio observador, sendo esta feita de forma sistemática em diferentes bancos de dados: onde encontramos as teses de doutorados, dissertações de mestrado, artigos, livros, ensaios e periódicos vinculados à CAPES e ao CNPQ. Normalmente, esses documentos estão em bancos de dados de universidades federais e estaduais. Grande parte de nossa coleta também se deu através de livros, artigos e revistas eletrônicas como: *Asas da Palavras*, *Moara*, *Sentidos da Cultura*, dentre outros. Além de sites de busca como o *Google* sob uma investigação de caráter documental e *bibliográfico*¹², em busca de situar e compreender o objeto de estudo.

Fizemos um levantamento bibliográfico em distintas áreas de conhecimentos como: as produções da literatura, *Bildug*/formação, *Bildugsroman*/romance de formação, educação, saberes da/na Amazônia. Esses diferentes campos de estudo com o qual a nossa pesquisa dialoga, favorece a observação do processo de maturação e de evolução dos indivíduos,

¹² Pesquisa bibliográfica é uma pesquisa elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente por meio de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na/pela Internet, são alguns exemplos que poderemos observar em relação à pesquisa bibliográfica.

grupos, conceitos, conhecimentos, formação, educação, comportamentos, práticas, mentalidades e saberes de Alfredo.

Embora os sujeitos da pesquisa sejam personagens de ficção, entre eles, Alfredo que salta como principal sujeito de nossa pesquisa, outras vozes também se fazem presentes, ressaltamos as diferentes vozes de *Primeira Manhã*. Ainda nesse contexto de pesquisa documental é que situamos as obras que integram o Ciclo Extremo Norte, de Dalcídio Jurandir. No total são 10 (dez) romances, no entanto, dialogamos com apenas alguns romances: *Belém do Grão-Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1967) e *Primeira Manhã* (2009), esse recorte se deu porque o processo de Formação e Educação de Alfredo se dá em ambientes urbanos e periféricos de Belém, como bem se observa nas três obras acima citadas.

A trama narratológica do protagonista é fundamental para que se tenha uma compreensão de sua trajetória frente aos romances, é importante que se reviste os seguintes que romances: *Chove nos campos de Cachoeira* (1941) e *Três Casas e um Rio* (1958), com o objetivo de esclarecer muitos dos discursos e fatos presentes na memória (lapsos) de Alfredo; entre o intervalo do “carocinho de tucumã” ao “ginasiano”, no 6º romance é que situamos o nosso objeto de pesquisa.

2. PRIMEIRA MANHÃ COMO ROMANCE DE FORMAÇÃO

2.1 Do carocinho de tucumã ao Ginásio

Nesta parte, discorreremos sobre a formação do protagonista em romances anteriores ao *Primeira Manhã* (2009). Na sequência, anunciamos com quem, de quem e sobre o quê falamos, essa sinalização se dá com o objetivo de entender o processo de formação (*bildung*) e educação (*erziehung*) com base em nossas reflexões sobre o Romance de Formação.

Sabemos que os romances de Dalcídio Jurandir apresentam uma densa trama, ao mesmo tempo em que prima por uma narrativa lenta, monótona e profunda sobre o eu diante do mundo, no qual, conduz o leitor a acompanhar distintas histórias que se multiplicam no decorrer do texto. Além disso, um dos recursos que o autor explora é o *flashback*, isso porque grande parte do romance explora a memória das personagens. No geral, Alfredo se apresenta

como um ser que nos leva a questionar os tramas da humanidade, a enxergar a realidade das pessoas comuns, a valorizar as suas histórias de vida, as suas culturas. A personagem pode ser caracterizada a partir de *ficto* e *facto* do homem universal, periférico, “simples”, mas com histórias de grande valor. Desse modo, a obra dalcidiana desnuda as desigualdade de uma dura realidade, histórias e relatos de vida muitas vezes relegadas, deixadas de lado, mas que a obra recupera para que temas como esses não caiam nas malhas esquecimento.

Alfredo, menino ansioso, inquieto, sonhador, atento as vozes que situam e recriam o seu próprio universo. Universo este de diversos mundos de imaginação psíquica, ficcional e representativa que ultrapassa os limites do eu na sua relação e interação com o mundo. Estas particularidades sentimos ao ler a arte literária do escritor, considerado por muitos críticos como exímio observador; atento aos detalhes da realidade amazônica. Nesta mesma linha, algumas características nos serviu para apresentar o quanto é fundamental as experiências e vivências de Alfredo em espaços rurais e urbanizados.

Alfredo das feridas agudas, das dores da alma, da angústia humana e das duras realidades dos ambientes urbanos, campestre e interioranos. Ainda menino é em *Chove nos campos de Cachoeira* (CcC) como: filho de mãe preta D. Amélia, e pai branco, Major Alberto: “vinha dos campos queimados, a terra preta do fogo e os gaviões caçavam no ar os passarinhos totos” (CcC,p.14) estonteante era a vida em Cachoeira, na qual Alfredo (re)cria, de modo bem original, o seu mundo em um carocinho de tucumã.

No folhear dos catálogos de Major Alberto, Alfredo sentia folhear a sua vida, queria ser diferente, queria ter pernas limpas, não se aceitava como sujeito ao ser ferido, feio, febril que lhes cansavam e os deixavam mofino no fundo da rede. O menino doentil e frágil, aos cuidados de sua mãe, sobrevive diante de altas febres que lhe dava de modo constante, um exemplo de lutado homem e mulheres do Norte de nosso país. Implicava por ser moreno “mas se ofendia quando o chamavam de branco. Achava uma caçoada de moleque (CcC, p. 19).

Alfredo sofre discriminação e preconceito, tantas vezes visto como menino estranho à sua realidade, por não fazer parte da realidade de muitos meninos/meninas que não possuíam um chalé. Por ser filho de um major em Cachoeira, Alfredo é visto como hipócrita, rebelde e filho de doutor. Por isso, não vivencia as constantes experiências dos meninos de sua tão presente realidade como lemos no fragmento:

Henrique não estava caçoando. Para ele era tão natural que Alfredo parecesse branco. Não mora num chalé de madeira, assoalhado e alto? Era filho do Major Alberto, tinha sapatos. Alfredo não comia passarinho balado.

Quantas vezes Henrique não matou a fome com um passarinho de espeto?
(CcC, p. 19)

Em meio a essa vastidão de mundo, um mundo também bastante contraditório, Alfredo busca modificar a sua realidade. Em um episódio em Araquaçaua quase morre depois de ter escorregado da beira de um poço, como se morte quisesse tragá-lo de qualquer forma, ameaçado com frequência pela morte. Também por carregar o fardo de já ter supostamente levado um de seus irmãos para morrer afogado. Por esse descuido sua mãe passou a ser mal falada pelo povo, acusada até de não ser uma mãe responsável. No entanto, a morte continua a espreitar a vida do menino, Alfredo passa por diversas situações trágicas e tem que encarar as dificuldades para poder conquistar as suas vitórias, seus sonhos, enquanto menino sobrevivente do/no campo da Amazônia.

A partir de um mundo criado ficcionalmente por um caroço de tucumã que lhe servia de refúgio para sufocar a realidade caótica, lenta, monótona e quase sem movimento em cachoeira. O caroço de tucumã era sua “válvula de escape” para sair da angustiante realidade marajoara e transportá-lo de corpo e alma para o mundo do “faz-de-conta”, das histórias e das imaginações, que ele mesmo criará sobre a angustiante relação dialógica entre o ser e o tempo, entre o eu e outro, entre o eu e o mundo.

Representante de menino do interior, com uma aguçada percepção de inferioridade, desigualdade, humildade, passou ser humilhado por não ser considerado um menino “normal”. Suas dores se transforma em feridas internas, abertas pelo sonho e pelo sofrimento frente à realidade ribeirinha, e, por outro lado; feridas externas, abertas pelo seres humanos do interior do Pará, dos campos: símbolos de “atraso” quase sem perspectiva de vida para quem sonha em ter ou construir a sua própria realidade e um mundo diferente.

Não encontramos muitas descrições de como nasceu Alfredo, mas poderemos juntar alguns fatos com o intuito de contextualizar a saga dalcidiana. De fato, Alfredo se apresenta como o principal personagem da trama. Muitos estudiosos e pesquisadores informam que o nascer de Alfredo se deu pela morte de Eutanázio, personagem que ocupa grande destaque em quase toda trama do romance embrião, *Chove nos campos de Cachoeira*.

Depois da morte de Eutanázio, a vida de Alfredo passa a ser recorrente nos romances posteriores. É válido ressaltar que *Eutanázio* aparece nas vozes de D. Gemi: “afinal era um homem apodrecendo por falta de cuidado, duma criatura mais corajosa que não tivesse medo dele”(CcC, p. 21). Em outra passagem do mesmo romance: “Dona Gemi ficou olhando o silêncio de eutanázio que engulia palavrões, raiva, nojos, as grandes nuseas de si mesmo”. É

essencial sabermos a relação entre corpo e alma no qual vários questionamentos podem ser inferidos:

Eutanázio pensava que doença do mundo que ele tinha era na alma. Vinha sofrendo desde menino. Desde menino? Quem sabe se tua mãe não botou ele no mundo como se bota um excremento? Sim, um excremento. Teve uma certa pena de pensar assim sobre sua mãe. [...] Os nove meses dolorosos. Sim, um excremento de nove meses, a gravidez fora uma prisão de ventre (CcC, p. 22).

A dor existencial de Eutanázio passa a ser as dores existenciais de sobrevivência, fato que marca para sempre o destino de Alfredo, ao recordar com exatidão de Eutanázio.

O silêncio da exumação de Eutanázio. Quantas covas abri no seu passado. Uma infância doentia, infeliz. Certos desejos, certos sonhos, as inquietações obscuras da adolescência. Os primeiros desenganos ruins demais para a sua sensibilidade, ou melhor, para a sua irritabilidade. Mas enterrara tudo sem saber se estava morto ou não. Daí o seu silêncio de exumação. Obsessão de rever as ossadas, os vestígios certos sonhos, certos desejos que mal se completaram, como fatos, na sua mocidade solitária e inútil (CcC, p.29).

Sabemos que a relação entre Eutanázio e Alfredo era de uma grande cumplicidade, conhecimento e experiência uma vez que o primeiro contava histórias ao segundo:

Eutanázio contava fazendo careta, gestos, erguia-se, com os cabelos despenteados caindo pelos olhos. Havia qualquer coisa de trágico e cômico na história. Alfredo não podia deixar de esfriar com aquele pobre rapaz correndo com medo do mestre. Mas Eutanázio contando histórias, contava a seu modo a sua própria história (CcC, p.182).

Alfredo sentado no soalho não compreendia muito bem os motivos que levava Eutanázio contar histórias trágicas, coisas medonhas que sem querer era o retrato da vida do próprio Eutanázio. Dessa relação, contador e receptor, muitos saberes foram essenciais para a construção e autonomia de Alfredo, crescimento que se configuram como reflexo de uma vida de meninos e meninas da região Norte de nosso Brasil.

Estes fatos contribuía para a formação de Alfredo, para que o pequeno tivesse uma boa desenvoltura, assim, lembramos o personagem Alfredo recitando poemas de Acácio Antunes: *O Estudante Alsaciano*. Não foi tão fácil para o personagem digerir, compreender a arte de interpretar, declamar, ler e imaginar, levava dias debaixo da casa decorando para poder recitar. Naquela época, tudo era risonho e franco; Alfredo era virgem, virgem para a vida e

para as coisas do mundo, subindo ao palco trêmulo, inseguro, mas com a vaga lembrança das peripécias de seu irmão mais velho, Eutanázio:

Foi um fracasso. Gaguejava, a poesia mal se punha em pé dentro da memória. Fracasso completo. Recebel algumas palmas por cortesia, para que ele não saísse do palco debaixo de vaia. Mas sem triunfo, a sua glória, foi na intendência. “Recitou o “Pássaro Cativo”. Seus dedos tremiam.

Talvés os teus ouvidos escutassem

Este cativo pássaro...

Foi então que croiu em cachoeira fama de menino inteligente e que devia ser aproveitado (CcC, p.183).

Entre práticas e experiências Alfredo desenvolve o gosto por um campo de conhecimento tido como: saberes do ser humano no mundo de recitações e que vê passar a sua vida no catálogo de seu pai. Narrada também pelas histórias e anedotas de Eutanázio e a sua insistência em mudar a realidade em que vive. Experimenta e compartilha vivências de sujeitos que contribuem para o crescimento como ser humano nas “arapucas da vida”.

O sonho ou devaneio de Alfredo passa a ser criado a partir de um outro mundo, desconhecido para si próprio, mas que marca toda a sua infância. Assim lemos em Dalcídio Jurandir:

com aquela cidade cheia de torres, chaminés, palácios, circos, rodas giratórias que lhe encham o sonho e o carocinho. De olhos abertos para o telhado, pensa na sua ida para Belém. Seu grande sonho pe ir para belém, estudar. A única vez que esteve na cidade era ainda bem pequeno. Mas tem lembrança de tudo que viu (CcC, p.84).

O protagonista sonha em um dia viajar para Belém. A cidade tem algo mágico que desperta em Alfredo muitos sonhos, por ser, na sua percepção, uma cidade diferente de tudo que já havia imaginado, ouvido e visto em jornais, nos catálogos do Major, nas falas, nas conversas e nas vozes sobre os distintos mundos, espaços de outras “gentes”, suas diferentes culturas. No vazio de suas lembranças imaginar é o que resta. Um fragmento que representa as dores e a vontade de fugir desse lugar de terra queimada e seca pode ser visto pelas descrições narrativas, durante o delírio das constantes febres:

A febre faz Alfredo mais agarrado à rede, às revistas, aos caroços de tucumã que joga napalma da mão. Com um carocinho daqueles imagina tudo, desde o Círio de Nazaré até o Colégio Anglo-Brasileiro.[...] Par’a alfredo a cidade era seu Ulisses esperando aquele mingau amarelo que mãe Ciana adoçava e esfriava (CcC, p. 86-87).

Em meio a tantas adversidades, imerso em suas dores e angústias não deixa de lutar pela conquista de seu desejo maior: sair de Cachoeira, libertar-se dessa realidade e continuar seus estudos em Belém, a capital dos sonhos e dos desejos do menino:

Quantas vezes, já com fio da febre ou ainda com febre, não ia chorando se queixar, bater os pés na cozinha onde sua mãe lava as xícaras do café ou mexer a panela: - Mamãe, me mande para Belém. Eu morro aqui, mamãe. Cresço aqui e não estudo. Quero estudar, quero sair daqui! (CcC, p.185)

Toda essa revolta e indignação o faz ser diferente de outros meninos, o que evidencia uma particularidade ímpar para que Alfredo sempre busque a sua própria autonomia.

Alfredo chorava, se lamentava, mordida o lençol, ainda cheirando a febre na rede, ficava estúpido e sem forças, coçando feridas com um súbito desejo de sangrá-las mais, abri-las, ficar todo em carne viva, em feridas, querendo fugir de Cachoeira, desaparecer de casa, partir nem que fosse para o Instituto Lauro Sódre (CcC, p.185).

Alfredo ganha a credibilidade do Major Alberto, pois, o seu carocinho de tucumã passava a ser seu amuleto da sorte. Então, poderia imaginar que o sonho fosse realizado:

E o carocinho de tucumã fez Major escrever uma carta ao intendente pedindo dinheiro, mandando falar nos estudos de Alfredo e depois Major vai à cozinha e diz:
 - Arruma a minha roupa que vou levar o Alfredo para Belém, Amélia.
 - Mas como? Como? Se Alfredo não tem ainda roupa?
 - Bolsa! E é preciso luxo? Para tudo vocês arrumam dificuldades (CcC, p.222).

Alfredo parecia “doido para sair de Cachoeira, ir para o colégio. A Anglo-Brasileira era já um sonho perdido” (CcC, p.198), não contentava em estar em qualquer lugar Cachoeira, ilha de marajó, ficcionalmente Belém. Nesse contexto, Alfredo e seu amuleto de sorte ficam distantes, separam-se por motivos do tempo, na tentativa de conquistar novas áreas, ou melhor, conquistar Belém.

Alfredo sacode o lençol, carocinho salta no soalho correndo para debaixo da rede do Major, como se fugisse. E o menino, como que desamparado, pergunta a si mesmo: - E agora? - Major, na rede, parecia proteger aquela fuga [...] Alfredo se aquietou na rede... (CcC, p.280)

Alfredo não aparece no segundo do ciclo, *Marajó* (1947), essa obra tem como centro outro herói: Missunga. O romance narra os relatos do sofrimento do homem no interior do Brasil, utilizando um discurso sobre os “pobres”, efetivamente na “voz do próprio pobre”, em situação de uma vulnerabilidade social, política, econômica, cultural, educacional, dentre outras. O olhar de Dalcídio sobre o seu espaço, sua terra, sua gente, busca a todo custo “inflamar” o público, seus receptores, leitores em busca de informar, denunciar as precárias condições de cidadania e o meio social no qual vivem os povoados das ilhas; ribeirinhos, vilarejos que ficam às margens do poder.

No romance *Três Casas e um Rio* (1958), há presença forte e marcante de Alfredo na trama e no drama das disposições ficcionais. Assim, a vida de Alfredo se intercrusa com as histórias de outras personagens: D. Amélia, Eutanázio, Lucíola, e principalmente, Sebastião, tio de Alfredo. Esse romance foi escrito em 1956 e tece as angústias de Alfredo à espera da viagem para estudar em Belém, coberto de conflitos, vivências, andanças e mui imaginação. Retrata no fragmento a seguir: (Jurandir, 1994, p.144) discorre sobre um reflexo de um mundo desconhecido por Alfredo sobre as “fronteiras” da vida em Marajó e Belém/PÁ, entendida como:

Deitou-se ao comprido na fontezinha, olhando o fundo da vala. A água descia vagarosamente sobre a lama, arrastando resíduos misteriosos, uma pena de pássaro, uma asa, pequenos naufragos como formigas, sapinhos, mosquitos acompanhando o curso, folhas, reflexos e vozes de outros países diluídas naquele murmúrio leve, por vezes indistinto. Assim, o mundo através daquele leito de vala pareceu complicado, com mil e uma fronteiras, descomunal como o desconhecido mundo das cidades, a Ásia, a África. Imaginava, por isto, o mundo inteiro visto de cima de uma ponte sobre a lua ou da cauda de um cometa.

A trama gira em torno de “Alfredo, Andreza e Mariinha”, deusas enaltecidas pelo campo da memória. Os principais dramas ficam aos passos do tio de Alfredo que recupera os fatos e as lembranças. Nesse ínterim, percebemos também outros dramas como: o medo do Major Alberto perder o emprego na intendência, a doença de Mariinha e o alcoolismo de D. Amélia, mãe de Alfredo.

Em *Belém do Grão-Pará* (BGP, 1960), Alfredo tem parte de seu desejo realizado, esse romance fala de uma nova realidade, a vinda de Alfredo para Belém. O sonho imaginado pelo caroço de tucumã se torna realidade. Sua chegada é mais explícita no 3ª capítulo dessa mesma obra. O personagem vem “morar de favor”, na casa de parentes, na residência da família Alcântara, em decadência, na conhecida rua Gentil Bittencourt. Vem com a missão de estudar

e “ser alguém na vida”. Neste aspecto, percebemos o nível de ansiedade de Alfredo ao desembarcar no Cais do Porto de Belém:

B'lém, B'lém, Belém, Belém', repetia Alfredo baixinho, imitando Andreza em Cachoeira quando falava da cidade.
 “B'lém, B'lém”, já vestido, pronto para desembarcar. Mas esperava a mãe. Seguro nos cabos do barco “São Pedro”, murmurou:
 — Oh, mas esta mamãe custa...
 E sentia com a própria impaciência o encanto daquela demora. (BGP p. 31).

Alfredo encara a novidade, uma nova vida em uma cidade que ele compara com as imagens que via no catálogo do pai e nas falas. Já em Belém o menino recorda das tias, as lembranças de Cachoeira vêm à memória. No entanto, tão logo, a sonhada cidade, com uma vida que pulsa em outro ritmo, toma outros ares de desencanto:

Tudo custava. Custou a manobra do barco para entrar no Ver-o-Peso, o cais das embarcações a vela que vinham do Guamá, Ilhas, Salgado. Marajó, Tocantins, Contra-Costa... Até vestir aquele fato novo, feito na loja, custou. A meia custou a entrar, as ligas de borracha apertavam nas pernas onde as marcas de feridas pareciam doer. O sapato, ao calçar, doeu-lhe. Agora, o barco descansava naquele abrigo, ao lado do Necrotério, liberto do mau tempo. Preferia que houvesse atracado defronte das quatro torrinhas do Mercado de Perro que davam a Alfredo a impressão das casas turcas vistas no Dicionário Ilustrado. Ou perto das canoas de peixe, ou na escada junto às embarcações de mel, alguidares, jarros e urinóis de barro? Vermelhos urinóis de barro cozendo ao sol. Mas o “São Pedro”, como todas as embarcações do Arari. encostavam sempre ao lado do Necrotério, a proa olhando os velhos sobrados comerciais que se inclinavam sobre a pequena praça para saudar, à maneira antiga, as canoas que entravam e saíam (BGP, p. 31-32).

Alfredo é um grande observador e logo é assaltado pelo excesso de informação das arapucas da cidade, um desconhecido em mundo preste a ser descoberto, seu olhar instigante e seu instinto de menino curioso o levam por muitos caminhos. Observador minucioso, guarda tudo em sua memória para ser descrito com saberes em sua caminhada. Sobre esse aspecto, destacamos uma passagem em que vemos o fascínio de Alfredo por Belém: “Alfredo pendurou-se pelo cordame e gritou para dentro da camarinha: — Mamãe, um automóvel! O carro irrompera na curva do bonde, buzinou entre as lojas e as canoas, desaparecendo”. (BGP, p. 32). O primeiro contato com a cidade de Belém é descrito da seguinte forma:

Alfredo, então, avançou pela proa e saltou na calçada, pisando o chão da cidade. Viu que andava sobre paralelepípedos. Numa dessas pedras levada pelo Alfer, “moço” da lancha “Atatá”, se apoiava a trempe do fogão da nhá Porcina. Por entre as pedras no chão da cidade grelava capim. Que luz a do

seu olhar cheio de uma cidade que era só sua, não daqueles barqueiros, nem de sua mãe nem daquela gente alheia e indiferente que passava. Sua. Mas no ruído, nas vozes do Ver-o-Peso e no íntimo rumor de suas emoções, caía como água de fonte a voz de Andreza: B'lem (BGP, p.32-33).

A chegada de Alfredo é, simplesmente, a realidade de muitos meninos e meninas que vem morar na cidade, na tentativa de construir uma nova vida. Sobre esse contexto podemos enfatizar que o matuto do sítio, o tio bimbos na cidade grande nos sugerem alguns questionamentos:

Estaria andando direito como menino da cidade? Escutara a Dadá dizer em Cachoeira: “Ah, conheço rapaz da cidade pelo modo de andar. O andar é outro. Também na cidade saberiam logo descobrir os que vinham do sítio, tios bimbos no caminhar e no admirar tudo? Os meninos, sobretudo, por certo bem vestidos e donos de Belém, com a curiosidade afiada, gostariam de olhá-lo, ouvi-lo pasmar diante do automóvel, imitar-lhe o andar, descido o beijo de matutice (BGP, p.33).

A realidade urbana aos olhos de Alfredo é um deslumbramento. Assim vemos na seguinte citação:

Deveria fingir indiferença, mostrar que era menino habituado a ver Belém. Mas durou pouco essa prudente resolução. Deixou-se caminhar pela pracinha deserta, entregue ao seu deslumbramento. E livremente estaria pronto para exclamar de novo sobre o que visse, pedras da rua, o tequeteque com o seu armário às costas, tabuleiros de pupunha, quiosques, o que ia vendo, pela primeira vez, homens em bicicletas, colegiais, engraxates, meninos tão sozinhos, donos de seus pés, a apanhar bonde, e bichos, lojas, aqueles anúncios ah, grandes, por cima das casas. E de um fundo de mangueiras, se entreviam pedaços de telhados e cores de palacetes, sobradões, a estátua (BGP, p.33).

Em Belém, Alfredo mora em muitas casas. Primeiro reside na casa dos Alcântaras, depois na casa de D. Cecé, sua tia, irmã de D. Amélia. Essa trajetória é narrada em *Passagem dos Inocentes* (1967). Essa rua é descrita como lugar periférico, com muita lama. Uma rua que sempre alagada com as fortes chuvas, um lugar escuro, um lugar distante das avenidas calçadas em Belém. *Passagem dos Inocentes*, que dá nome ao romance, na verdade, era uma passagem central que dava acesso a importante Estrada de Nazaré. O drama inicia com a visita de Major Alberto, D. Amélia e Alfredo à Areinha, uma pequena vila nos arredores de Muaná, casa do avô materno de Alfredo chamado de Ribiano. Essa visita fez o irmão de D. Amélia, o Sr. Ezequiel, reunir todos os conhecidos da família para celebrarem a visita da

família de Alfredo. O Major Alberto fala das vivências na casa de sua tia Cecé em Belém. Em seguida, relembra de fatos marcantes como a descoberta do trauma de D. Cecé, flagrada por cometer adultério com o Sr. Messias, coletor federal em Cachoeira, por conta disso foge para o subúrbio de Belém.

No quarto capítulo do romance observamos as diferentes paisagens de Belém. Momento em que Alfredo menciona os inferninhos (prostíbulos) e as obscuridades da cidade. Na saída da Passagem dos Inocentes para o colégio Barão, o filho de major Alberto observa as cenas da cidade. Nesse trajeto encontra com antigos casarões, escolas, vilas, gentes, ruas até chegar ao grupo escolar Barão do Rio Branco, localizado na Estrada Generalíssimo Deodoro, a conhecida e antiga Dois de Dezembro, localizada na antiga Estrada de Nazaré. Há um episódio na obra em que Alfredo sai da casa de D. Cecé, localizada na Passagem dos Inocentes e vai morar na casa do elegante Coronel Belarmino, na José Pio, local de residência temporária. Sob os cuidados de D. Dudu, conhecida pelo nome de Domingas Amaral, sobrinha do Coronel Belarmino; encarregada de cuidar do casarão do tio. Assim lemos no fragmento segundo Jurandir, (2009, p.101) que:

De pé, d. Dudu, avançou o queixo, feito um dente de dragão, um queixo que é uma clava contra o mundo:

- tirava um pedaço da casa você hospedado aqui? O esse da tua rede ia roer tanto a escápula do quarto? Mando fazer outra escápula se assim for o sucedido. Tirou o lugar dum outro?

-Da outra? Queria dizer: a outra?

Alfredo arriscou a pergunta, pôs-se de guarda, remexeu o pirão. Mei-pataca.

A nossa tentativa foi demarcar algumas situações do protagonista a partir dos fragmentos de romances anteriores ao *Primeira Manhã*. Assim, a nossa ideia foi demarcar a trajetória de Alfredo, saindo da fase do carocinho de tucumã ao ginásio. Portanto, “o trato ou condição”(PM. p.100) da início do processo de formação e aprendizagem de Alfredo, impulsionado, algumas vezes, pelo fluxo da memória do protagonista que refugiava-se no carocinho de tucumã e ali encontra o seu mundo mágico.

2.2 Os atropelos do tempo em Alfredo

Em uma série de romances que fazem parte do ciclo *Extremo Norte*, Dalcídio Jurandir busca-se descrever, de forma minuciosa, uma “poética de pé no chão”, em que se vê, dentre outras questões, os conflitos do homem frente ao universo amazônico. Como já foi anotado

anteriormente, o romance *Primeira Manhã* representa nesse contexto, os passos de uma análise sobre o processo de formação e educação de Alfredo, a partir de uma perspectiva de leitura do Romance de Formação, em espaços urbanos e periféricos de Belém/PA. Por essa razão, definimos alguns aspectos para essa abordagem, discorrendo sobre: *o enovelar das malhas semânticas do romance e Alfredo e os atropelos do tempo*.

De início, para que possamos compreender a escritura literária de Dalcídio Jurandir, entendemos que o romance *Primeira Manhã* engendra questões sobre o tempo histórico e os problemas sociais da Amazônia paraense, no tocante aos acontecimentos ocorridos a partir dos anos 1920, e que se estende até os anos de 1950 do século XX. Essa problemática ganha notoriedade e validade ficcional e histórica dentro um contexto de época no qual os fatos e os dramas são desenvolvidos a partir de Alfredo, refletindo, dessa forma, suas dores e suas angústias humanas, além de envolver outras questões como a formação, educação e saberes, dentre outras.

Nesse sentido, as questões voltadas à educação se baseiam no conflito do homem consigo mesmo, com os outros, e com o próprio mundo, que analisaremos a partir do processo de formação e educação de Alfredo no referido romance. Busca-se representar um dado momento da história de vida de Alfredo em nossa sociedade.

Para Olinto (2009, p. 18):

[...] na obra, o jogo entre tempo, espaço e voz narrativa é muito bem traçado [por sua vez] as indagações, muitas delas próprias da idade em que se encontra, somam-se à sensação de fastio, de desencontro, que vão minando, dia a dia, as ‘ilusões’ desse ginasiiano.

Alfredo toma partido dos acontecimentos e de impressões da realidade que possibilitam formar o seu ponto de vista crítico. O romance, por outro lado, convergem também para histórias e trajetórias de personagens secundários que ganham autonomia e visibilidade a partir de suas respectivas problemáticas. Embora a ficção dalcidiana sinalizem para a formação, experiência, educação e os saberes, dentro e fora da sala de aula (educação formal e não-formal).

Nessa perspectiva, a dicotomia que diz respeito às experiências individuais de Alfredo em contraposição aos modelos de educação do século XX no Brasil surge como uma problemática, em especial, ao se tratar de uma educação de época marcada por certos pragmatismos. Em face disso, nos deteremos sobre o protagonista, suas trajetórias enquanto ginasiiano, suas amizades, angústias, dores, revoltas, o seu mais novo espaço, sua nova gente;

outra casa, cujos problemas se acentuam para o sujeito frente ao modelo de educação em um tempo de inquietação interior, do aprender e compreender o mundo a sua volta.

Vozes representativas do interior da Amazônia paraense, dentre os distintos espaços e cenas, perpassam a educação de Alfredo, exemplo disso são os personagens que situam Alfredo sobre um contexto de Belém. Distingue-se, D. Santa, Velha Parteira, as Irmãs Órfãs, d. Dudu, Brasileira, Boaventura, a ausente e tão presente Luciana, as conversações com Lúdica, a companhias d. Abigail e d. Ivaína e os diálogos de adolescente com os professores.

A seguir há algumas cenas que representam as distintas personagens no romance:

NOMES DAS PERSONAGENS	PERSONAGENS DO ROMANCE <i>PRIMEIRA MANHÃ</i>
Alfredo	É o protagonista da saga romanesca: menino do Marajó que sonha em conquistar o ginásio; sofre com as “arapucas da cidade” e o desgosto de um modelo de educação no Brasil; passa a prender no ranger das perneiras de uma Belém urbana e periférica onde muitas vezes segue sem rumo.
Dona Amélia	- A negra Dona Amélia: mãe de Alfredo, que sonhava e ver o filho doutor; não era casada, mas vivia com o branco Major Alberto, pai de Alfredo.
D. Celeste	- Parente de Dona Amélia, que falou sobre D. Dudu; ficou lhe devendo na época em que Alfredo morou em sua casa algum tempo atrás, fato ocorrido no livro anterior, “Passagem dos Inocentes”.
D. Santa (Velha Parteira)	Irmã do coronel Braulino que mora na José Pio, novo endereço de Alfredo, finalmente ginásiano em Belém; Dona Santa, parteira irmã do coronel Braulino. Foi a senhora quem narrou o drama da jovem Luciana para o adolescente Alfredo. Não gostava da cunhada Jovita e nem da sobrinha Graziela e era mãe da costureira Dudu. Tratava das netas órfãs Ana e Dalila.
Dona Dudu	Costureira: filha da parteira D. Santa, sobrinha do coronel Braulino; gostava de contar as desgraças da família do coronel Boaventura e odiava Luciana.
Luciana	A jovem filha do coronel Braulino e da Jovita.
Jovita	Cabocla do Marajó: esposa do coronel Braulino Amanajás Boaventura, mãe de Luciana e Graziela. “A Jovita? Uma tapuia dura, feita de pau piquiá, aquele seu rosto amarrado, uma soberbia que carrega”. (PM. p. 32)
Major Alberto	Pai de Alfredo: era advogado, culto e tinha biblioteca em sua casa. Além de não cobrar sua advocacia, morava no chalé em Cachoeira; trabalhava com coronel intendente e resolvia tudo.
Andreza	Amiga de Alfredo que morava em Cachoeira; aparece apenas no plano da memória do rapaz.
Dona Dudu	Costureira: filha da parteira D. Santa, sobrinha do coronel Braulino, gostava das desgraças na família do coronel odiava Luciana.
Graziela	Irmã de Luciana segundo D. Santa era invejosa; tinha inveja de Luciana, que tinha talento e inteligente.
Abigail	Uma vizinha da José Pio: mulher muito falante, e, junto da prima Ivaína, convidaram Alfredo para fazer companhia a procura de seus maridos Fernando que estava no cabaré, prostíbulo.
D. Ivaína	A prima de Abigail: era calada e séria por ter sido estuprada na noite de núpcias pelo seu marido; morava na José Pio.
D. Brasileira	Mulata de um metro e oitenta: já tinha sido mulher da vida; foi amante do ex-governador, o amigo do coronel. Mulher de influência, conhecia todo mundo no fórum e na alfândega; ficou viúva para ser a dona dos bois do coronel e morava no anexo da taberna do seu Antonico.

Antonico.	Comerciante desonesto.
Ana e Dalila	As órfãs que viveram no orfanato: viviam perambulando e aprontando pelas ruas. Aos cuidados da avó D. Santa, que não enxergava a realidade que elas faziam.
Severino	Pastor Severino, que pediu em casamento Luciana, diante da negativa de dona Jovita, “teria ficado louco, rasgando páginas da Bíblia. Jogou uma praga na família do coronel” (PM. p. 33).
Professor Benício	Aparece no campo da memória quando Alfredo tinha quinze anos e o procurou para ter aulas para o exame de admissão. “Veterano com quarenta anos de magistério” (PM. p. 62). Conhecido pelo “apelido professor moquém” (PM. p. 63).
Prof. Química	“Rosto de peixe azulado e de gelo e barba” (PM. p. 36). “O gramofone” (PM. p. 37)
Prof. Português/ Literatura	“sofre do peito, e mal voltou o Ceará, cuspiu sangue” (PM. p. 41).
Prof. Arte	“trinta e dois inimigos” (PM. p. 199).
Prof. Francês	“na pista a língua chicoteia, abre a jaula de onde saímos, tentando engolir no ar o pronunciar rouco” (PM. p. 200).
Prof. Matemática	“Petrificado em giz o teorema” (PM. p. 201).
Prof. Geografia	“Rios, rios da Europa?” (PM. p. 202).
Prof. Latim	“Beizame espichado” (PM. p. 204).
Doutor Gurgel	[...] – Advogado que a anos defendia o coronel na causa da disputa de terra, contra a família Teixeira). Segundo Brasileira, “doutor Gurgel sangrava o bolso do coronel, com essa causa interminável” (PM. p. 170).

O romance encontra-se dividido em duas partes, a primeira das páginas (p. 31 a 155), obtém como foco, apresentar o primeiro dia de Alfredo no Ginásio, caracterizando-se como o “principiante”, o “novato”, “calouro”, “nu e cru”, “caqui verde”. E sobre as lembranças surge Luciana, d. Jovita. Boaventura, pastor Severino, a “pretada” de Muaná, Cachoeira e *todo um* contexto marajoara, os seus 15 anos e as meninas do Marajó, as etiquetas sociais, os inferninhos, Alfredo menino/homem, os clareúmes da noite, o sonho em ser ginásiano fazem aparte de sua trajetória.

Em segundo momento, sobre as páginas (p.159 a 207), gira em torno das descobertas ou “arapucas” da cidade, do modelo de educação, das monótonas aulas, as decepções, os desencantos, os vexames, as fugas para as ruas, das suas errâncias em Belém, da casa nº 48 na Travessa José Pio, os professores e seus modelos de ensino, as problemáticas de uma Belém em decadência social, cultural e econômica.

É sobre essa luta do “espírito formativo da imaginação” que Olinto (2009, p. 13) faz a seguinte análise:

Nesta luta entre concepção e traquejo manual (no exterior é sempre a mão que funciona, por sutil que seja o arranjo instrumental”, torna-se necessária

certa veemência de imaginação, capaz de provocar um equilíbrio entre a força que se lança para fora e a linguagem que tenta detê-la. É por isso que um livro como *primeira manhã* pode parecer, à primeira leitura, um romance selvagem. Há, em todo ele, uma aparente desordem, oriundo do fato de que o romancista não se deixou, ai, dominar pela técnica. Tem-na, contudo. Sente-se, a cada novo lance da história, que a arrumação preside os acontecimentos.

[...]

Estudado sobre o ângulo do equilíbrio, seu manuseio é até extremamente trabalhado. Dentro do princípio de que muitas obras literárias também para a música (tempo), enquanto outras se dirigem na direção da estrutura arquitetônica, ou do traço, ou da forma pictórica (espaço), pode-se dizer que Dalcídio Jurandir se situa no plano rítmico de Proust, em que a combinação sinfônica da obra se subdivide ao mínimo.

Todos esses questionamentos a partir dos olhares de estudiosos e críticos do romance dalcidiano perceber o espírito formativo e o mundo infundáveis de saberes desenvolvidos por seus personagens no desenvolver das tramas e complicações narrativas construídas por Dalcídio Jurandir. Sobre as infinitas leituras sobre o romance a seguir discorre-se sobre essa questão.

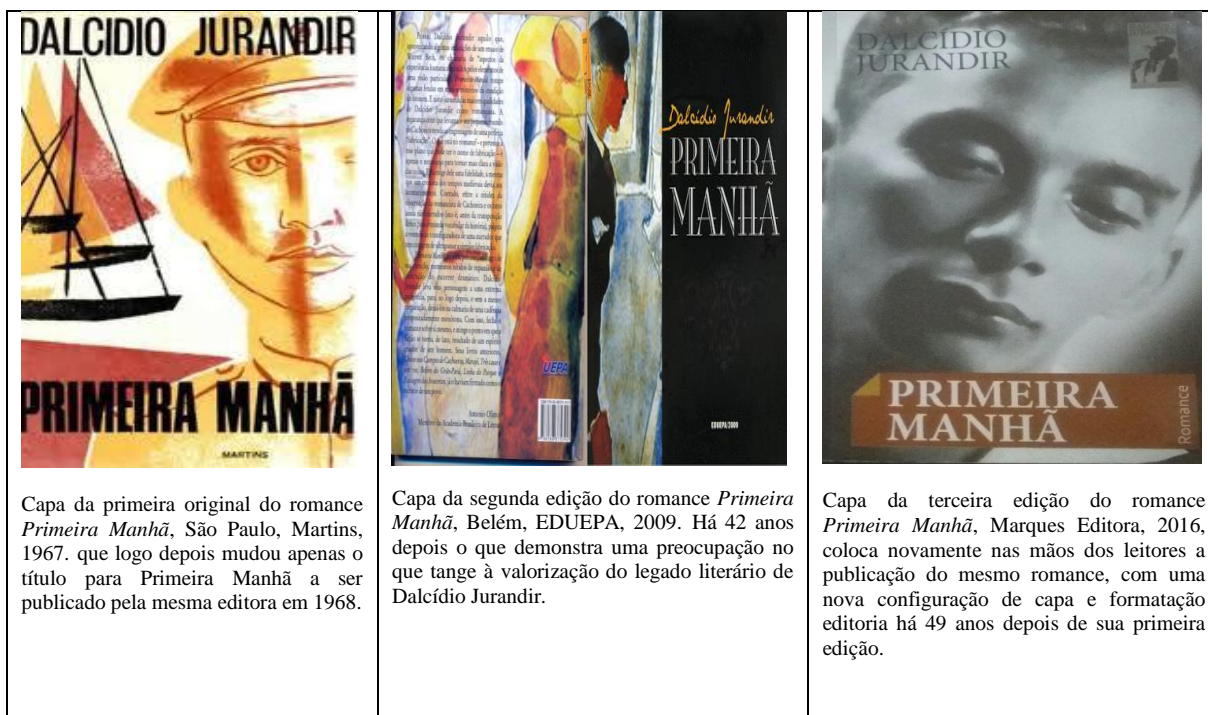
O enovelar das malhas semânticas no romance *Primeira Manhã*

A partir dessas concepções de leitura da ficção dalcidiana, sobre a “malha semântica,” infere-se alguns aspectos relacionados a um processo de educação e formação romanesca, percebemos que o título transborda diferentes leituras ao olhar semântico. O que poderemos evidenciar os seguintes questionamentos: *Primeira Manhã* de Alfredo? *Primeira Manhã* como ginásiano? *Primeira Manhã* da passagem do menino/homem? *Primeira Manhã* de Alfredo frente ao “novo” mundo, ambiente escolar? *Primeira Manhã* dos inferninhos dos prostíbulo e uma vida social?

Seria então, *Primeira Manhã* das etiquetas sociais? *Primeira Manhã* no pátio, no ginásio? *Primeira Manhã* das arapucas da cidade? *Primeira Manhã* das experiências em Belém como jovem, aos dezesseis anos sem rumo? São tantas as indagações que Dalcídio Jurandir deixa para que um leitor atento busque compreender e tire as suas conclusões sobre o romance “*Primeira Manhã*” que buscamos explicar por meio das suas conotações semânticas que a qualificam como título do romance em perenes horizontes de leituras.

A seguir as capas das edições do romance:

As capas das edições do romance <i>Primeira Manhã</i>
--



Nunes (2009, p. 23), discorre que *Primeira Manhã* “é, por excelência, um livro feito à análise dos dramas humanos – o que torna esta obra (trans)universal -, associados à arrogante educação nacional, que se mostra artificial descomprometida e, enfim, descompromissada”. Já segundo Fares (2009, p. 11), o romance “encabeça a lista dos romances de uma única edição [com] poucos estudos conhecidos [porém] por outro lado, “diz respeito ao teor do romance, pois, através do ficcional, trava-se uma discussão sobre práticas educativas no Brasil-Amazônia”.

Ainda sobre *Primeira Manhã*, Nunes (2009, p. 23) afirma:

[...] a meu ver, a mais perfeita estratégia arquitetônica de *Primeira Manhã*, pois o enredo do romance, perceberão os leitores, é quase que totalmente desprovido de ação (nele as personagens mais pensam que agem). Por que isso se daria, afinal? Porque a ação do romance, penso eu, se passa, aparentemente, nos subúrbios de Belém, mas, na verdade, o destaque emprestado ao psicológico – introspecções e lembranças – faz a ação oscilar entre a capital do Pará e o Marajó, na flutuação sistemática de pensamento e divagações das personagens.

Na citação, o estudioso busca explicar os ritmos temporais da narrativa e diferenciar os distintos espaços entre Cachoeira (Marajó) e Belém/PA, traduzindo-os como uma “ação hercúlea do autor diegético [...] do autor empírico” (NUNES, 2009, p. 24). Por esse motivo, o leitor que não atentar para isso, não consegue compreender as implicações ficcionais do romance. Ressaltamos, nesse aspecto, a partir do entendimento de Bolle (2016) presente na

“orelha do livro” da última edição de *Primeira Manhã*, três conceitos básicos que elencamos abaixo

- 1) O ciclo se concretiza no gênero de um *roman fleuve*, tendo como eixo topográfico o sistema fluvial dos rios amazônicos;
- 2) A noção de Paidéia na significação original de “formação das crianças e dos jovens”, é incorporada pela história de Alfredo, um menino do interior que sonha em frequentar uma boa escola na capital. Enquanto realiza o sonho, depara-se com várias decepções que resultam na decisão de abandonar o ginásio;
- 3) A ideia de um *dicto-narium* na significação etimológica de coletâneas de *disctiones*: ditos expressivos na linguagem cotidiana do povo e que constituem um amplo repertório da memória cultural.

Pretendemos, assim, analisar no romance dalcidiano os saberes culturais e educativos como representações de um dado momento histórico e social da Amazônia paraense. A partir desse modo de representar essas questões fica as respostas dos questionamentos a serem aprofundados em distintos campos de pesquisas. Por conter uma interpretação semântica em seu título, não daremos conta neste trabalho de realizar um aprofundamento sobre os questionamentos levantados, mas esperamos que essas indagações nos conduza a compreender nosso objeto, que possui como parâmetro de análise o processo de formação e educação do jovem Alfredo em espaços urbanos e periféricos de uma Belém do século XX. Assim, para Furtado (2009, p. 16-17),

A tessitura de *Primeira Manhã* se faz pelo entrecruzamento de histórias, de tempos e de espaços. Entrecruzam-se as histórias do ginásio e a Luciana, a escorraçada da família pela mãe, acudida tia, mas, voluntariamente afastada de todos; ao tempo histórico (meados da década de vinte do século passado), tempo presente das primeiras manhãs de Alfredo, da busca empreendida, por ele e pelas netas de d. Santa, pela moça ausente, entrecruzam-se vários tempos pretéritos desses e de outras personagens; conforme a alternância temporal, segue o entrecruzamento espacial; entrecruzam-se, sobretudo, diferentes vozes narradoras.

No corpo desse romance está presente, ficcionalmente, o contexto sociocultural brasileiro e, em especial, o contexto do Norte do Brasil (Estado do Pará). Foi no enlace dessa época que Dalcídio Jurandir, escreveu com um olhar acurado a realidade da Amazônia, pautam-se em questionamentos críticos sobre as problemáticas sociais de sua região.

Desse forma, as lembranças históricas e reviravoltas instauradas no Brasil nas décadas de 1930¹³ e 1964¹⁴ formam o reflexo de uma sociedade nas mãos dos militares, conflitos ideológicos, épocas de “mudanças” de um Brasil em pleno processo de democratização republicana. Reflexo de uma invasão estrangeira de capital que acelerava a vida nas grandes capitais de nosso país e Belém-pá é um dos exemplos das representações desse modelo econômico e desumanização dos sujeitos no interior do Brasil.

Dessa forma, *Primeira Manhã* passa a ser definido por Nunes (2009, p. 25) como “romance-rito, rito de passagem; um romance-grito, grito dos excluídos; romance *ficto-facto*, ficção e realidade se enovelando para dar conta das contradições humanas na grande planície pan-amazônica”. Dentre esses questionamentos, podemos enfatizar a questão da “educação” e dos “saberes” como processos metodológicos de ensino no contexto da Amazônia paraense, frutos de grandes impasses e indefinições frente ao olhar acurado e irônico do escritor Dalcídio Jurandir.

Sobre o escritor marajoara, são tecidos tramas em uma teia de relações que ganham os espaços narrativos sobre as vertentes irônicas dos valores e dissabores da gente do norte do Brasil. Seus personagens com a “velha parteira” (d. Santa), Irmã do coronel Braulino, que possui uma casa na travessa José Pio, e gostava de contar as desgraças da família do coronel Boaventura e odiava Luciana. A voz da velha parteira está presente nas histórias de Luciana, Jovita e coronel Braulino, seu irmão que morava em *Camamoro* (Ilha do Marajó) as vezes visitava Belém para tratar assuntos de terra. A velha parteira morava no Marajó e d. Dudu na José Pio, periferia de Belém, com o jovem Alfredo e ouvia na voz d. Dudu a velha parteira lhes contarem as histórias das famílias e os acontecimentos ocorridos com a jovem Luciana que não teve o mesmo êxito de Alfredo com os estudos em Belém na passagem a seguir como:

[...] porém, à noite, ontem, com pouquinho de sono, nas visões da rede e sequioso de miragens, à espera do amanhecer para uniformizar-se e partir,

¹³ A década de 1930 tem sua base em vários movimentos artísticos e ideológicos. Um deles é a Semana da Arte Moderna de 1922, que revolucionou o plano das artes, e movimentou a política, a economia e a cultura brasileira. No caso do Pará, na década de 1930, teve alguns acontecimentos, dentre estes, o levante dos militares, principalmente, dos tenentes, majores e coronéis do Pará que defendiam uma ideologia de lutar contra o Regime Oligárquico e da República Velha.

¹⁴ Década de 1964 no Brasil: foi a época da Ditadura Militar, integração e aplicação de grandes projetos no Brasil com a implantação do Plano Nacional de Desenvolvimento de 1974. O Pará vinha de uma base de apoio instaurada com a guerra fria entre países socialistas e capitalistas no mundo. A Amazônia surge como saída para a implantação dos grandes projetos de desenvolvimento para acelerar o país. Basta lembramos a emenda constitucional de nº 18/1965 que dava às empresas nacionais e internacionais incentivos fiscais. Esse era o contexto minado que fora escrito no sexto romance de Dalcídio Jurandir no Pará.

chegava-lhe a voz da velha parteira contando-lhe, naqueles dias sem uniformes (P.M, p. 31).

O que percebemos é que Alfredo está perdendo aula por não ter condições de comprar os uniformes e os materiais didáticos que todo ginásiano deveria ter ao entrar no grupo escolar definido como (G.E.P), ou Ginásio da época, “trazia um cruzado para o bonde, ida e volta, passagem inteira; preferiu ir andando” (PM, p.31). Por outro lado, as andanças de Alfredo o levaram a conhecer Belém, seus encantos e decepções como centro urbano e ao mesmo tempo periférico em plena Amazônia.

Nessa perspectiva, de forma realista, o narrador descreve a realidade social paraense a partir da trajetória de Alfredo, que descobre um “novo mundo”, diferente daquele que viveu no Marajó. Aos poucos o personagem vai redescobrendo uma realidade que lhe causa dor, angústia, sofrimento, frente aos inferninhos, as “arapucas da cidade”, as verdadeiras etiquetas sociais dos ambientes urbanos e periféricos de uma Belém em decadência. Logo, o tédio e a impaciência frente aos modelos de educação de Belém não lhes garantiriam o tão sonhado diploma.

Alfredo e os atropelos do tempo

Iniciamos com Alfredo em seu primeiro dia como *Ginásiano* e os atropelos do tempo andando pelas ruas, o protagonista passa pela igreja de São Pedro e não beija os pés de bronze que está em carne viva de tanto o povo beijar; decidiu não beijar e pensou em voltar para depositar o beijo: “voltar à igreja, depositarzinho o beijo e vir correndo, dava tempo? Não. Não, dizem aquelas janelas”; em seu “primeiro dia, primeiro instante, as oito ao som da campã” (MP.p.31).

Percebe-se que Alfredo na busca de sua autônomo, divergem sobre a fé e vai contra à sociedade de sua época em não aceitar beijar o pé de São Pedro. Sobre a representação do tempo a partir dos *Meses* do ano há a demarcam da temporalidade que vai contra os desejos de Alfredo em sua trajetória de educando. Os fragmentos a seguir representam com clareza essa particularidade existente no momento em que se descreve pela voz da velha parteira as histórias de Luciana, Jovita e seu irmão coronel Braulino de Camamoro: “era um outubro seco, queimando os campos, o rio debaixo da lama” (MP.p.31). A passagem sugere o contexto de uma realidade amazônica em tempos de seca, como se define na região Norte, e passa a se chamar de um período menos chuvoso: “suada manhã de abril e do primeiranista de humanidade, humanidade” (MP.p.34).

Alfredo lembra ainda das conversas e histórias ao “pé do fogão com d. Amélia, com os ratos do telhado, com os peixes transparentes debaixo da janela nas cheias de marco” (MP.p.38). As lembranças de menino afloram ao lembrar das velhas histórias contadas ao pé do fogão por sua mãe, em uma época de maré alta para as populações que moram e vivem nas ilhas no interior do Marajó. O mês de outubro possui relevantes citações no romance *Primeira Manhã*, e, uma dessas passagens, surge a seguinte descrição: “à noite, arraial de Nazaré, outubro, nas cadeiras de embalo da Sociedade do Descanso”. (PM. p.48)

Notamos ainda uma *Cronologia* temporal na passagem em que o narrador informa que “Nesta hora, 7:25 h., a cidade era de novo, de seus dezesseis anos, não dá Generalíssimo mas, do Largo do Quartel” (MP.p.34). Assim, Alfredo chega atrasado em seu primeiro dia de aula, por ir andando para esticar as pernas e também por não ter dinheiro suficiente para pagar o bonde, por isso, segue a pé da José Pio ao Ginásio.

Já a “*Campa*”, como interrupção de tempo ou ultrapassagem de tempo de uma aula para outra, para Alfredo, é a indicação de seu primeiro contato com as distintas disciplinas como ginásiano; funciona também como tempo de intervalo no contexto do Ginásio: “desce do pátio, ganha o sol e o céu e o ar ginásiano, desfaças o engano da sala, dez horas, primeira manhã do ginásio” (MP.p.41). Nessa passagem, referente ao tempo, Alfredo sonha em conhecer as cinco turmas do G. P. C. A passagem do tempo/idade pode ser representada a partir da passagem do romance: “e a senhora aí, com a vassoura, na porta? Varrendo não o lixo, dona, mas estes dezesseis anos” (MP.p.42) há outra questão na qual o tempo se relaciona a um momento muito distante: “a uma légua e meia esse Ginásio, distante mil carocinhos, mil viagens, Gentil, Estrada de Nazaré, Passagem do Inocentes, agora na José Pio” (MP.p.35).

Podemos notar, por meio do fluxo do tempo, estimulado pela construção de uma estrutura ficcional, várias histórias e experiências contadas, seja estas, por Alfredo, personagem principal, (Rapaz de dezesseis anos, com um enredo discrepante de entre o (tempo e espaço), ou a partir da narração do primeiro dia do personagem como ginásiano, a partir do seu retorno ao colégio três dias depois. Esses estímulos de tempo podemos verificar nos trechos da primeira parte do romance como “oito dias de aula perdeu pelo atraso dos uniformes” (MP.p.31), trechos estes recuperados em forma de *Flashback* na segunda parte do romance: “na manhã em que voltava ao Ginásio. Três dias depois do trote e da fuga”. É nesse trecho que vamos perceber que, no total de onze dias, Alfredo ficou sem ir ao Liceu.

Percebemos ainda a marca do *tempo nos romances anteriores*, em todas as trajetórias pelas quais Alfredo passou até conquistar o seu sonho de ser ginásiano. Notoriamente na descrição do fragmento anterior, percebemos que fica subentendido a presença de outros

romances de Dalcídio Jurandir como: *Chove nos campos de Cachoeira* (1940), *Belém do Grão-Pará* (1960) e *Passagem dos Inocentes* (1967). São alguns dos romances que o protagonista tece suas indagações, problemáticas, e seu desejo de estudar em Belém.

Dessa forma, é fundamental entendermos os romances anteriores do autor em que Alfredo vive uma realidade muito comum no interior do Estado do Pará. Entendemos que o protagonista pode ser visto, por meio da ficção, como um representante de muitas famílias de estudantes do interior da Amazônia, não tem condições nem incentivos que os levem a alçar voos mais altos; ou seja, seus caminhos se restringem aos elevados índices de analfabetismo comum em várias regiões do Norte. Nesses espaços de exclusão, o desenvolvimento humano e o aprendizado são precários; a educação não chega a todos, por essa razão, Dalcídio Jurandir descreve a partir de sua ficção romanesca a situação dos atuais estágios da educação em escala regional.

No *Liceu*, outra marcação de tempo nos chama atenção, como, por exemplo, a “corneta do Corpo de Bombeiros”; e, em outra passagem, “tocou [...] sobre este raio que lhe queima o peito, jorre então a mangueira d’água” (PM, p.37). Isso indica uma metáfora da vida dos sujeitos e, especificamente, de Alfredo, como ginasiário, em suas andanças e experiências em Belém, como também, acentua as etapas do menino/homem. No fragmento a seguir poderemos observar essa passagem quando o protagonista vê nos “óculos faiscavam, refletindo velhas águas do chalé, o rio no sol das duas da tarde; antigos olhos de menino pela beira d’água” (MP.p.36-37).

Os aspectos relacionados a Alfredo e os atropelos do tempo no romance dalcidiano, descrevem o perfil do homem amazônico. Dalcídio Jurandir, com um olhar realista, crítico e irônico, narra em *Primeira Manhã* as problemáticas do “ser” em conflito com o “mundo”. Nessa perspectiva, o “tempo” se destaca como a metáfora para definir a vida do homem. Noutra ótica, a relação dialógica entre tempo e sujeito é vista como efemeridade. Em outro momento, o narrador descreve o modo de vida dos interiores:

É naturalmente melancólica a gente da beira do rio. Face a face, toda a vida com natureza grandiosa e solene, mas monótona e triste do Amazonas, isolada e distante da agitação social, concentra-se a alma num apático recolhimento, que se traduz externamente pela tristeza do semblante e pela gravidade do gesto. O caboclo não ri, sorri apenas; e a sua natureza contemplativa revela-se no olhar fixo e vago (MP.p.74-75)

Sobre essa realidade ficcional do protagonista em conflito no romance, Lukács (2015, p. 117-118) discorre da seguinte maneira:

O outro tipo de relação necessariamente inadequada entre alma e realidade tornou-se mais importante: a inadequação que nasce do fato de alma ser mais ampla e mais vasta que os destinos que a vida lhe é capaz de oferecer. A diferença estrutural decisiva que daí resulta é que não se trata aqui de um *a priori* abstrato em relação à vida, o qual deseja realiza-se em ações e cujos conflitos com o mundo exterior rendem a fábula, mas sim de uma realidade puramente interior, repleta de conteúdo e mais ou menos perfeita em si mesma, que entra em disputa com a realidade exterior, tem uma vida própria rica e dinâmica – que se considera, em espontânea autoconfiança, a única realidade verdadeira, a essência do mundo -, e cuja inútil tentativa de realizar essa equiparação confere à composição literária o seu objeto.

Esse *tempo* (*Menino/Homem*), metaforizado entre o eu e o mundo no romance dalcidiano se eleva como um fenômeno importante na narrativa romanesca, ou seja, é o tempo que define os períodos e a “duração” do percurso cronológico; é o tempo de um acontecimento que vai do início ao fim da história, de forma lenta, monótona, mas profunda da psicologia de Alfredo. O sujeito no tempo do romance surge como tempo que vai se esvaindo. Desse modo, Alfredo é representação do tempo frente aos dramas, às histórias e indagações existenciais.

Como exemplo disso, temos um eu transitando no tempo. Inferimos ainda as descrições de Alfredo com a “calça curta” e a “calça comprida”. Sobre essas definições, destacamos no fragmento a seguir essa passagem: “Era o seu costume, de calça curta, uma e outra vez [...] Desta vez novilho calçudo, a voz mudando [...] agora na calça comprida” (MP.p.56). O protagonista, em um fluxo de tempo, atinge a maturidade: “Pela primeira vez rapaz ao lado da mãe, sozinhos no descampado, este em que caiba o mundo, o tempo, as paixões, este rapaz de mim nascendo” (MP.p.53).

Sobre o menino/homem, Alfredo ouvia: “ele é um homem. E logo à sua ilhargá, ad. Abigail: - faz de conta que somos conhecidos velhos, tempo não conta quando é uma amizade soprada por Deus, olhou, confiou, eu sei de intuição” (MP.p.148). No tocante a esse fenômeno, Bakhtin (2015, p. 166) afirma que

O romance não só não dispensa a necessidade de um conhecimento profundo e sutil da linguagem literária como ainda exige, além disso, o conhecimento também das linguagens do heterodiscurso. O romance requer a ampliação e o aprofundamento do horizonte linguístico, o aprimoramento de nossa percepção dos matizes e das diferenciações sociolinguísticas.

Nos diálogos e monólogos de Alfredo, assim como de outras personagens, a linguagem literária está subordinada à tarefa de criação do romance (BAKHTIN, 2015, p.

164). É sobre esse ponto que se chega a interação do tempo como objeto de transformação interior frente à realidade. Portanto, a relação dialógica entre o ser e o tempo, a partir de uma delimitação que o romance *Primeira Manhã*, apresenta sobre os aspectos de meses do ano, o tempo cronológico, marcado pela “campa”, corneta dos bombeiros, etc. objetiva-se mencionar alguns aspectos sobre o protagonista e os atropelos do tempo presentes no romance.

2.3 As ocorrências poéticas no espaço-tempo

Sobre este tópico discorreremos sobre os espaços e tempos simbólicos e poéticos pelo qual o protagonista Alfredo deixa algum vestígios sobre os horizontes de leituras e de saberes instaurados ao vagar pela cidade de Belém e ao lembrar de Cachoeira, Muana, Marajó. Em busca de compreendermos essas práticas definiremos os seguintes aspectos a serem definidos como: *Entre os Rio-rua e outras recorrências simbólicas; Os saberes poético*, presentes no romance *Primeira Manhã*.

Entre o Rio-rua e outras recorrências poéticas

Os aspectos poéticos presentes no romance *Primeira Manhã* estão relacionados aos seguintes elementos de leitura: rios e ruas; barcos e bondes; portas; chaves e os raios. São esses símbolos poéticos que se tornam significativos em busca de compreender o protagonista em sua vagância pelos centros urbanos e periféricos de Belém, como também, é essencial compreender os seus conflitos enquanto sujeito no mundo. Nesse sentido, os símbolos buscam esclarecer o estágio temporal e o estado pelo qual o protagonista passa frente às suas descobertas enquanto ginasiante em Belém.

Os rios caracterizam Alfredo diante de uma cultura que “enche” e “vaza” ou seja, seria uma descrição dos ciclos das marés altas e baixas das águas na Amazônia paraense, que “lavam” Alfredo para se vestir de homem diante de um mudo urbano. O rio o inunda com tanta cultura, aprendizados e saberes, servindo-lhe como ponto de equilíbrio entre o eu e o mundo; a água como símbolo de equilíbrio seria um paradoxo da água em momento da preamar, ou seja, para os ribeirinhos é o momento que a água fica parada, as margens de tempo entre o momento da troca da maré baixa para maré alta ou vice-versa.

Esses dois extremos fazem de Alfredo um paradoxo do vivenciar de Marajó e Belém, dos rios e das ruas. “Noutra margem, [...] nu, com os calafrios de voltar a nado, ouvia o riso da matinta. Ai, mais soltou sua vergonha e a inutilidade de seu gesto, [...] e soltou o jabuti no rio. Quem sabe no céu, de que falava a estória, não carregado pelo urubu mas pela moça

da gentil” (MP.p.96). É sobre esse rio que Alfredo teria que atravessar: “mete-se no casco do jabuti” (MP.p.97) cortar as correntezas de Belém, cortando as ruas como se cortasse os rios de Muaná, Cachoeira e todo um Marajó que lhe cobre de lembranças ao passar o tempo em espaços urbanos e periféricos de Belém.

As *ruas* comparadas aos rios se configuram como um “vazar lamacento do rio” (MP.p.95) as ruas de Belém comparadas a um “rio feito um vinho de bacaba, maré grande”, ou seja, o rio controlando a vida e o tempo dos sujeitos na Amazônia. No romance, os rios de Alfredo, Luciana e Irene são representações de personagens que se configuram como muitos rios abertos para o leitor conhecer, e campos de pesquisas ainda desconhecidos. Esse passar dos rios é o passar dos tempos de inúmeros sujeitos como Alfredo.

No trecho, “draga que cava o rio, me retira de mim estas pedras” (MP.p.58), notamos as dificuldades que Alfredo encontra em Belém, que na verdade é a realidade de muitos sujeitos que sofrem com a falta de políticas públicas. Dessa forma, muitas pessoas fiquem à margem de todo um sistema no qual a sociedade em geral sofre nos dias de hoje. Dalcídio Jurandir luta por meio de sua ficção para denunciar, criticar e descrever como os povos do Norte do país estão ausentes dos processos que poderiam beneficiá-los para que pudessem ganhar incentivos e serem assistidos por um modelo de educação transformadora, e que apresente soluções para esses problemas.

Já sobre as simbologias dos “barcos e bondes”, são representações do tempo e meios de transporte que indicam os destinos a serem alcançados ou conquistados. Cabe neste momento evidenciarmos alguns nomes de barcos que aparecem com frequência sobre as vozes dos personagens e as histórias que muitos dos seus personagens secundários ganham no romance.

Neste sentido, os nomes de *barcos* que se destacam são: Santo Antonio. (PM.p.57); Vigilengo (PM.p.57); Portilho (PM.p.32); Guilherme (PM.p.33); Fé em deus (PM.p.83); Marcélio dias (PM.p.72); A barca farol de Bragança (PM.p.74); Ajuricaba (PM.p.75); Taluoca (PM.p. 75); Filomena (PM.p.75); Marajoaçu (PM.p.83); Santo Afonso (PM.p. 56); Mac Donald (PM.p.41); Barco a vapor *Hildebrand* (PM.p.57); Vapor Trombetas (PM.p.34); Batelões (PM.p.62); São João (PM.p. 70) e São Pedro (PM.p.95). São alguns nomes de barcos que aparecem com destaque na trama e nas histórias das personagens do romance *Primeira Manhã*.

Essa presença dos barcos para Alfredo poderemos descrever como:

Que senhora gurijuba, aquela, escorrendo no ombro do canoeiro, e o teu pé descalço, Alfredo, no toldo quente da traqueteira, o rio encarapinhado, a fala das criaturas, com um travor doce, dentro das montarias, me leva para a ilha, aquela (olhe a distância) tu, tu mesmo, rapariga de blusa cetim, sentada na popa lá vem o vapor do mosqueiro. (MP.p.54)

Os transportes hidroviários, muito usados pelos povos que moram no campo, ilhas e terras firmes as margens de rios são meios de transportes comuns para o povo da Amazônia. Ao contrário, o transporte ferroviário de Belém causa em Alfredo certo temor, pois tudo se movimentava com rapidez, parecendo que o tempo corre bem mais rápido. Custava ao protagonista entender a logística urbana e periférica de uma Belém para ser descoberta. Dessa forma, Alfredo descreve no início do romance o seu vagar sobre as ruas nas trilhas do *Bonde* a pé Alfredo seguia, “trazia um cruzado para o bonde, ida e volta [...] preferiu ir andando” (MP.p.31). Alfredo “via colegas seus passarem no bonde” (MP.p.35).

Sobre o lapso de memória, Alfredo lembra do colégio Barão do Rio Branco; lá via a “maquina *Timboteua*, enfiou pela Gentil, no trilho do trem, outra máquina escoteira, desta vez a *Ananindeua* e logo o trole que parou. Ele pediu passagem” (MP.p.154). Exemplo pode ser visto no fragmento no qual o Coronel Braulino Boaventura, um “carro o trouxe pelo trilho do bonde até a Municipalidade bem na esquina da José Pio, e olha que com dificuldade. Entra na José Pio, com aquela vala de entrada, mas quando? Nem mesmo carroça?” (MP.p.162).

As *Portas* poderemos classificar possíveis significados um caminho, oportunidade, um novo mundo, conhecimento, um modo de ver e enxergar a vida, tomadas de direção, um rumo, um objetivo, decepção, sonho e realidade frente a cada contexto descritos nos fragmentos a seguir como:

Abra-me aquela porta, e o resto (MP.p.31)

O raio abriu a porta do ginásio, entreabre a janela (MP.p.35)

A espera de outro raio que lhe abra a porta (MP.p.34)

Aonde desce o raio, ascende o rumo, me escancara esta porta (MP.p.137)

As *Chaves* merece nossa atenção ao definir tempo e espaço para o protagonista. A simbologia da “chave” se aproxima do conceito de peso, pecado, autonomia, liberdade, destino e poderemos observar tais significados nos fragmentos a seguir:

São Pedro avançava a sua sombra e a chave parecia pesar mais (MP.p.31)

Sozinho, solitário, inocente – a chave, São Pedro -, entrou no pátio (MP.p.41)

Tinha de abrir com aquela chave, aqui no bolso, e agora na mão, queimando os dedos. Chave que deu a ela, a ele devolvida numa tira de papel assim escrito a lápis: “chave, só tenho a. do cemitério”. Esta chave, custando a abrir, como esqueceu de enterrar também? Esquecimento, só? (MP.p.159)

O *Raio* apresenta várias significações tais como: educação, conhecimento, liberdade, prisão, augúrio, medo, erro, reflexão, desejo, sonho, novo mundo, espaço, tempo e idade como:

O raio no taperebazeiro, dezesseis porcos matava, dentro da casa racha um esteio, e o quarto, onde estava presa Luciana (MP.p.31)

No que soltou o raio, mal choveu parou? (MP.p.31)

O raio vem tirou Luciana do pecado, da culpa, da desabença? (MP.p.32)

E o sinal do raio lhe abrindo o quarto, só faltou dizer: sai, inocente? (MP.p.32)

Eu sei dizer que não foi o diabo aquele raio. (MP.p.32)

O raio lacrou o coração (MP.p.33)

Uns dias antes do raio cair (MP.p.33)

Solta pelo raio (MP.p.34)

A espera de outro raio que lhe abra a porta(MP.p.34)

O raio também vai me abrindo um caminho, não na rua, nuvem ou rio, mas em mim mesmo, neste verdoengo e secreto ser que sou. (MP.p.34)

Como um raio abriu o quarto de Luciana (MP.p.35)

No clarão do raio a desabença? (MP.p.35)

O raio da trovoadas atravessava-lhe o caminho, atirando-lhe os dezesseis anos. (MP.p.35)

Sobre este raio que lhe queima o peito, jorre então a mangueira d'água. (MP.p.37)

O raio dos dezesseis anos, (MP.p.38)

Queria agora decompor o raio, ver fumaçarem as formulas da botija, transformar em glicerina nosso catedrático. (MP.p.38)

Estar aqui, devagarinho, desfeito na atenção geral, fechando dentro do seu uniforme a flor, ou o raio? dos seus dezesseis anos (MP.p.38)

Arremessado pelo raio, subindo a escada feita dos meninos de Marajó [...] (MP.p.39)

Efeitos do raio? (MP.p.40)

Subitamente a trovoadas, este raio, imundo, prende de novo a Luciana, faz levantar do chiqueiro. (MP.p.41)

Acende o raio nas patas, fôlego, não tem rédeas, galopador, (MP.p.43)

Obscura visão de tabocal, raio, Luciana, dezesseis anos (MP.p.46)

Este raio aqui no peito, cheirosas professoras, não poderei explicar. (MP.p.57)

Mas o raio não foi para abrir as cabeças (MP.p.104)
 Serei um outro raio(MP.p.118)
 O raio corre na d. Santa (MP.p.120)
 Viva a loucura, o raio contra a família (MP.p.120)
 O horror que me dá. Um raio que eu tivesse... (MP.p.132)
 Também vós senhora, às voltas com um Raio? (MP.p.132)
 Aonde desce o raio, ascende o rumo, me escancara esta porta. (MP.p.137)
 Depois daquela noite, daquele raio e destas cartas. (MP.p.170)
 O raio não foi um sinal? (MP.p.171)
 Foi o raio o sinal? (MP.p.173)
 Não estaria no rosto dela a luz do raio, o menino via? (MP.p.173)

No entanto, os aspectos percorridos entre os rios-ruas de Alfredo em um contexto urbanístico frente as poéticas dos barcos e bondes, os símbolos das portas, chaves e os raios. Chega-se por sua vez aos aspectos dos saberes culturais e poético para o protagonista

Os saberes poéticos

As poéticas orais expressas pelo imaginário amazônico, estão presente nos saberes mítico-lendários ganham representatividade na ficção dalcidiana e apresentam-se misturadas, intercaladas em forma de modinhas e cantigas; as festas, festejos e crenças; os mitos, agouros, prendas e superstições.

A começa pela presença *das cantigas* levam Alfredo ao estágio das lembranças vindas do interior do Marajó. Essas cantigas surgem como saberes que formam o jovem Alfredo sobre o lapso de memória, retorna ao Marajó; refugia-se sobre a saudosa vida em Cachoeira, no Chalé; busca as cantigas que só existiam naquele ambiente campestre, interiorano, das ilhas marajoaras no interior de Belém. O protagonista ressalta o retorno das lembranças descritas nas Propagandas das Instruções portuguesas e brasileiras, cantando as velhas cantigas:

*Papagaio come milho
 Periquito leva a fama
 Velha coroca
 Nariz de taboca!* (PM.p.38)

Do Marajó, lembrava das folhas graúdas do trevo-cumaru para cheiro, que as histórias do professor Moquém registravam, e a jovem moça cantarolava:

*Eu sou Manuel Adriano
 Que vivo nas ondas do mar
 Guardo nesta caixinha*

A minha noiva encantada (PM.p.64)

Os mitos, modinhas, brincadeiras, ditos populares e poéticos fazem parte do cotidiano de muitos dos falantes e contadores de histórias no interior do Pará. Sobre essas narrativas orais, o fragmento a seguir representa essa peculiaridade na voz de Ludica:

E a viola do sapo comigo. – e dá coco lá no fundo? O gramofone toca? E a viola, onde guardas? Que é a tua viola? – Coco dá, sim, muito. Devera! Pela fé da mucura. Mas por esses teus olhinhos não estás me acreditando. Toca. Da rede escuro. Oiço um baile, a meu lá. E a viola, só eu vejo, sou, sou só eu que toco. A viola comigo (PM.p.89).

Alfredo lembra de Muaná e “a modinha que o piloto está agora cantando, conhece? Que é até bonita, é. Sentida... quer me copiar a letra? Piloto, não me diga que o senhor é o bolo... – vamos ouvir mais de perto?” (PM.p.90). As lembranças de Cachoeira levam a lembrar de Andreza Mae Maria ao soltar, isto é, “o jabuti no rio. Quem sabe no céu, de que falava a estória, não carregado pelo urubu mas pela moça da Gentil, mãezinha do bicho” (PM.p.96).

Sobre o jabuti “boiou na Municipalidade com o bonde espirrando-lhe água e lama; passavam os alvos zebus puro sangue da cocheira Jabuti, importados de Minas, fidalgos do bairro”. Alfredo lembra que “do casco de um jabuti. Eu fiz um barco a vapor” (PM.p.96). Alfredo em diálogo com d. Abigail relembra de Fernando ao deixar para curtir as noites de Belém; vem na lembrança o cantar do avô e cantava na presença de Alfredo cantava a ausência de Fernando comparado como “um urubu no esterco das outras na farra, nas goelas da Pedreira” (PM.147). Surge D. Abigail cantarolado:

*Três chagas tem no seu corpo
E todas três são mortais
Por uma entra o sol
E por outra o luar
Pela mais pequena dela.
Entrava a águia real. (PM.p.147)*

As *festas* e os *festejos* em que Alfredo sobre as lembranças de Camamoro o levam a recordar os belos festejos na Mãe Maria. Ele lembrava dos bailes dos brancos na casa de soalho, no “rancho de chão os vaqueiros arrastavam o pé” (PM. p. 46). Alfredo experimenta o encontro: “ouvia chamarem: Ramiro! Ramiro! Ramiro! Aquele cantador de chula, o rosto

grosso, tocando viola e violão pelas beiragens do Arari” (PM. p. 46). Ele lembrava as festas em Cachoeira, “Olhou o ranho: Fumegando de pares, à luz das lamparinas, fedia um pouco a boi. Ramiro! Gritavam. E viu: mais o violão tinia, mais o vaqueiro afinava” (PM. p. 47)

A cultura da gente do Norte, no interior do Estado do Pará; as descrições sobre “D. Águida, no arraial de dezembro, montava-se a sua banquinha de doce e mingau de arroz, majestosa no servir com os filhos ao lado e toda a sua corte. Do seu banquinho – que nem trono – de mingauzeira, falava que, quem ouvia, dizia: negra ou rainha?” (PM. p. 8). Além do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, uma das festas mais antigas da Amazônia paraense, aparecem no romance espaços culturais como praças, danças, músicas, teatros, cine-teatro; das mingauzeiras aos ambulantes do comércio; do carimbó à pajelança na Pedreira, saberes de uma formação fora da sala de aula.

Os ritmos e os movimentos do Bumbás em que Alfredo em suas andanças observe as poeiras dos “bumbás de Belém; ao longe? Ou aqui dentro, neste canto de rua, defronte de seu mingau de arroz com coco, ouvindo os bumbás de Cachoeira” (PM.p.60). Ele lembra dos bumbás do Marajó; da dança que os leva para tão distante; a voz do pai se materializava nas lembranças ao falar de uma “cidade-Vadios malfeitores ratoneiros ladrões condenados, tais foram os primeiros colonos no Pará, assim falava o pai num tom de lástima e troça. Dos brigues da África descarregavam o sofrimento” (PM.p.60). Ritmo de liberdade e resistência dos negros que aflagavam suas dores frente a um processo escravocrata que classificavam como povo sem alma.

Alfredo, as cantigas surgem como reflexo da memória frente à realidade que lhe devora. Embora o protagonista tenha diante de seus olhos distintas realidades que lhe causam dor e sofrimento, suas lembranças os levam para Cachoeira, no Marajó; as histórias que lhes são contadas o fazem indagar a si mesmos frente ao obstinado sonho de ter uma boa educação, embora não saiba que muitas de suas vivências e experiências são obtidas a sabor das ruas, como foi observado nos fragmentos anteriores que enumera diversas formas de diálogos entre o eu e o “tempo” de Alfredo.

No entanto, o protagonista lida com os saberes e experiências no Marajó, e recordados em Belém dos barcos a vapor, dos rios, das andanças com Abigail e Ivaína, dos tambores da Pedreira e Boi Bumbá. Alfredo vive em constante transformação de sua aprendizagem que não se concebe somente em sala de aula, e sim, sobre as experiências empíricas. De acordo com Fares (2009, p. 11-12):

Alfredo o protagonista, aprende em contato com as pessoas na rua da casa, do bairro, locais onde a cultura de conversas gesta e protagonizam saberes oriundos, sobretudo, de leituras do mundo marajoara, dos catálogos do pai, da convivência com a tradição e a praticidade da mãe, e posteriormente o mundo em Belém. A escola representada no enredo, distancia vida cotidiana e ensino, repele e repulsa a experiência do adolescente, por meio de rituais instituídos.

Nesse ponto de análise, levamos em considerações as diferentes culturas, crenças, religiões, mitos, costumes, superstições, dentre outras manifestações de saberes culturais pelas quais o protagonista se situa em seu processo de formação e educação.

Um outro aspecto são as passagens sobre o mito tecidos a partir de agouro, superstições, crenças e prendas. O *agouro*. É descrito no romance pela voz de Ludica surge: “- Foi japiin fazer ninho na seringueira, naquela, atrás da casa, pronto. O mau agouro era a doença da Líbia. Doença atrás dos pulmões” (PM. p.87). As percepções no tocante às superstições centram-se em passagens em que Ludica descreve:

- Eu que diga eu quem sou. Eu tão zinha ele tão zão!
- só sei que não demora, papai no chalé imprimindo o cartão de comunicação.
- perco muita agulha, aquele-menino. Quem perde agulha, se casa? Depois sou tão desamorosa. Me verreram o pé, perdi meu casamento.
- da outra vez que passei por aqui, não tinha um gramofone?
- Tinha? Quando? Te lembra, Ludica... Meu Deus, que desmemória! (PM.p.88).

Das concepções de agouro *as prendas* eram um costume entre os meninos e meninas era o entretenimento da realidade de meninos e meninas dos anos 1920. Alfredo e Ludica são exemplo desse contexto por meio do fragmento:

- Vamos jogar prenda onde nem tu nem eu pode dizer por quê? Do contrário, paga prenda.
- Por quê?
 - Pague, pague prenda.
 - E tu quem sois pra cobrar prenda?
 - Quem sou eu? A dona da viola.
 - Quando pagares prenda, a prenda é a tua viola? Me deixa procurar onde guardas tua viola?
- Euqueroeuqueroeuqueroeuquero (PM.p.89).

Alfredo e Ludica parecem se entender ou combinar e as brincadeiras ganham um ar de intimidade:

-Varre, varre, vassourinha e belisca a mão? Me belisca a mão? Belisca? Brincar de vassourinha, vamos?
 -Varre a casa do rei e da rainha.
 -Pico pico maçarico quem te deu tamanho bico?
 -Se sou bicudo, és espinhuda. Varre, varre, vassourinha.
 -Bico tens, espinha eu não. Varre, varre, vassourinha.
 -Isto é uma vassourinha da nossa pura invenção, não?
 -Tua. Minha que não é.
 -Vem, fecha a mão em cima da minha, vamos, vamos: dá licença de tirar um limão?
 -Com isso vem, só estou a tua cabeça! E belisca a pele de mea mão, eh, vê lá. Varre a casa do rei e da rainha...
 -Dá licença de tirar um limão/
 -Só não querendo... mas cuidado com as cabas que tem muito.
 -Ai, assim não. Teu dedo não belisca, ferra, ninho de caba.
 -Varre, varre, vassourinha. Se afrontou com o meu belisco?
 -Quem te pôs ferrão nos dedos?
 -Variando da cabeça? É o castiçal? Não bote as mãos na cabeça, que chama a morte (PM. p.91).

Os saberes encontra-se também sobre as plantas medicinais do Dr. Raiz, representa das ervas, raízes e plantas medicinais que consagram a cura, lavam a alma e abençoam e lavam o corpo, deixando cheirosas, como banhar-se de cheiro. Alfredo se deixa ferrar dentro do peito os saberes como “se ferra vaca no pescoço” (PM. p. 121). Ele “ouvia urrarem as vacas velhas do chalé, tempo de ferra” (PM. p. 121) em um contexto marajoara em conflito com a realidade urbana.

No entanto, é um tempo em que Alfredo sente muito desgaste, angústia e desencanto, por esse motivo, aprende mais em suas lágrimas do que no mundo verdadeiro. Antes de entrar no ginásio, o senso comum de Alfredo flui com tal rapidez que o percurso como ginásiano lhe causa desencanto. Mas que um lapso de memória, recorrem aos aprendizados emprenhados de meninos e meninas de Marajó e de Belém.

3. CARTOGRAFIA DE SABERES DE ALFREDO

3.1 Alfredo entre leituras e os devaneios.

Neste tópico, abordaremos as temáticas que discorrem sobre o processo de formação e educação de Alfredo, a partir dos aspectos do romance de formação como: “Alfredo e as influências de leituras;” e o “*Devaneios de Alfredo*” ao conquistar o ginásio. Esses aspectos buscam analisar como se concebe o processo de formação e educação em Alfredo em uma Belém urbana e periférica do século XX.

Alfredo e as influências de leituras

Na tessitura narrativa do romance *Primeira Manhã*, observamos as frequentes leituras que Alfredo demonstra conhecer no decorrer da obra, resultado das influências recebidas em sua formação, elencamos algumas que nos saltam aos olhos e organizamos no quadro a seguir.

As “influências” e as leituras de Alfredo em <i>Primeira Manhã</i>	
Leitura dos Contos Urubu-rei, lendas: contos maravilhosos colhidos da memória coletiva dos brasileiros; seria uma versão baiana do Rei Lear que seria inspirado por antigas lendas britânicas; o rei enlouquece após ser traído por duas de suas três filhas, às quais havia legado seu reino de maneira insensata. Ou por outro lado, faz referência a ave Urubu-rei, popularmente chamado de urubu-rei, urubu-real, urubutinga, corvo-branco, urubu-branco, urubu-rubixá e iriburubixá, é uma ave da família Cathartidae. Habitante de zonas tropicais a semitropicais, desde o México à República da Argentina. Habita todo o território brasileiro. Surge no romance <i>Primeira Manhã</i> , sob às vozes de Andreza como: “[...] não vejo urubu-rei que voando tire seu rabo a pena que me ajude a certar a mira. Urubu-rei, voa teu vou sobre o meu passo, desprende tua pena da fortuna sobre este caçador panema. Minha espingarda é meu coração, põe sorte dentro dele, com uma tua pena, urubu-rei” (PM.p.51).	Leitura do livro de Augusto Comte: Retrato de Augusto Comte. São as imagens de uma leitura de Dr. Alberto acostumava ler; deveria ter algum exemplar do livro em seu chalé; subtende-se que na casa onde Alfredo morava no Marajó essas leituras se faziam presente. No entanto, é sobre essa filosofia positivista de Comte que, por sua vez, nega as explicações dos fenômenos naturais, assim como sociais que provinham de um só princípio. Dessa forma, a visão positivista dos fatos abandona a consideração das causas dos fenômenos entre Deus ou natureza e passam a considerar as leis e suas relações abstratas a base de fenômenos observáveis. Dessa forma, descreve-se que: “[...] tanto foi que ouvindo-a, o pai chamou o filho a um canto da saleta, defronte do retratinho de Augusto Comte, cochichou: nessas coisas, ela, psiu, psiu... ouviste? Ela? Ela? E fez um gesto breve, sem dizer mais palavras, logo ajeitando o Comte para que este também pudesse ouvi-lo. Alfredo perplexo, as feições do pai louvando a mãe! Pela primeira vez! Era tudo que o pai podia

<p>Leitura das histórias de rainhas de Cicerécia (Veneno dos Borgias): O protagonista recorda no chalé sobre o pó do figão de D. Amélia as histórias da errante personalidade de Lucrecia Borgia. De acordo com as interpretações feitas da mesma durante o período que a sociedade ocidental convém chamar de vitoriano, ela passa a encarnar a figura de uma assassina de maridos, cruel e detestável. Os venenos dos Borgias, na baixa idade média, no período renascentista dos estados italianos, sempre foram reconhecidos pela aplicação do uso de substâncias letais para pôr fim à vida de pessoas; muito usadas por mulheres que sofriam de traição/adultério de seus amantes; a historieta conta que a portadora de um anel em cujo interior abrigava a “Cantarella” (famoso veneno dos Borgia). Fica aqui as dúvidas sobre essa questão, mas o texto de Jurandir nos coloca nesta abordagem ao considerar que:</p> <p>“[...] conhecia venenos (para vocês, ratazanas, só o veneno dos Borgias, corsário do telhado!)” (PM.p.38)</p>	<p>dizer, ou sentir, aquele rosto branco, feliz pela administração e pela confiança, cheio da satisfação a dar ao filho de que sabia fazer justiça, sabia dar merecimento” (PM.p.50)</p> <p>“[...] Ficou diante do Comte, no escuro tu, que nunca li mas foste testemunha, me dás razão?” (PM.p.50)</p>
<p>Leitura do moderno Código de Cidadão: (PM.p.111)</p>	<p>Leitura do livro Professor Menendez: Livro de latim que faz Alfredo lembrar de seu pai.</p> <p>“Semelhante latim não valia no ginásio, não era o mesmo do professor Menendez. Ficasse sempre à disposição do pai, quando, este, numa repentina faceirice, diante de visitas, quisesse retirar da estante, como de um jazido, aquele esquite onde dormia Roma e as traças habitavam” (PM.p.40)</p> <p>“[...] De vera era os artigos do dr. Menendez, lente de latim” (PM.p.39)</p>
<p>Leitura do livro o Corcunda de Notre Dame:</p> <p>O Corcunda de Notre Dame, é um romance de autoria do escritor francês Victor Hugo, que também encontra-se presente no romance <i>Primeira Manhã</i> pela voz da Esmeralda vem à tona como:</p> <p>“A cigana Esmeralda, na ponta do pé, saltava do outro livro de capa portuguesa, caminhava pela perna do leitor, como uma ponte sobre a baía de Marajó, e caía debaixo dos jenipapeiros não mais cigana de Notre Dame mas Andreza sem tirar nem por. O corcunda de Notre Dame, o levava para os sinos onde, vestida de Arcebispo, mais gorda, brandindo o cacto, blasfemava a madrinha-mãe” (PM.p.55)</p>	<p>Leitura da Coleção Portuguesa: Alfredo lembrava do pai lendo e “folheando a coleção portuguesa da Biblioteca do Povo e das Escolas. Propaganda de instrução para Portugueses e Brasileiros [...]” (PM.p.38)</p> <p>Livros de Júlio Verne e Victor Hugo: Alfredo em Santana ouvia as histórias de Júlio Verne e Victor Hugo na rede da prima Angélica:</p> <p>“La acabava calando o coquinho lá no seio da Dolorosa em Santana, na pedra de Santana, ouvindo ao pé da travessa de caranguejos a rede de prima angélica. Arrancou-se um Júlio Verne, ao lourinho peto de pólvora, romance de Victor Hugo, cozido a tiros na parede, onde estavam os heroísmos, onde as barricadas?” (PM.p.50)</p>

<p>Leituras do Catálogo de Chernoviz: Sobre as leituras de Major Alberto aparece as leituras de grande farmacopéia de Chernoviz com seus Manuais de Medicina Popular no Império. Alfredo possui contato com as lembranças do chalé. Sobre essa passagem no romance:</p> <p>“[...] Major Alberto que consulta o Chernoviz, com o catálogo embaixo da rede [...]” (PM. p.48)</p>	<p>Leituras de Camões: A presença de leituras de Luís Vaz de Camões, poeta nacional de Portugal, considerado uma das maiores figuras da literatura lusófona e um dos grandes poetas do Ocidente.</p> <p>“Mas lá no chalé, o pai com a calça no rendengue, pé no chão, camões na mão, junto da mãe que torrava café, como sempre, na segunda-feira, queimando no torrador uma folha de canele” (PM. p.76).</p>
<p>Artigos Collins New York 212 Walter Street:</p> <p>“O pai espia o certificado, o indicador sobre a nota oito: e agora? O liceu? Bonés, bonés... cada um arrote os cabedais que possui. E voltou a folhear o catálogo dos terçados Collins New York 212 Walter Street” (PM. p.78).</p>	<p>Leitura da Bíblia: Alfredo em conversa com d. Dudu ao contar de Luciana naqueles dias sem uniformes, comenta que:</p> <p>“O pastor num tal espanto, deu com o que fazia e no pavor de si mesmo tentava apanhar as folhas de Moisés e Jó entre as sororocas e as aningas, na maré que elevava” (PM. p.78).</p>
<p>Leituras do livro de Carlos Magno:</p> <p>Surge sobre a leitura do romance <i>Primeira Manhã</i> as leituras de Carlos Magno, que foi o primeiro Imperador dos Romanos de 800 até sua morte, além de Rei dos Lombardos a partir de 774 e Rei dos Francos começando em 768. Por essa razão cabe acrescentar que:</p> <p>“Também sepultaste o livro, de que fala a d. Santa, o Carlos Magno? Foi num barco, de passagem pelo Mutá, Luciana vê o livro na camarinha “Um leitão por esse livro, sim? Alfredo via o livro na cilha, no colo de Luciana montada no rosilho, debaixo do tabocal” (PM. p.182).</p>	<p>Leitura sobre Romeu e Julieta:</p> <p>Surge no romance as descrições sobre a peça de Shakespeare, que é uma tragédia escrita entre 1591 e 1595, nos primórdios da carreira literária de William Shakespeare, que fala sobre dois adolescentes cujas mortes acabam unindo suas famílias, outrora em pé de guerra. No romance de Dalcídio Jurandir aparece Julieta e Raul na voz do Major Alberto.</p> <p>“Seu Alberto diz que é romeu e julieta montados no boi velho, atrás da copudeira. Sendo que de família só a Julieta. Raul coitado, realeza dele é pintando cruz, canoa, santo, máscara, ele carnaval, os paus de embaleiramento” (PM. p.52).</p>

Alfredo sofreu as influências descritas anteriormente que lhes formaram e firmaram como leituras de saberes em Marajó, neste sentido, objetivando conquistar o sonho de estudar em Belém, Alfredo “viveu de favor” em algumas casas; por exemplo, a casa dos Alcântara, na Gentil Bittencourt. Logo depois passou pelas ruínas da estrada de Nazaré enquanto cursava o 3º primário no colégio Barão do Rio Branco. O protagonista passou a morar na “Passagem dos Inocentes”, estudava na Barão e morava com a parenta d. Celeste em seu 1º ano, tudo isso antes de chegar ao Liceu. Alfredo mudou-se para casa do coronel Boaventura, construída para Lucina e Alfredo carrega essa culpa de ocupar o lugar de Luciana na elegante casa na José Pio.

Alfredo encontra-se sob a responsabilidade da sobrinha do coronel Boaventura, a d. Dudu (Domingas Amaral), com quem a personagem vai realizar e conquistar o Ginásio e o desencanta com o modelo de ensino. D. Dudu incentivava Alfredo a ser um bom estudante. Em uma passagem que descreve essa situação, poderemos verificar o seguinte:

Já se vem d. Dudu nos seus mistérios, nas suas negaças. Deixo de nhennhennhen, d. Dudu. Desembrulhe.
 - Isso que estás decorando é francês?
 - Por que d. Marta, d. Dudu?
 - É uma alemã. É da Alemanha. Desta alturinha. Mas sabe!
 - Sabe?
 - Alemão, francês, inglês, piano, violino, era pra ir, um dia, pra Camamoro, a chamado... bem. Contratei agora ela. Te ensinar francês.
 - Por que, d. Dudu? Não... a chamado? Ela, a... agora eu? Não?
 É um querer meu. Se tu aceita ou deixa de aceitar, não perguntei (PM.p.185)

Alfredo busca seguir o seu caminho como ginásiano pois era o único do interior, era o único da José Pio no ginásio, era o único de pele negra fazendo o curso de humanidade. Comenta que “cada um arrota os cabedais que possui” (PM.p.97). Alfredo, pelas leituras apresentadas na saga de *Primeira Manhã* acaba por apreender todavia, essa realidade não é levada a sério por Alfredo, que, ao se desencantar com o ginásio, prefere perambular pelas ruas, local onde aprendia mais com as falas, experiências e vivências.

Dessa forma, a rua lhe forma e disponibiliza saberes que não são levados em considerações dentro de um “estabelecimento de ensino”, pois, “a sorte não era seguir o pai na secretaria municipal, no embalo da rede com o catálogo na mão, e dizer: vou ser doutor, como doutores são os filhos dos fazendeiros, DR, na frente do nome” (PM.p.67); como se tem exemplos no romance: dr. Manadez; dr. Lilo-Seabra; dr. Gurgel; dr. Campos; dr. Acilino; dr. Osvaldo; dr. Bragantino; e dr. Lobão.

Consideramos em uma outra vertente do saber, voltados aos saberes não científicos, o Dr. Raiz, típico representante dos saberes de uma medicina natural, muito usada para as pajelanças de banhos, benzedeiras, curandeiras, parteiras etc. em relação aos doutores definidos por expressão popular temos os saberes do “dr. Raiz, com as mãos cheias de ervas” (PM.p.65); “seu Ribeirão” (PM.p.48) e Sr. “Juanico, sabedor dos males na cabeça” (PM.p.48), todos esses “doutores” de uma sabedoria popular das medicinas alternativas e do instigante imaginário do mundo amazônico.

Em Alfredo, os saberes tomam por inteiro razões que vai contra aos padrões do pai, dr. Alberto, Alfredo “Por ser daquele pai, também não valia? Trazia ou não trazia do pai o sangue

de doutor? Via no major o bom de fazer coisas” (PM.p.67). Embora não siga os caminhos do pai o protagonista gostava de aprender a profissão da mãe d. Amélia como:

Na Mãe via areinha onde lavou roupa alheia, arma tear, renda de bilro, lancea camarão, açai que apanhou nem se conta; em cachoeira o ofício do chulé, sobre o fogão chorando, sem lágrimas [...] apreciava a mãe trabalhar, sempre a sentir, longe ou perto, a Mae trabalhando. Também a via limpando a manga do candeeiro, esta depois tão limpa que acendia luz nova no Chale´; assim lava e enxuga o vidro da manga, com tamanha paciência e silêncio, era modo seu de se indagar a si mesma, passar um pano por dentro de sua alma? [...] vê a Mae partir a lenha, a acha dura e grossa; ele voltava dos campos queimados, também queimado de sol, solidão e gana de partir, à roda do chulé, nas lonjuras, corria o fumo e o fogo, um azul crestando pulverizava-se lá em cima. A Mae partia lenha, e a cada golpe na acha, era como se fosse nela mesma, partindo na lenha o seu mistério, ou com isso corta a sede? (PM. p.66)

Alfredo queria viver, aprender as práticas, as dores de um trabalho suado e não o viajar das redes de seu pai; queria desfrutar da realidade, vivenciar e experimentar a cada vão momento novos aprendizados, novas histórias, novos mundos. E um desses mundos foi o desejo de estudar em Belém para conhecer outra realidade que lhe sirvam de saberes e lhes construam um novo sujeito. Portanto, Dalcídio Jurandir, a partir da voz de Alfredo descrever no romance o debate dos modelos de aprendizados de uma Educação que não considera os conhecimentos e nem se quer os saberes da realidade dos seus discentes; e que não usa a interdisciplinaridade dos saberes em busca de uma qualidade de educação, de ensino e aprendizado.

Devaneios de Alfredo

A respeito dos devaneios de Alfredo ao conquistar o Ginásio, presentes na tessitura do romance *Primeira Manhã*, fizemos um recorte baseado apenas na leitura de *Primeira Manhã*, ainda que entendamos que o sonho de estudar na capital nasce nos primeiros romances como, por exemplo, *Chove nos campos de Cachoeira* (1941); os dramas se acentuam em *Três Casas e um Rio* (1958); depois, *Belém do Grão-Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1967), e alcança seu alto grau de complicação ao conquistar o sonho de estudar em Belém. O “desencanto” começa a partir do romance *Primeira Manhã*.

Sobre o devaneio de Alfredo serão abordados alguns fragmentos da complicação/intriga/drama romanesca, perceptíveis na leitura do referido romance. O

protagonista nos convida a caminhar e mergulhar enquanto sujeitos da/na Amazônia sobre as problemáticas sociais, do eu frente ao mundo.

E “neste primeiro dia de ginásio? Vai comigo, dentro de mim, para Liceu, conforme sua vontade, seu desejo?” a Luciana (PM. p. 34). A jovem, ganha espaço, tanto no presente, quanto em sua ausência no romance, passou a ter vida sob a voz da velha parteira (d. Santa). Alfredo passa a conhecer suas histórias que, conseqüentemente, vem sendo comparada com a sua, mas com desfechos diferentes.

O raio que aparece no texto serve como porta de entrada para um desconhecido mundo a ser descoberto pelo protagonista: “como um raio vai me abrindo um caminho, não na rua, nuvem ou rio, mas em mim mesmo, neste verdoengo e secreto ser que sou”. (PM. p.34)

“Não dizia adeus ao menino, que menino não era mais, mas a um obstinado, inumerável tempo, adeus a certas perdas e temores, à solidão sem causa” (PM. p.34). O sonho de estudar em Belém, em um ginásio lhe cega para a realidade, o deixa obstinado. Alfredo segue então “pé rangendo a marcha, cheirava a cáqui novo, este cheiro de ginásio verde de quem vai descobrindo no casarão tão feio aquele seu colégio, muito belo, na raiz da montanha ou dentro do carocinho de tucumã” (PM. p.34) “Subiria, de dois em dois os degraus do poeirento e desejado Liceu, à altura de sua pressa e de seus dezesseis anos. De repente dezesseis!” (PM. p. 34).

Alfredo carregava o sonho de muitos meninos de Muaná, Cachoeira, enfim Marajó, que gostariam de estudar em Belém, mas suas famílias não tinham condições de mantê-los na capital; e quando um filho das ilhas, cria de igapó, consegue é uma verdadeira festa. Alfredo seria esse representante de muitos meninos e meninas. Essa passagem podemos verificar no fragmento: “afinal, ginásio, mãe, tios, avô, pretada da Areinha. Os preparatórios, Major Alberto. Explique, na Secretaria Municipal, aos vogais e ao coletor o que é humanidade. Mas pensar em ti, minha senhora mãe, agora-agora, não” (PM. p. 35).

Era dever seu ficar muito feliz, saboreando o seu primeiro instante de Liceu e química, saboreando o momento, depois, que puder contar à mãe, no chalé, meses, ou anos depois, quem sabe, a mãe, sossegada, na rede, só escutando. Estar aqui, devagarinho, desfeito na atenção geral, fechando dentro do seu uniforme a flor, ou o raio? Dos dezesseis anos (PM. p. 38)

Alfredo, ginásio em uma cidade desconhecida, mas muito idealizada em seus sonhos, passa a ser considerado como passagem de tempo e esse passar do tempo é que vai lhe descobrir outro Alfredo, do jovem/homem. Na passagem a seguir há a representação desse momento, como espanto, o raio, o tempo, o passar das coisas e o sonho se tornou realidade:

Meu Deus, a voz de frango, vestiu o primeiro fato, comprido nas mangas nem mal tirou o alinhavo, lá se foi pelo aterro, de longe escritinho um homem, parece ainda tropeçar nas calças, esse meu filho mesmo...E sua voz mudando, sim, destoadada, voz ainda alheia. Ouvindo a voz dos outros de sua idade, é que sentia a mudança, homem daqui a um tempinho, afina as cordas para o primeiro cantar de galo (PM.p.56).

Alfredo “tinha entrado um tanto sorrateiro naquela moeda de letras-será de vera? – como se tivesse saltado a janela, arremessado pelo raio, subindo a escada feita dos meninos de Marajó que o carregaram, neste uniforme marcado de rua e da lástima da ama de avental e touca” (PM. p.39). Dessa forma, o protagonista diz que não precisa se incomodar “com o destino alheio, agora que segue para o seu” (PM.p.34), pois agora que estaria seguindo para o seu, Alfredo desce no

pátio, ganhar o sol e o céu e o ar ginásiano, disfarçar o engano da sala, dez horas, primeira manhã do ginásio, tens um pátio, como sonhaste no colégio, vais conhecer as cinco classes juntas, passar pelo quintanista louro: passei ou não passei, hein, sua calça de flanela? (PM.p.41)

O protagonista é enfático ao dizer, com um ar de superioridade, que alcançou o ginásio e retribui as ofensas para o louro quintanista: “Tu, que me degolaste, tenho a cabeça no pescoço, vês? Meu tapari é aqui mesmo. Está a minha moradia, o meu mundo onde irromperam naquele raio os dezesseis anos” (PM. p. 41).

Alfredo e o sonho de conquistar o pátio, ver as cinco turmas juntas, ver gente, colegas, cultura e etc., causa-lhe decepção e revolta. Em seu primeiro dia de ginásiano, encara o pátio, decepciona o encanto lhe deixa cego. Alfredo no pátio, calouro, sem experiência do que ainda estava por vir, como lemos a seguir:

O pátio o engoliu, o levou até o fundo e o devolveu entre as alas no mesmo alarido, pisa um, o cocorote, aquele esbarro, o pescoço, o tropeço, pega! despencou-se, viu-se lá fora no meio da praça debaixo ainda da algazarra que ficara no pátio, pátio dos trezentos Belerofontes, dos dezesseis porcos multiplicados.

Parou, sem fôlego, cego, o pátio sobre a nuca, as caras tão bruscas que o espiavam, o colhiam pelo sovaco e o atiravam aos outros e estes riam, bigu! bigu! com suas bochechas e punhos, o focinho, o bico da vaia, a mão que lhe revirou o bolso... estes quatrocentos réis só? No chuvisco, suando, sozinho na praça cheia de soldados, lançado no fosso. Ordinário, à direita, volver! Acelerado marche!

Mas foi trote? Era o trote. É o trote? Cru-cru do que ia acontecer, cru, falava a mãe no chalé: E eu que sei? De tudo isso ando crua. Tu me pegaste crua. Crua e nua. Agora o filho, cru e nu, no fosso, quem retira o pátio de cima? Mas não sabia? Nunca sabia? Escuta o riso do pátio, reboa nas salas, sacode o casarão. H2O. Estabelecimento de Ensino. Pateta! No terceiro ano? Calouro. O mesmo riso aqui na muxinga do carroceiro assustando o velho boi dorminhoco e ali, na repentina moça a abrir a janela, como se fosse pela primeira vez que abria. Bigu! Bigu! E a senhora aí, com a vassoura, na porta? Varrendo não o lixo, dona, mas estes dezesseis anos.

Em pó o derradeiro caco do colégio. Calouro. Clandestino do terceiro. O calourão queria passar por veterano? Batiza a farda! Raspa a perneira! Dessela o quepe! Solta as piranhas nele! Subitamente a trovoadas, este raio, imundo, prende de novo a Luciana, faz levantar do chiqueiro os dezesseis porcos multiplicados (PM. p.42).

Os trezentos Belerofontes fazem referência a saga de um herói muito venerado por sua hospitalidade e que foi morto, segundo a Mitologia Grega, pelos povos que o tinha como rei. Dalcídio Jurandir recorre a essa leitura para relacionar o herói da mitologia grega com o herói dalcidiano, ou seja, o herói sendo pisado, cuspidos e vaiados pelos colegas no pátio; porém, Alfredo sonhava com o encontro das cinco turmas juntas. Alfredo, o calouro, cru e nu no fosso, e comparado aos dezesseis porcos em “Camamoro” (Ilha do Marajó) e que também pode ser interpretado como a fragilidade da passagem do tempo em que representa o tempo do trote.

A voz do narrador: “Era trote, foi trote”, calouro, primeiranista, ginásiano, calourão, batizava-se clandestino naquele lugar que era tido como “Estabelecimento de Ensino”, curso de “Humanidade”. Mas que humanidade, humanidade decepcionante para Alfredo sobre uma realidade tão sonhada anteriormente que hoje não passa de decepção e vexame, tornando-se para Alfredo desinteressante, escolher viver batendo pernas, perambulando pelas ruas de Belém, vagando sem rumo, afinado “as cordas para o primeiro cantar do galo” (PM. p.56).

Alfredo, por sua vez, encontra a vocação, as sonhadas amizades, [o seu] destino, [o seu] ser? (PM. p.41); “O pátio foi o novo alçapão? Caíste? E não subiste, de novo, na praça, de novo comigo? Deves agora voltar, que lá é o teu assento, em nosso nome, o escolhido por nós, para que puxes da química, do latim e do pátio, como puxavas o peixinho, o saber que não sabemos” (PM. p.43). O protagonista já não “lembrava da pororoca na cabeça de quem um instante ficaram, aflitos e felizes, oh, glória que foi” (PM. p.44). O protagonista deixa ser levado pela “fantasia ginásial” em uma “manhã [que] escurecia de novo, apita às onze a Usina Romariz, a rua um lodo grosso. Descarta? Culpa de ter ido tão tarde? Bigu! (PM. p.96). A ansiedade tomava conta de seus pensamentos e, em um lapso de memória, ele se volta

Algumas horas depois, com um cupuaçu debaixo do braço, tão culpado quanto liberto da Tentação, a pé pela independência, chegava ao Ver-o-Peso; que faço, como voltar ao Barão, explicar no chalé? Tirar aquele certificado primário estava ficando um pouco para trás, passava de tempo e gosto” (PM. p. 55)

Portanto, as angustias de Alfredo voltam-se sobre ao mundo do “caroço de tucumã para escoar o desassossego, procurava, procurava” (PM.p.55). No fragmento a seguir, o trajeto do devaneio frente a realidade ganha destaque:

[...] boiou na Municipalidade com bonde espirrando-lhe águas e lama, passava os alvos zebus puro sangue de cocheiro jabuti, importados de minas, fidalgo do bairro. Cortar bem a correnteza. Caminhou tanto então pouco tempo? Longe ressoava o casarão ” (PM. p. 96).

Alfredo, acorde, que estás sonhando alto. Acorde senão cai da rede (PM. p. 92).

3.2 Desencanto de Alfredo com a educação

Em um segundo ponto, as abordagens sobre as considerações da redescoberta de uma *Erziehung*/Educação que lhe causa *decepções e vexames*, definida sobre os horizontes de leituras de Alfredo frente as dificuldades existentes do protagonista Alfredo no romance pode ser descrita em dois aspectos como: “*Alfredo e o desencanto com o ginásiano*” e “*Alfredo às margens do Ensino*”; em que se caracterizam como as dificuldades da personagem diante de um modelo de ensino, e as influências de algumas leituras presente no romance *Primeira Manhã*. Assim, buscamos inferir sobre os ambientes nos quais Alfredo está inserido; e quais seus “cabedais” de conhecimento obtidos anteriormente.

Alfredo e o desencanto com o Ginásio

O protagonista diante de um “novo mundo” busca sua própria autonomia enquanto sujeito, mas esbarra em um modelo de educação “catedrática” que não lhe possibilita o sonhado diploma. Ele se depara com distintos ambientes/espacos urbanos e periféricos da capital Belém, e logo no início do romance percebe a fragilidade de uma estrutura familiar, típica do interior do Estado do Pará, com suas problemáticas de educação, saúde, política e economia, que acarretam um estágio de pobreza tão profundo aos sujeitos da/na Amazônia do século XX, e que se faz tão presente em nossa realidade. Segundo Furtado (2010, p. 184),

Essa sobreposição dos universos urbanos ao rural, veja-se, acaba sendo recriada por Dalcídio Jurandir como elemento temático em sua obra, diferentemente dos autores regionalistas que focalizam determinado interior distanciado do mundo urbano, retratando o primeiro, em contraste com o segundo, como rude, ou tosco, ou até mesmo bárbaro.

Alfredo não se encontra isento desses fatos. Nascido da convivência de um pai branco e uma mãe preta, morando no interior do Pará, no arquipélago do Marajó; considerado, pelo protagonista, sem perspectiva de vida e em condições que não lhe favorecem. A personagem, por esse motivo, não desiste de conquistar e realizar seus sonhos, de estudar em Belém. Ele carrega na memória os incentivos de Amélia quem faz nascer o sonho de estudar desde sua infância até conquistar a idade adulta, cria em Alfredo uma angustia existencial pela educação.

No romance *Primeira Manhã*, ele conhece várias histórias por meio da voz velha parteira, (d. Santa) e (d. Dudu) na José Pio, sua nova residência como ginásiano. As tramas narrativas ganham folego por vezes em diversas histórias que Alfredo leva nas lembranças e recorda a sua condição na realidade de educação antes de entrar no liceu; memórias tão presentes que lhe causam dor, angústia e geram muitos conflitos interiores e exteriores. É sobre esse encharcar-se que Nunes (2001, 41) afirma que

Jurandir, por sua vez, é autor dos encharcados amazônicos (contraposição à sede narrativa graciliana), da abundância narrativa, assinalada por períodos longos, por uma pontuação, por vezes, frouxa, que enfatiza a poetização da linguagem; uma tal exuberância de estilo que me faz, inclusive, pensar em uma *aquonarrativa*, em que as palavras, de bubuia, afloram e se apresentam mansamente ao leitor que mergulha ansioso no texto. O leitor ou sorve calmamente (como uma bebida forte e succulenta, que necessita ser ingerida com cautela) ou o faz como que mergulhado nos rios amazônicos, para sentir o sobe e desce das marés. Assim a trama aflora com uma narrativo-poético das águas amazônicas, significativas do fluxo/refluxo das marés de palavras, encharcando o leitor sensível e predisposto ao mergulho, mas previamente avisado dos “prazeres e perigos” que emanam do fundo dos rios.

Os “rios” de Alfredo no romance *Primeira Manhã* são metáforas de tempo, memória, lugar, vivências, saberes, formação e experiência que lhe causa dolorosas lembranças frente ao seu presente como ginásiano, no curso de humanidade “corta! Corta a correnteza, seu fluxo” (PM. p.97); no ginásio “atravessa o rio. Meter-se no casco do jabuti, varar o pátio, subir ao primeiro ano, carumbé fardado”. Alfredo recorda a tranquilidade do “chalé lá atrás do

Folha Miúda, carregado do silêncio, sombra e catálogos, o vazar lamacento do rio, com aquele peixe que boiou, silencioso” (PM. p.97). Alfredo na José Pio,

Entra-não-entra, pela calçada, olhou a rua que acabava na baixa onde as barracas num aguaçal verde pereciam de bubuia. Logo era o rio feito um vinho de bacaba, maré grande, partia um vapor. Aqui vizinho, à esquerda, pegando à casa, sobre o portão da velha puxava lá dentro arriava-se o velho jasmineiro. E fora rente da cerca, o barquinho de tão antigo desfazendo-se. (PM. p.97)..

E passa os rios, “quantos rios passou Luciana? Moendo a sua farinha. Irene, dolorosa, rios passam, quanta farinha moeram?” E passar dos rios (tempo) Luciana “anônima corre as ruas da Babilônia moendo a sua farinha, passa os rios, não mais a tenra nem a delicada” (PM. p.109). Essa grande confusão comparada a rua da Babilônia, compreendemos como os conflitos humanos e sociais a partir de um campo subjetivo, eu interior em lapso de memória que a recorda, levando para um passado distante e um presente angustiante, em uma verdadeira dialética do tempo em conflito com homem.

Desse modo, Alfredo em um estágio ginásial se define a partir da passagem: “abre-me aquela porta, e o resto” (PM. p.41); “pirralho tio bimba” o acompanha em suas problemáticas e inexperiências frente aos mundos, saberes, formação e educação sobre o “garimpo sem rumo”. Furtado (2010, p. 189) explica que

Graças à deglutição das dicotomias local x universal, popular x erudito, urbano x rural, Dalcídio conseguiu reconstruir de maneira intimista e poética o processo de decadência (mas também de resistência) de uma região e de seus habitantes, causado pela ganancia do capitalismo aliado a uma estrutura arcaica de relações sociais.

Assim, iniciamos uma breve análise sobre as andanças de Alfredo e os vexames que passam a ser considerados como obstáculos frente a uma educação, realidade tão presente em nossos dias. E frente a essa questão, Alfredo passa para uma nova etapa de sua vida sonhada no começo, e decepcionante no final. Destacamos como os fatos ocorrem de acordo com a visão do narrador:

Rangiam-lhe as pernas, peiando-lhe o passo, primeira marcha a pé da José Pio ao Ginásio, estirão lento. Trazia um cruzado para o bonde, ida e volta, passagem inteira; preferiu ir andando pela São João, cruza o Igarapé das Almas, espia a missa de Santana, ali ao pé da porta, o São Pedro na sua cadeira (PM. p.31).

Obviamente, morar uma capital requer gasto, mesmo que estes sejam de classes estudantis de famílias que vivem as margens dos centros urbanos e a ficção romanesca de Dalcídio Jurandir nos convida a conhecer uma cultura e os seus distintos problemas sociais do homem da/na Amazônia paraense que são tem que ultrapassar.

Desse modo, Alfredo “é tão desconhecido, tão primeiro ano, tamanho que estava, sem livro, sem material de desenho ou mapa!” (PM. p.31). Nesta hora, “7,25 h., a cidade era de novo, de seus dezesseis anos, não dá Generalíssimo mas do Largo do Quartel” (PM. p.34). Alfredo segue andando a caminho do ginásio e uma de suas dificuldades pode ser percebida a seguir:

E esta perneira, vamos afrouxar um pouco? Por que tu ranges tanto, de que bicho é o teu couro, tu és sela? Traído pela calçada e pelo aluno do Barão, não sentia novo o uniforme nem a perneira; velha, enxovalhada, lhe pareceu a fantasia ginásial, demasiado tarde aquele casarão como tarde a absolvição de Luciana. Quis voltar para vestir a outra farda, o cáqui verde-claro, de melhor feitio, mais justa. Não dava tempo e tanto tempo perdeu em Cachoeira, em Muaná, Barão. Salpicadas de lama, as perneiras rangiam decepção e vexame, logo pressa e uma raiva confiante (PM. p.35).

No “ranger de suas perneiras” nas ruas de Belém, Alfredo segue para o Ginásio, frente as suas decepções e vexames que o fazem refletir sobre inúmeros questionamentos: “Humanidade? No plural? Que diferença fazia no singular?”; “Tarde, mas que remédio?”; “Que mel há de sair dessa abelheira?”; “O saber tem aqui a sua fábrica?”; “que estou fazendo aqui, quem marcou este encontro entre estas criaturas?”; “Que entendimento há de sair deste ouvir de muitos e daquele falar de um só?”; “Que isto; aprender? Aprender? Saber? Terei um dom?”; Teria cabeça? Isto aqui foi uma escolha ou errei a porta? “O saber exige uma vocação?” (PM. p.34-39). Essas indagações se definem pela idade de Alfredo na passagem de menino/homem. Indagações da idade de jovens que buscam indagar tudo que vê.

Alfredo por entender que “Do interior, ali era o único?” [...] “Todos ao feitio da cidade, menos este que é a cor do chão, da maré, da Dolorosa, a alfazema, os limos de Santana. Esse caboclinho aí?” (PM. p.37). Passa por um verdadeiro teste de resistência física e psíquica como ginásiano, o que lhe faz enxergar distintas dificuldades como educando em Belém. Ao chegar no Liceu se depara com a morte do Bispo; suspensa a aula logo em seu primeiro dia no ginásio:

Entrava com o rumor de varrição e crianças que vinha dos sobradinhos pegados ao Liceu. Neste ranger de perneira, nenhuma voz aqui dentro, um

passo, nenhum rosto? Abrindo as janelas lá de cima, o casarão engolia a espessa manhã de Belém. Quis voltar, e continua a subir, incerto, fascinado, chegava tarde? Feriaram de repente, morreu o Bispo, a aula suspensa? (PM. p.36)

Podemos considerar como uma das dificuldades que Alfredo teria que ultrapassar: ao entrar no Liceu ele se depara com uma servente que lhe informa a sala na direção errada. Alfredo por sua vez “entra num escuro, mas distinguindo o cáqui, dos alunos do azul e branco das alunas” (PM. p.36). Os colegas olhavam para ele com um olhar que o queimava. Alfredo dessa forma, “enfiou-se atrás, sumindo-se numa carteira do fundo, logo a aula no ar, a lição gotejava, fugitiva. Só agora, com as perneiras em silêncio, sentia o barulho das classes, o casarão ressoando, este galope dentro do peito” (PM. p.36).

Alfredo sentia-se atordoado com tanta informação que não conseguia distinguir, os sons, as cores, “quis desabotoar-se, onde guardar o quepe? Suava, tão presente quanto ausente; a manhã trazia o correr do bonde lá de baixo, a corneta do Corpo de Bombeiros ali defronte, ruídos e cores” (PM. p.36) o cercavam em um ambiente não mais de Cachoeira, mas os espaços e tempos de uma Belém em decadência, pós Ciclo da Borracha. Além de perceber as inimizades do homem da cidade, egocêntrico, capitalista, em uma sociedade competitiva que o enxerga como adversário, passam a ser (para o protagonista) as características marcantes do convívio nos centros urbanos e periféricos das grandes capitais de nosso país.

Alfredo às margens do Ensino

Sobre esse tópico as discussões voltam-se sobre a educação e a monótonas aulas do protagonista Alfredo em presença dos professores e suas metodologias catedráticas. Isto pode ser caracterizado no trecho que fala especificamente de uma educação que exclui, marginaliza e provoca no sujeito as mais duras e dolorosas discriminações. Relembrando a voz da inspetora:

O primeiro ano é lá, não tem que errar, ali, a outra sala. Queira principiar pelo terceiro ano? Meu Deus, nem parece que aprendeu... Que fez a admissão. Como coisa que é a primeira vez que frequenta um estabelecimento de ensino... [...] Ouvia em todo o casarão o ralho da inspetora: entrou no terceiro pensando que fosse o primeiro ano, mais olha ai o calouro, o matuto. Tirem uma linha do espartinho. Volta pro teu taperí, cria de igapó (PM. p.40-41)

Sobre essa questão, ao enxergar o “outro” no mundo, Alfredo é o reflexo dessa ironia social no qual Dalcídio Jurandir busca refletir em muitos de seus romances, e, neste caso, especificamente em *Primeira Manhã*, é a representação da crítica social do povo do Norte do Brasil, em que Jurandir se transforma frente a uma educação que não ensina e sim exclui os sujeitos. O conflito entre o “eu e o outro”, o “eu e mundo” pode ser explorado no fragmento a seguir:

Esse caboclinho aí? Passar, não passa. É um dos degolados. Voltazinho pro teu taperi, cria de mariscador. Disse-lhe o empoado louro quintanista ao vê-lo aguardando, tão murcho, a hora do exame de admissão. Rápido, sumário, o veterano degolava, por conta própria, os candidatos. Vejo pela cara. Vejo pela cara, quem ou não, vai passar. Alfredo lembrava o Rebelinho, do Barão (PM. p.37)

A discriminação, o preconceito por ser negro, pobre e vindo do Marajó, de uma família pai branco e mãe negra, mestiça, híbrida e os espaços dominados ou marginalizados pelos brancos, levam o protagonista a seguir em frente em busca de conquistar o seu sonho. Apesar de encontrar muitos obstáculos em sua trajetória como educando, Alfredo carrega consigo a “penca de menino e meninas de Cachoeira e Muaná” (PM. p.35), que lhes dão força no clarão do ginásio. Em ambiente escolar, a “aula de Química enchia o quadro de palavras, palavras, palavras” (PM. p.39). Mas Alfredo não se deixa levar e começa a pensar que é avarento.

Essa educação descontextualizada pode ser analisada, a partir de algumas disciplinas, tais como: *Química, Português/Literatura, Arte, Francês, Matemática, Geografia, Latim*, são disciplinas que Dalcídio Jurandir estabelece suas críticas e questiona sobre esses campos de conhecimento duras reflexões sobre o processo de educação, ensino e aprendizado dos homens e mulheres em um contexto da/na Amazônia. Anunciando a partir da voz da ficcionalidade, o espelho de seu engajamento político, para denunciar e criticar as problemáticas de uma sociedade que sofre com o descaso, discriminação, exclusão, autoritarismos e principalmente uma educação que caminha em passos lentos em uma sociedade local, regional e nacional.

Por sua vez na aula de Química,

Alfredo fermentava naquela química irreal. E nem um bruxo, em vez daquele catedrático, para ensinar-lhe a fórmula que dá, de repente, a sabedoria e a fortuna. Ou o gosto de soprar a lente janela fora. Baixando a cabeça, alisando a perneira, Alfredo tenta restituir-se à aula, pela primeira vez em presença da química. Aquilo ali chama-se cátedra (PM. p.37)

Primeira vez em presença da Química, das disciplinas no Ginásio, das formas pedagógicas de ensino/aprendizagem em uma Belém dos anos 20 a 50 do século XX. Alfredo começa observar “gramofone arquejava. A química era só giz no quadro branco” (PM. p.40); decepciona-se com a sua “nova” realidade e acrescenta que já começa “a desconfiar que [é] demais neste estabelecimento de ensino. Este engano de sala não foi um sinal? Todo o terceiro ano me olha zombeteiro, num ar de vaia” (PM. p.41). Sobre as aulas de Química, destacamos um ensino de uma educação monótona, com metodologias que excluem a realidade dos discentes, tornando-se fugidia. Alfredo “fixou-se nos beiços do professor, dissolvidos no rosto de peixe azulado de gelo e barba, a lição escorria. Os óculos faiscavam, refletindo velhas águas do chalé, o rio no sol das duas da tarde; antigos olhos de menino pela beira d’água; a lição distanciava-se” (PM. p.36). O professor de Química com a voz de toca-discos, forte e audível, é frio na aparência reflete a monotonia nas leituras em sala de aula; subentendemos que seja muito presa a conteúdos que fazem com que a aula se torne enfadonha.

Nas aulas de Português/literatura é apresentado “aquele professor de aparição, magrinho, voz abafada, tossindo breve, tão frágil, tão esvaído” (PM. p.199); no ginásio toma uma vaga percepção diante de seus alunos ao considerar.

Todos na aula o queriam bem, sim. Ou tinha pena? Porque assim tão doente nesta sala que lhe suga os pulmões? Foi a tísica ou a gramática? Roído pelas regras, olhava a aula como se dissesse: falem errado escrevam errado, das folhas da gramática, façam papagaios, aprendam a língua com os canoeiros do Ver-o-Peso. Esfaldado, deixou a sala num adeus derradeiro (PM. p.199).

Percebemos que o professor de *Língua Portuguesa/Literatura* é um docente formalista, arcaico na metodologia, que não convém com a realidade, no qual leva em consideração as formas e normas “gramatigueiras”. Além de refletir muitos dos profissionais que sofrem de tísica ou tuberculose, considerada a doença do século XIX no mundo e no Brasil.

As mesmas dificuldades são expressas nas aulas de *Arte*, o professor “[...] invadia a sala, um galego gorducho, bigodudinho, com uma pressa irritava, o bugalho amarelo, a bater a régua na mesa trinta e dois inimigos” (PM. p.200). Sobre as aulas de *Arte*, destacamos como “Agora aula de desenho. Alfredo imagina-se sobre cubos paisagens, as rosadas meninas do Cícero Câmara; lembrou-se: o professor Chiquinho, à sobra das ginjeiras carregadas

desenhando caligrafia, a abrir majestosas letras góticas” (PM. p.200). Notoriamente, percebemos que o interesse em uma bela letra era levado em consideração; os alunos tinham por obrigação ter uma boa caligrafia, por mais que estas sejam dolorosas a compreensão teria que descobrir formas e compreender paisagens vista como imagem a ser retratada em seus desenhos.

Nas aulas de *Francês*, a língua estrangeira trava a língua de Alfredo, “a professora na pista a língua chicoteia, abre a jaula de onde saímos, tentamos engolir no ar o pronunciar rouco, saltamos sobre a presa, de goela no chão caímos, estala o francês da domadora. *Present, present d’indicatif*” (PM. p.200). Destacamos que Alfredo a primeira aula de francês se depara com a dificuldade de compreender uma nova língua, se ainda não conhecia ao certo a sua de origem:

[...] subiu para aula de francês. Francês! E não estás aqui la clef du diagnostic, tão empoeirado, as traças comiam. Mas de onde vem esta, balando as argolas, endureceu no estrado, uma estaca de gola gema de ovo, sapato alto, o dedo sobre a aula como um verme? Toda ela é um giz de saia, é o colo de tábua, o catarro didático na voz que esganiça, ralha, corda solta, é francês, sim ou não?

A chave para o diagnóstico em busca de compreender uma nova língua era colocada em questão em sala de aula; os alunos teriam que apreender o estranho, o engolir no ar, a voz desconhecida, aflautar, emitir sons sobre as cordas vocais em busca de escarrar a didática do falar francês. A professora esbanjava adereços, argolas, sapato alto, parecendo uma tábua rasa de comprimento e de cor branca; parecia sofrer de verme por ser tão magra, possuía a autonomia de ralhar que desafinasse com a voz.

As aulas de *matemática* se resumem sobre si mesma, o professor de características frias, sem sentimento “armando-se com os óculos, o bico esverdeado e mudo, o maestrando animal, conforma o número, foi rasgando os versos, devagar, com aritmética delícia, numa destreza profissional” (PM. p.201). A matemática com as velhas e decoradas teorias que os deixam confuso: “apanha a esponja os velhos teoremas e risca os novos debaixo do mesmo regougo” (PM. p.200), como se fosse uma raposa ao emitir o som a partir de uma voz áspera e aguda a resmungar em sala frente aos alunos; demonstrava ser um gelo frio e sem expressão como:

[...] o matemático; de óculos e camisa preta entra em silencio o camelo direto ao quadro, riscando algarismos num rosar surdo. Teoremas. Teoremas. Enche o quadro quebrou-se o giz, olhou gelado e numeral para a

aula, a boca sumia-se num furo de onde escapava o regougo algébrico, petrificando em giz, os teoremas também nos petrificam, e o mestre vai jogando sobre nós a sua areia.

Os “Petrificados em giz, os teoremas também nos petrificam, e o mestre vai jogando sobre nós a sua areia” (PM. p.201). Chama atenção da sala, principalmente as pessoas que ficam no fundão, no qual Alfredo também fazia parte e começa a falar de referências de aguardente em “dornas de umburana”. O professor de *geografia* surge “cheio de panos no rosto pálido e furado de cravos, o cigarrinho escondido, agitando o bolso cheio de fotografia obscenas, com olhar bem moleque” (PM. p.202). O catedrático levanta e começa a contar e descrever “Rios, rios da Europa?”. Enquanto os alunos dormem em sala de aula, o professor de geografia é o representante de um modelo de educador que não se importa com que está presente em sala. Ao invés de corrigir sua postura enquanto profissional em sala de aula, “o mestre corrigiu a gravata e dela brotaram os rios, corriam pela sala, escondiam-se pelas carteiras, metidos no bolso, escoando pela janela, rios, rios, rios. Já alheio à aula, o mestre ia, vinha, desfilando os rios como se falasse para si” (PM. p.202-203). A descrição de uma educação sonolenta e ausente. A passagem a seguir retrata esse perfil de profissional e conseqüentemente o seu ensino:

O professor esse, entra, de colete, baixinho, soltando vapor, o livro debaixo do braço, assoando-se a seco, a cocar sobranceiras, subiu o estrado num suspiro e sopro; ergueu e baixou os braços com amputados, agora sentou, inerte, num ar de sono e ausência” (PM. p.201)

Ao compreender que “rios são meus, unicamente meus, sei de cor, meus Bebo-os no meu copo, parecia dizer o seu olhar” não teria o conhecimento de expressar e levar em consideração os rios em contextos amazônicos, eram só os rios da Europa, Itália, Rússia. Em uma época em que o professor era o mestre e o aluno era somente o receptor desse conhecimento não importando o ponto de vista dos alunos, não existia diálogo e sim as mãos de ferro para o castigo, a partir de um método inadequado para com os educandos, reflexo de uma educação que precisava ser renovada em nosso país.

Por fim, nas aulas de *Latim*, entra em jogo no “suspiro” da campala do ginásio o professor de Latim, “primeiro a bengala, agora a pasta, a juba cinza alta, os óculos estourando, entrou o mestre fingindo briga, solenidade e pasmo” (PM. p.205). Alfredo percebe a desesperadora aflição frente ao ensino de “beijame espichado, uma pressa

administrativa, o diretor passou. Latim” (PM. p.204). Alfredo se depara ainda, como ginasiano feito,

Eunice, Odaléa, Esméia, Belmira, até ao suspiro da d. Brasileira e abrir a arca, e desta, quem pulou? Andreza? Um bandolim do diabo para a d. Graziela tocar na fazenda as suas invejas contra a irmã? O cobiçado endereço? O pronunciar francês, latim o martelo que abra a cabeça aos teoremas do professor Azarias? Aquele raio? Latim (PM. p.204)

O professor é de uma tal agressividade nas palavras que intimidam seus alunos e lhes dá apelidos, como aponta nas passagens “- você ai, seu cara de mucura? E ali a zebrinha? Também com a o seu bico, seu ganso depenado?” (PM. p.204-205).

Portanto, sobre essa relação educador e educando, podemos sintetizar o trecho em que Dalcídio Jurandir evidencia a disparidade entre Alfredo e o professor Penafiel com uma das mais irônicas críticas de uma realidade do século XX, tão atrasado quando se fala em método de ensino/aprendizagem para uma educação e cidadania dos sujeitos em nossa sociedade.

E ainda ontem, no ginásio, sentado estava no banco, no corredor, à espera da campã e passa o lente Penafiel, duro de passo e olhar, colete e perora na gravata, passou, voltou, parando ao pé do banco:

- Vê-se que não é um cidadão.

- Eu, professor?

- O senhor. Nasceu na roça, vê-se.

- Eu, professor?

- O senhor.

- Eu, professor?

- Um cidadão levanta-se-ia do banco ao ver um superior passar, ao ver-me passar. O senhor, não. Vê-se que não é um cidadão. Levante-se.

Sabes, Belmira, que cidadão é quem nasce em Belém, habitante da pátria? Sabias? “Cidadão é toda pessoa que está em condições de ser útil à pátria”, leu num magrinho e mofento *Código de Cidadão*, folheado ao pó e escurume morno do sebo da Santo Antônio (PM. p.196-197)

A superioridade do professor chega ser tão rigorosa, que causam espanto e temores aos alunos e Alfredo inexperiente, desfamiliarizado-se com os conhecimentos “formais”, levata alguns questionamentos do processo educativo que não lhe causa implica na decepção Alfredo, frente ao modelo de uma educação em nosso país; consequentemente conseguimos enxergar e descrever algumas angustia na relação entre docente e discente.

3.3 O lugar físico e social de Alfredo

A customização do mapa tem como objetivo reconstruir novos horizontes de leituras em relação às experiências, aos saberes e ao processo de educação de Alfredo. Desse modo, a sinalização dos espaços urbanos e periféricos é tecida com base na realidade da Belém de antigamente, do período dos anos de 1920 a 1950 do século XX.

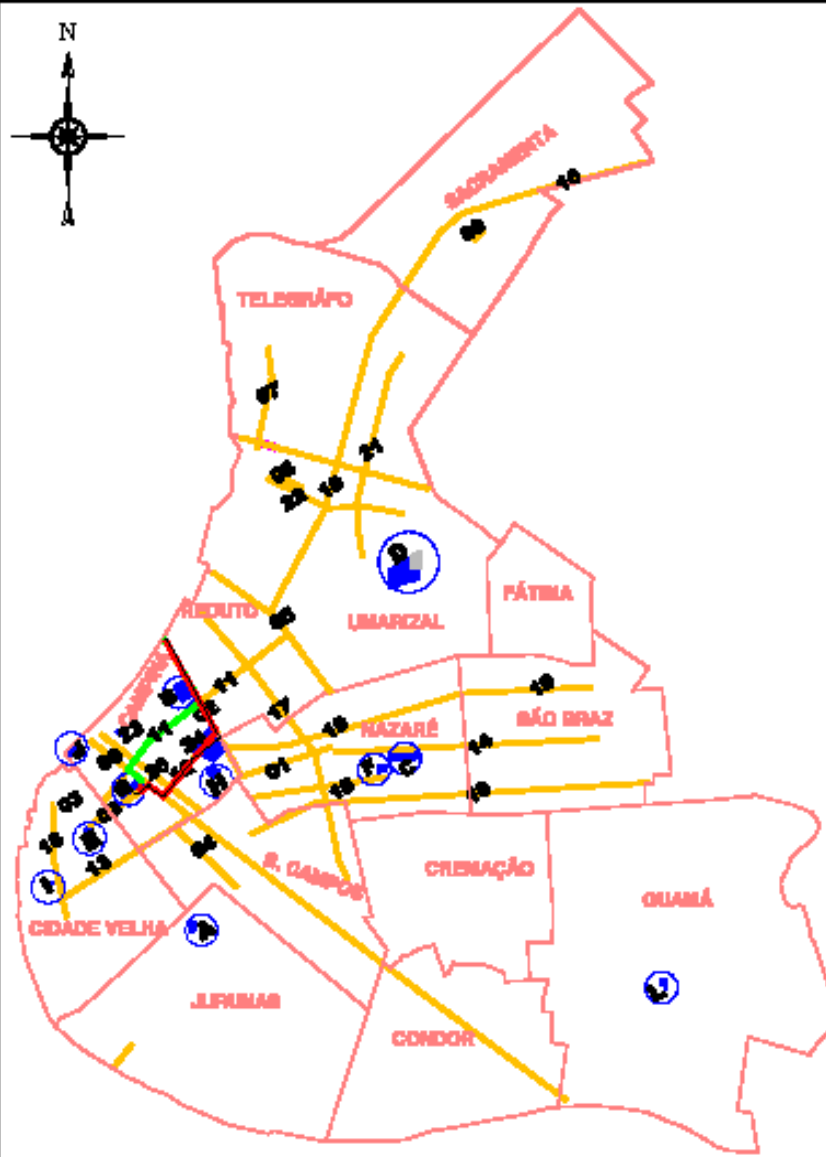
Isso se dá a partir da leitura do romance *Primeira Manhã*, na forma como a obra demarca esses espaços por onde transitam as personagens. Baseados nessa trajetória, o discurso histórico se reconstrói. Logo, o romancista sinaliza para os seus leitores os espaços citadinos de época, em que se vê, por meio da ficção, ruas, praças, largos, travessas, bairros, estabelecimentos públicos e privados a trajetória do jovem protagonista (Alfredo), ressignificados pelas mãos do narrador

Desse modo, o mapa descreve o trajeto de Alfredo que se desloca da Travessa José Pio ao Ginásio Paes de Carvalho. Além disso, no mesmo mapa, encontramos também alguns nomes (anexo I)¹⁵ catalogados de ruas, praças, travessas, largos, etc. Em seguida, percorremos ainda (anexo II)¹⁶ a cartografia da cidade construída sob a ótica dalcidiana, onde se vê os nomes antigos e atuais da Região Metropolitana de Belém.

¹⁵ Ver anexo I- nomes de estabelecimentos público e privados

¹⁶ Ver o anexo II –nomes antigos e atuais da região metropolitana de Belém/Pa.

LUGAR FÍSICO E SOCIAL DO ALFREDO




PREFEITURA DE BELÉM

 Centro de Gestão Integrada - CGI
 Núcleo de Gestão e Planejamento - UGB

- LEGENDA:**
- PERÍMETRO DE ILUMINAR E PRAÇAS CITADAS NO ROMANAL PRIMEIRA MANEIR
 LIMITE DOS BARRIOS (Linha de Referência Nº 7.028 de 19/06/1999)
- 01- AV. NAZARÉ - ANTIGA ENTRADA NAZARÉ
 - 02- TR. JOSÉ PIO
 - 03- RUA TOMÁZIA PEREIRA - ANTIGA: RUA SÃO JOÃO OU RUA JOÃO DEUS
 - 04- TR. SÃO PEDRO
 - 05- AV. VISCONDE DE SOUZA FRANCO- ANTIGO IGARAPÉ DAS ALMAS
 - 06- TR. PADRE EUTÍQUIO ANTIGA TR. SÃO MATEUS
 - 07- RUA NELSON RIBEIRO ANTIGA TR. DO CLARO VELHO
 - 08- PR. GUALPARÁ
 - 09- PR. SÃO JOAQUIM
 - 10- AV. SENADOR LEMOS
 - 11- RUA MANOEL BARATA
 - 12- R. GENERAL OLÍCIO
 - 13- AV. TAMANDARÉ
 - 14- AV. MAGALHÃES BARATA
 - 15- AV. BRAS DE ALUMIN - ANTIGA AV. SÃO BRÁS
 - 16- AV. GENTIL BITTENCOURT
 - 17- TR. RUI BARBOSA
 - 18- RUA DR. AMÉIS - ANTIGA RUA DO ESPÍRITO SANTO
 - 19- AV. ROY. JOSÉ MALCHER - ANTIGA AV. SÃO JERÔNIMO
 - 20- TR. CAMPO SALES
 - 21- RUA GEBUÇA
 - 22- TR. SOARES CARNEIRO
 - 23- PRAÇA VISCONDE DO RIO BRANCO ANTIGO LARGO DAS MERCÊS
 - 24- PRAÇA DA REPÚBLICA ANTIGO LARGO DA POLVORA

- LEGENDA:**
- NOMES DE ESTABELECIMENTOS CITADOS NO ROMANAL PRIMEIRA MANEIR
- Localização de Áreas em Destaque:
- 1- SÃO JOSÉ LIBERTO ANTIGO CAMARÃO DA PENITENCIÁRIA.
 - 2- HOSPITAL ODESS TERCEIRA - IGREJA SANTO ANTÔNIO.
 - 3- BASÍLICA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ - ENCADARNA DA BASÍLICA - PRAÇA JUSTO CHEMONT
 - 4- HOSPITAL DA SANTA CASA.
 - 5- LARGO SÃO JOÃO.
 - 6- ESCOLA BARÃO DO RIO BRANCO
 - 7- ESCOLA BETADUAL PAINE DE GARFALHO E O LARGO DO QUARTIL ATUAL PRAÇA DA BANDEIRA
 - 8- HOTEL HILTON - ANTIGO GRANDE HOTEL.
 - 9- HOTEL PALACETE PINHO
 - 10- MERCADO MUNICIPAL DE VIVER - C- PISCO
 - 11- BARRIL SÃO PEDRO E SÃO PAULO

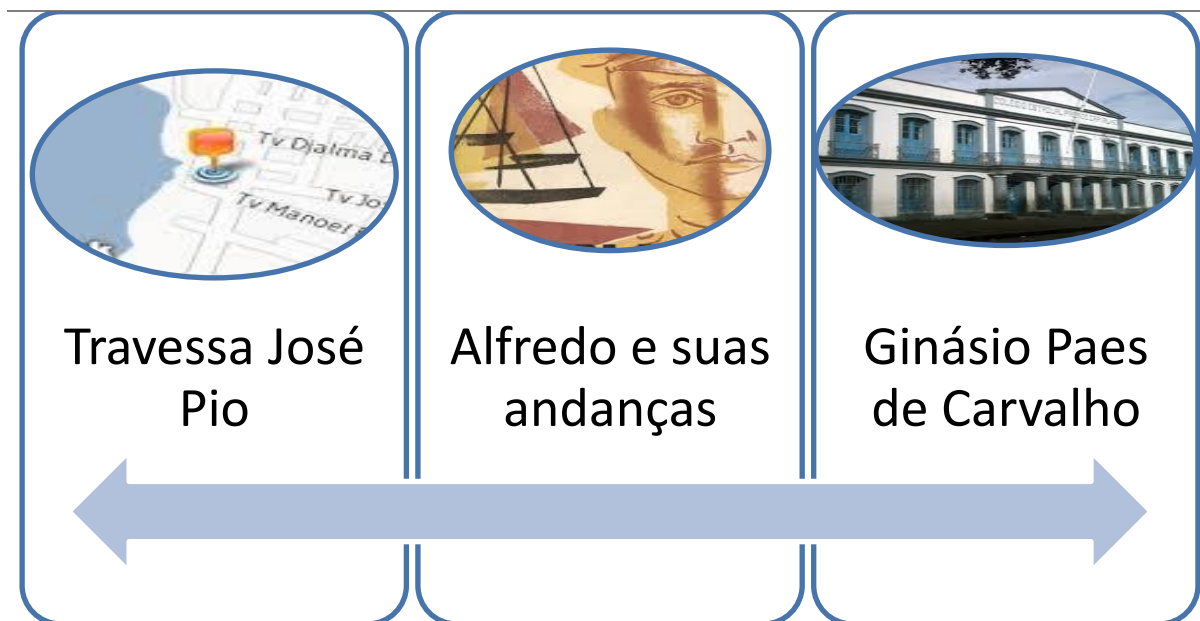
Elaborado por Tr. José Pio em
 Substituição de Odálio Faria de
 Carvalho realizado pelo Alfredo.

DATA DO NIP E ESTABELECIMENTOS
 CENSO DE 1950 E 1960, DO
 ROMANAL PRIMEIRA MANEIR, PELA
 Prefeitura.

Elaborado por: Odálio Faria de
 Carvalho
 Revisado por: José Pio

Na sequência, sinalizamos também o trajeto de Alfredo, que começa na Travessa José Pio, se estende pelas ruas da cidade com destino ao local de estudos, o Ginásio.

As travessias e as errâncias de Alfredo



Fonte: imagens <https://www.google.com.br/> Acesso em: 19/02/2017.

A Travessa José Pio

A Travessa José Pio, localizada no Bairro do Umarizal, hoje possui como referência de localização em extensão geográfica na região metropolitana de Belém; o seu início no Hotel Gol Mar, e sobe cortando a Rua Professor Nelsom Ribeiro, a Avenida Pedro Alvares Cabral; passa pela Rua do Una; corta a Avenida Senador Lemos, e termina na Travessa Antônio Baena. Essa travessa é descrita na ficção dalcidiana no romance *Primeira Manhã*: é nesta rua a terceira casa em que o protagonista mora em Belém, de favor, em busca de estudar.

Alfredo morava na “casa ali, ao pé, a 48” (PM.P.168); do “Coronel Braulino Boaventura”. Desse modo, surge no diálogo entre Alfredo e d. Abigail nos Clareúmes da Noite a seguinte descrição: “O Coronel Barbudinho de Marajó – é seu parente? – andando atrás de fazer casa na José Pio, vê o entulho, o terreno, com dinheiro de boi comprou” (PM. p.128); e o “Coronel Braulino Boaventura, dono desta casa, à feição moderna, mandada construir...[...] A casa, aqui, já de pé estava, à espera, só à espera. No que o construtor entrega a obra, a casa cheia de tudo...” (PM. p.161). No fragmento a seguir a descrição da casa feita para a jovem Luciana e ocupado por Alfredo como:

Agora, esta casa á disposição do estudante que fugiu do estudo, à disposição do ginasião pelo Ginásio escorraçado. Nesta casa, feita para a predileta vir morar. A anônima corre as ruas da Babilônia, moendo a sua farinha, passa os rios, não mais a tenra nem a delicada (PM. p.109).

A respeito da Travessa José Pio, as vozes descritivas do senhor Boaventura apresenta uma descrição que vai muito além das entrelinhas do texto como:

Por ter vindo na “Lobato”, habituada a desembarcar seus passageiros na escadinha da *Port Of*, depois da volta do Maguari onde deixa os barcos do gado, o Coronel Brulino Boaventura chegou do cais em automóvel; desnecessário, se desembarca no Curro Velho, a um pulo da José Pio. A casa ali, ao pé, a 48, foi exatamente para não Ver de vir do cais, Ver-o-Peso, Porto do Sal. Na sacada, do alto de suas duas mil reses e da Questão, olhava passarem, no Guajará, as velas vigilengas, barcos da contra-costa, gaiolas do Amazonas e Ilhas, a draga, vapor do Mosqueiro, os paquetes da Europa e Rio, e quem sabe, um dia, com seu velame e mil bandeiras, o navio-escola. Que desembarca no Curro Velho, pega no fim da linha o bonde, quebra pela Municipalidade, salta na primeira parada (PM. p. 160).

Boaventura descreve como se chega de bonde ou a pé em sua residência na Travessa José Pio, e comenta sobre o dia chegou de carro a sua casa e não conseguiu entrar devido as péssimas condições da travessa, enlameada e esburacada, retratando os problemas urbanísticos de Belém:

O carro o trouxe pelo trilho do bonde até a Municipalidade bem a esquina da José Pio, e olha que com dificuldade. Entrar na José Pio, com aquela vala de entrada, mas t quando? nem mesmo carroça. Tempo dos Juruemas, nas tripas gordas, o velho mandou correr sobre a vala uma estiva afiançada, mas quem podia crer? durou só dias, logo-logo se arriou. Os Juruemas, no que se desmancham no baile das flores em maio, some o resto da estiva goela a dentro; a vala agora está mais funda ali no beijo da taberna e onde o Antonico joga o lixo com a fiúza de aterrã-la, os urubus em cima. Por ocasião das tantas moscas, a mortandade desconforme de anjos e mais anjos na cidade, os mata-mosquitos andaram borrifando creolina, parece que um pouco de cal na beira, alguém acendeu vela, um dia não foi que amanheceu um tal semelhante embrulho um urubu podre? (PM. p.162)

Em busca de uma melhor descrição sobre a Travessa José Pio, a voz d. Brasileira, ressalta que:

Quando vamos fechar a boca desse abismo aí? Ele parece minar tudo por baixo, arriscando engolir também a taberna comigo e tudo. Um dia o bonde desencarrilha e lá se vai goela a dentro. Puxe pela manga dos graúdos e

mostre a que ponto vai o some-some. Esta rua está oca por dentro, nos ocas mora a calamidade. É o ninho da panemice (PM. p.165).

Em uma conversa entre d. Brasileira e Coronel Boaventura, a descrição da Travessa José Pio, naquele chuvillar manhoso, se dava da seguinte forma:

Conversa, esta, sim, que o Coronel Braulino Boaventura ouviu, até com muito gosto, ouvindo a Brasileira, na viagem retrasada. Os dois esperavam o bonde, ele no azul marinho, ela, senhora de sua cambraia e de seu chapéu, a olhar os urubus descenderem goela adentro e um deles como coisa que trazia no bico uma cobra ou rã, um terém esverdeando e deu um vento e veio aquele bafo e d. Brasileira entrou voltou salpicada de colônia, trazendo um leque de penas era ver pavão, o bonde demorava, demora essa que deu pra ver: rente da vala passava um lote de zebus da cocheira Jabuti, um deles assustou-se, atolou-se e num instante sobe; de alvinho que era voltou da vala num piche trágico, d. Brasileira benzeu-se, o leque em cima, a mão no braço do Coronel, o zebu faz que vai subir na taberna, nisto deu um salto deu um urro escorrendo a sua imundície rua (PM. p.164-165).

A Belém do romance dalcidiano é uma ironia as “felicidades” da paris na Amazônia, deixada pelo auge do “boom” da borracha, que deixaram somente as mazelas sociais e todo um contexto problematizado de uma economia e miserabilidade da população tecidos por Jurandir em seus romances . Obviamente com a decadência da borracha, acarretam inúmeros problemas; as grandes famílias passam a viver de aparência em uma Belém caótica, um grande exemplo dessa época é o romance *Belém do Grão-Pará* (1960) escrito por Dalcídio Jurandir, no qual há uma descrição ficcional trágica do viver de aparências sobre o declínio da borracha na Amazônia paraense.

O crescente número de desemprego fez com que muitas famílias em busca de sobreviver se deslocassem para as periferias de Belém, o que acentuou mais problemas sociais como o crescimento desordenado de muitas áreas de Belém, sem as principais formas de saneamento básico, o que ocasionou um verdadeiro descaso do poder público, resquícios de uma herança do intendente Antônio Lemos, que abre caminho para uma nova república democrática no Estado do Pará. Alfredo, morador da rua, era quem dava dignidade e exemplo a ela. No fragmento a seguir, as descrições de D. Brasileira ao jovem estudante, representante dos meninos, meninas, homens e mulheres da travessa José Pio:

Vi, espiei o rapaz inaugurando o uniforme, ficou que ficou um garboso, igual a um da Escola Militar, de ele nos dizer: não te conheço. Olhe que ele foi passando, passou que nem me viu na porta da taberna, me salvar, quem disse? De parabéns a José Pio, rua que só pêsames recebe. Ter um, afinal,

que não empina papagaio nem apedreja mangueira nem vive escovando urubu nem aprende o abc na meladinha, arre, que é de rezar, por isso, cem novenas. Enfim um que pode dar na rua uma categoria entre a rapaziada nova. Aprecio quem sojiga a cabeça em cima do livro ..[A voz de D. Brasileira enfatiza que vai] embandeirar a rua, pendurar no poste a tabuleta: aqui nesta rua mora um ginasiano. Que o mocinho boas ventas tem. Não sendo seu parente nem afilhado, só é de gabar a boa disposição do sr. em dar agasalho a um estudante dessas beiradas de rio, que a respeito disso proteger quem estuda...” (PM. p.164-165).

Indigna José Pio das personagens d. Dudu, Alfredo, Brasileira vizinhos na travessa que:

só era rua graças a ela por nós, que éramos ali a sociedade. Que hoje? Rainha, sociedade, ali, gente, hoje é a brasileira entrando pela taberna, botou as canelonas na nuca do português, aprende violão, e abrindo cada vez mais o valão da boca da rua” (PM. p.127).

Na travessa José Pio, havia muita mortandade de crianças na travessa. Elas são descritas como “anjinhos”, em uma viviam nas ruas sem “vida”, onde vivia ou sobrevivia o ginasiano. D. Brasileira narra de forma dramática esta situação:

Por ocasião das tantas moscas, a mortandade desconforme de anjos e mais anjos na cidade, os mata-mosquitos andaram borrifando creolina, parece que um pouco de cal na beira, alguém acendeu vela, um dia não foi que Amanheceu um tal semelhante embrulho um urubu podre? Sopraram que a goela ser sem funda, terra não havia que a entulhasse, ponte que se sustentasse, cristão que ali se atrevesse.

[...]

É meus anjinhos, saiam de perto, chega-chega de pedra, vai ver estamos apedrejando sabe lá se uma alma aí dentro a bom penar ou uma quantidade delas, quem sabe, lugar de crimes. Enterra-se tanto próximo neste mundo sem o atestado, por conveniência oculta. Melhor fincar logo uma cruz, dia de finados finca vela ao redor (PM. p.162-163).

Os vizinhos da Travessa José Pio

As representações dos vizinhos da José Pio retratam “gentes” de uma Belém urbana e periférica. Essa heterogeneidade faz com que o autor descreva as personagens com quem Alfredo convivia: “tantos bichos de estimação, futuro de moça, bom nome das casadas, juízo dos rapazes, só tendo uma ferradura aí dentro atraindo ou mal que nunca se sabe, a pegar em todo mundo” (PM. p.163). Reflexos das ruas, avenidas e estradas de uma Belém dos anos 20 e 40 do século XX. Observe o quadro a seguir:

Os vizinhos da José Pio

<p>D. Brasiliana Andrade de Oliveira: (PM.p.162): “Os atoleiros que essa pisa” (PM. p.168) d. Brasiliana entrou salpicada de colônia, trazendo um leque de pernas, era ver pavão” (PM. p163). [...] essa mulher que se emproa na porta, mulatona de metro... e oitenta? Ela apanha os cabelos e os sacode, quase insolentemente no nariz dele. Os atoleiros que essa pisa, e não mente quando fala de sua intimidade com os oradores cívicos, o foro, e a diretoria de Obras Públicas e Terras, a Fiscalização Muncipal, o Legislativo, alguns comandantes, não só dos navios da lama, mas dos paquetes Belém-Rio, o rosto na tapioca a moda entrudo, também polvilhado de uma negaça, não nesse fosso ai na esquina, mas naquele, o outro” (PM. p.163).</p>	<p>Coronel Braulino Boaventura: “colarinho auto, chapéu de massa, guarda-chuva” (PM. p 159); “ele no azul marinho [...]e de seu chapéu, a olhar os urubus descerem goela adentro e um deles como coisa que trazia no bico uma cobra ou rã, um terém esverdeado e deu um vento e veio aquele bafo” (PM. p.163)</p>
	<p>d. Santa: A velha parteira</p>
<p>Mestre Ilário do Pinheiro: “Uma qualquer significância tem, ai tem saruá, chamar aquele mestre Ilário do pinheiro pra fechar essa boca, desencantar esse fundo” (PM. p.162).</p>	<p>Mestre Afonco: “Na voz de Boaventura: [...] no estaleiro do meu amigo mestre Afonso que este não me deixa sair sem primeiro um cafezinho e me mostrar o novo barco em obras e a indagar quando quero que faça o meu” (PM. p.161)</p>
<p>Velho Ângelo: “seu também criador de pato na José Pio pode ser definido como: criação de “paturi” (PM. p.163).</p>	<p>Idália: “A criação de cachorro que roubava e sumia as coisas na travessa, fatos esses descritos como: [...] aqui neste canto, deu pra sumir: é o cachorro de d. Idáleia de raça” (PM. p.162).</p>
<p>Seu Juvenil: “logo o nome de juvenil corria longe por criar pintos na José Pio, destaca-se como: [...] criador de “pintos” na José Pio sob o nº 68” (PM. p.162).</p>	<p>Senhora-dona do violinista: “que vem, escora o poste, confronte a vala, como se visse um jardim” ” (PM. p.163)</p>
<p>Seu Trindade: “porquinho da Índia do seu Trindade, sumiu, os tantos bichos de estimação” (PM. p.163)</p>	<p>Menina Nena: “sofre com a perda de sua mãe por contágio de doença na rua José Pio “facilitou perdeu, de repente a sua mãe” (PM. p.163)</p>
<p>Seu Lara: pertencente a um movimento conhecido na José Pio com movimento político da (Liga da liberdade), no qual seu Lara fazia seu discurso com objetivo de expor suas ideias ao público da travessa.</p> <p>“[...] só o coitado do seu Lara, na liga da liberdade, já fez, meu Deus, bem uns seicentos discursos. Mas faz por puro gosto ou vício ou sina. Estou que se acabassem os Lobões, seu Lara inventava outros por não ter de ficar sem fazer discurso e cada um demorando horas, contado de relógio” (PM. p.166)</p>	<p>Antonico: “onde Antonico joga o lixo com fiúza (esperança) de aterrã-la, os urubus em cima” (PM. p.162)</p> <p>As Evas: representantes de muitas moças que vivem com as famílias em periferias a céu aberto sem nenhuma privacidade, moças inocentes, sem pudor que tomam banho em quintais e se depilam sem atentar-se que estão sendo observadas por terceiros. Dessa forma, o fragmento a seguir descreve essas moças e seus ambientes:</p> <p>“Os grandes, lei, justiça, direito, tudo do lado deles? Um dos lobões não me sai da França, o outro não me sai de dentro das barraquinhas, varando até ver gente naquela posição pelos fundos do quintal nas privadinhas tapadas de folhas ou pelos banheiros</p>

	devassados, sabe lá se espia as Evas no banho de cuia ou catando as suas vergonhas” (PM. p.167)
<p>Seu Antonico: Percebemos que jogar lixo na José Pio era comum, típico representante de sujeitos que jogam lixo nas ruas; o nível de educação e de cuidado não se tinha ao despejar o lixo na travessa. Caracteriza-se também o modo de gente esperta que só pensa em ganhar vantagens para com outros; é o famoso ladrão da travessa José Pio.</p> <p>“[...] Antonico joga lixo com Fiuza de aterrá-la os urubus em cima” (PM. p.162).</p> <p>“[...] diz pro teu irmão trespassar a bodega, prefiro na Volta da Tripa, na Goela da Morte, lá no Escorrega, no calcanhar do Una, livrai-nos Deus desta vala” (PM. p.163). “[...] - não compro na casa a redonda, meu tio, mais pelo Antonico, que, esse, oh, que renegado! De tão ladrão no peso, no preço, na qualidade” (PM. p.174)</p>	<p>d. Ivaiva: vizinha de Alfredo e moça da noite, mulher sonsa, que também se serve da companhia do jovem ginasião.</p>
	<p>d. Abgail: vizinha de Alfredo, moça da noite, falastrona que serve de companhia nos inferninhos.</p>
	<p>Fernando: Marido de d. abgail, homem safado que gosta de curtir as noites nos inferninhos</p>
<p>Os Juruemas: representante da grande maioria de famílias que vivem ao Norte do Brasil, tendo suas terras submetidas aos velhos conflitos de terra na Amazônia. Percebemos que também há dois aspectos diante dessa situação: a posse da terra ilegal e a justiça com as próprias mãos; sobre essa questão poderemos verificar na leitura dos fragmentos a seguir como:</p> <p>“[...] Velho Juruema, desembainhando uma espada velha correu com um Lobão pela rua á fora, o sangue do Lobão na espada queria limpar nas pontas da barba. [...]”(PM. p.166)</p> <p>“[...] tempo dos Juruemas, nas tripas gordas, o velho mandou correr sobre a vala uma estiva afiançada, mas quem podia crer? Durou só dias, logo-logo se arriou. Os Juruemas, no que se desmancham no baile das flores, em maio, some o resto da estiva goela a dentro; a vala agora está mais funda ali no beijo da taberna e onde o Antonico joga o lixo com a fiúza de aterrá-la, os urubus em cima” (PM. p.166).</p>	<p>Seu Trindade: que criava porquinho da Índia na José Pio; pode ser descrito da seguinte forma “[...] é sim, é porquinho da Índia de seu Trindade, sumiu, [...]” (PM. p.163)</p>
	<p>Seu Lício: homem que se envolvia na política da travessa José Pio, “[...] pois este botou numa falancia, uma noite dessa (a reunião na casa daquele seu Azarias da Alfândega [...]” (PM. p.166).</p>
	<p>Seu Azarias da Alfândega: era aonde ocorriam as reuniões políticas da travessa José Pio. [...] (reunião na casa daquele seu Azarias da Alfândega, bigode de mais grosso e de ponta virada, oh, que este homem beeebe...) (PM. p.166-167)</p>
<p>Os Lobões: típico grileiro de terras que tomava as terras localizadas na Travessa José Pio; gente corrupta que possuía “poder” e a arte de enganar os outros em prol de si mesmo em uma Amazônia que possui grandes extensões de terra, solo rico com uma rica fauna e flora.</p> <p>“[...] Isto por aqui os donos? [são] os Lobões, eu penso que um dos Lobões foi ai desaparecido, mata o bicho enterra aqui mesmo” (PM. p.166).</p>	<p>Os Magalhães: as grandes famílias que contém muita terra no Norte paraense sofrem com a questão fundiária; os posseiros que tomam para si suas terras e ainda dizem que são suas, apresentando documento falsos e aplicando golpes para que este desocupe a terra para muitas das famílias da região Norte é fonte de sobrevivência. Por sua vez, o fragmento a seguir reflete esse contexto:</p> <p>“Lobões e Magalhães, é a firma. Abre a lei, o rei me deu, nunca que é teu. Um dia eles fazem um despejo geral levantam o mapa da posse e arrastam – lá se vai nós – os moradores para Guajará, morrem aí dentro d’água, na folha do mangue; que é a sorte, caranguejos cabeludos. [...]”(PM. p.167)</p>

Alfredo e suas andanças

Alfredo sai a pé em seu trajeto até o ginásio pela Travessa José Pio, localizado no Bairro do Umarizal, inicia sua saga ao perambular pela cidade de Belém, parece um peregrino: “preferiu ir andado pela São João” (PM. p.31), hoje a Avenida Senador Lemos.

Alfredo em suas andanças em um contexto urbano e periférico utiliza suas “perneiras”, como símbolo significativo de sua peregrinação em Belém. O autor aborda as “perneiras”¹⁷ em um campo significativo de interpretações, de valorizar os costumes, as crenças e a cultura em geral do vaqueiro marajoara, ou ainda podem ser vistas como parte do corpo de um Alfredo, enquanto menino/homem, ou também como uma moldura de proteção para encarar os caminhos desconhecidos que seu protagonista passa a seguir. As perneiras como representação da identidade marajoara; do homem do Norte, é um símbolo da força dos excluídos, e, por fim, das vozes universais de tempo, época e crítica social.

O protagonista vaga por Belém, entre o centro e a periferia, com “perneiras rangendo-lhes”, que acabam por se tornar parte do corpo o protagonista em suas peregrinações “Debaixo deste rangido, neste culote enorme, o quepe um tanto alheio à cabeça”, o ginásiano “a pé rangendo a marcha, cheirava a cáqui novo” (PM. p.31),

As “*perneiras*” usadas pelo protagonista:

A pé rangendo a marcha, (PM. p. 35).

Ia ligeiro, o passo rangia mais (PM. p. 35).

Aqui senhoras, vai um ginásiano, vejam a farda, oiçam só o ramger destas perneiras (PM. p. 35).

Range duro [...] e estas perneiras, vamos afrouxar um pouco? Por que tu ranges tanto [...] não sentia novo o uniforme nem a perneira (PM. p. 35).

[...] logo o jovem da José Pio calcou bem fundo, pisou forte, rangeu duro[...] (PM. p. 35).

E esta perneira, vamos afrouxar um pouco? Por que tu ranges tanto, de que bicho é o teu couro, tu és sela? (PM. p. 35).

[...] não sentia novo o uniforme nem a perneira; velha, enxovalhada [...] (PM. p. 35).

¹⁷ **Perneiras** - Confeccionadas em raspa de couro bruto, curtido ao cromo, totalmente reforçada, não deve apresentar cortes ou furos no couro, partes deformadas e costuras abertas ou irregulares, devem ser presas às pernas através de velcro, possuindo tiras sobrepostas, do mesmo couro da perneira, para melhor ajuste, com fechos de fivelas plásticas ou velcro. Devem ser providas de tala cobrindo os pés, evitando a penetração de agentes agressivos pelas frestas do calçado. Não podem conter componentes metálicos e devem ser ajustadas às pernas de modo que não deixe nenhuma área descoberta.

Salpicadas de lama, as pernas rangiam decepção e vexame, logo pressa e uma raiva confiante (PM. p. 35).

Neste ranger de perneira, nenhuma voz aqui dentro, um passo, nenhum rosto? (PM. p. 36).

Só agora, com as pernas em silêncio, sentia o barulho das classes, o rascarão ressoando, este galope dentro do peito [...] (PM. p. 36).

Baixando a cabeça, alisando a perneira, Alfredo tenta restituir-se à aula, pela primeira vez em presença da química (PM. p. 37).

Um trabalho colocar as pernas. Primeiro errei de perna. Sebo de boi nelas abafa o rangido? Ou cachaça? (PM. p. 39).

Raspa a perneira! (PM. p. 42).

Quente, as pernas rangiam a sua galhofa, queimando-lhe o passo. Quepe amassado na mão, arrancada a carneira, a pala torta, no forro o risinho da Andreza, ou seu dó? (PM. p. 42).

Deixei-se ir pelo chuvisco, rangente e ensopado, sem lenço, sem perdão (PM. p. 43).

Rangiam-lhe as pernas, peitando-lhe o passo, primeira marcha a pé da José Pio ao Ginásio (PM. p. 173).

Um trabalho colocar as pernas. Primeiro errei de perna. Sebo de boi nelas abafa o rangido? Ou cachaça? (PM. p. 39).

Batiza a farda! Raspa a perneira! (PM. p. 42).

Alfredo usa-se as pernas em busca de realizar os seus sonhos, o desejo de estudar em Belém e símbolos das pernas descritas anteriormente pode ser a descrição de um processo de formação e educação de Alfredo. No entanto, os *inferninhos* das noites de uma Belém noturna passam a ser percorridas neste momento.

A noite dos *inferninhos* de Belém desperta no protagonista diversos saberes. Alfredo, como ginasiário de “primeira viagem”, explora a partir dos fluxos de memória as suas intensas lembranças. Voltam-se as descobertas de um “novo nível de sexualidade” a partir das vizinhas e “senhoras” Abigail e Iváina. Retrato de uma sociedade e reflexo de duas “raparigas” que passam acompanhar Alfredo em sua passagem temporal de jovem ao homem. Essas experiências lhes favorece nos “clareúmes da noite”; vivenciar situações que servem como aprendizados; formam, educam Alfredo a partir dos saberes em distintos ambientes. Os contatos com as raparigas, vizinhas da José Pio, podem ser descritos na citação abaixo:

- Por ao não, moço, olhe o pé na vala.

Assusta-se nem agradece, a voz o ampara, vem da portinha escura, moça, menina, mãe? Só a voz mesma a guiá-lo até desembocar diante da penitenciária. Esta vomitando a sua escuridão, inchava de silêncio e sono. Dentro, seus moradores que nem emparedados.

Mas voltou-se a um chamado.

- Eu?

Duas mulheres parando na esquina esburacada, meio ocultas no campizal.
- quer chegar aqui perto?

Corre como se advinhasse, diminuindo o passo ao reconhecer a primeira senhora. A outra, de lado, a esconder-se em si mesma, cutucava com a sombrinha a toija de capim.

Com as moças da noite, Alfredo experimenta as obscuridades, propicia ao vagar noturno: “nos sirva de cavalheiro, nesta nossa expedição, acompanhe duas Matintas Pereiras, mais adiante vai ouvir o nosso assovio, nos conhece, não é? É. É. As duas vizinhas da José Pio” (PM.p.132). Alfredo buscava compreender as duas mulheres; o fragmento a seguir reflete essa situação de famílias e a situação da mulher dos anos 20 à 50 do século XX:

D. Abigail ascendeu a mão ao cavalheiro:

- pegue. Não é um gelo? A borboleta grande, tão parada, credo! Mas que é, Ivaína, que me olhas tão assim? Eh, não me azela, pequena! Eu como cravo, me abro, tu, como rosa te fecha (PM. P.135).

O sorrateiro Alfredo ao olhar “D. Ivaína, muda-muda, o moreno escorre pelo pescoço, queimava a nuca, e um desassossego colo. Boa noite alguém passou. Recuando para a sombra, as duas não responderam” (PM.p.132). Acrescenta que “[...] Esta noite...murmurou d, Abigail cruzando os braços nus, sem dizer mais nada. À frente de Alfredo, parou, pediu-lhe, baixo: quer me prender esse colchete aqui nas costas, não lhe fazendo de meu criado?” (PM.p.135)

Era um menino/homem e suas dúvidas desequilibravam, às vezes, inferiorizado em ambientes escolares, mas fora destes, era visto com superioridade e os inferninhos seriam as descobertas frente as noites de uma Belém urbana e periférica. Alfredo descobre a sexualidade genital do menino/homem com as duas mulheres que procuravam os maridos, ele farreava com as “mulheres da vida”.

As personagens secundárias ocupam grande parte do romance de Dalcídio Jurandir, elas desencadeiam novas histórias, estimulando o leitor a se ater para novas histórias, imagens e leituras. No entanto, pauta-se em um fluxo de consciência memorialista, no qual, sai do presente e retorna ao passado em um discurso indireto, implícito e psicológico das personagens, em contato com o cotidiano de Belém.

Esses *fluxos de consciência* aparecem no tecido do texto em várias ocasiões, como os diálogos com d. Dudu: “aquele menino, nem mexeste ainda na comida, rapaz! Te enchi de minha conversa, que acabaste em fastio. Ou vieste já dar aula fastioso?” (PM.p.107). Lembrava da “cristaleira guardava nas suas redomas o aparelho de mesa, os jogos de

cerimônia, o cisne paliteiro, a gentil manteigueira, sobretudo a terrina, trazia solenemente dum leilão de Nazaré” (PM.p.107).

Eis na vitrina da José Pio, de corpo presente, as louças de catálogo que folheava no chalé, mas aquelas no papel mais à mão do que estas. Isso na gente Alcantara? Jamais. Louça, nos Alcantaras, a que restava de lemismo e a do ostracismo, serviam sem distinção de casta. Seu Virgílio comia no pratarrão se sempre que lembrava Guaramiranga, o requeijão da serra. É fato que a madrinha-mãe, minutos antes daquela derradeira hora de Nazaré, de repente quebra o prato – me expliquem – como se quebrasse o marido, e os cacos enterrou ao pé do cacto (PM.p.107).

Alfredo, em um “fluxo de consciência”, recorda o velho pirão cozidinho; os caldos do chalé já presentes nos Alcântaras e constante na José Pio, nos pratos de d. Dudu, sua madrinha-mãe:

Aqui na mesa, no cocho da d. Dudu, se cobrindo de mosca e sedo, o cozidinho aguarda, paciente, o apetite do estudante que disfarça, exagera o interesse pela conversa, cata um arroz, molha o pirão... ah, pirão da madrinha-mãe, minutos antes daquela derradeira hora de Nazaré, de repente quebra o prato – me expliquem – como se quebrasse o marido, e os cacos enterrou ao pé do cacto (PM.p.107)

Nessa angustia do cozidinho, Alfredo lembrava que “foi o tempo em que veio ela com a farda enxuta a ferro” (PM.p.108). Alfredo deixou-se levar pela conversa; levantou-se e d. Dudu diz: “quem estuda muito come. Ou é verme? Estou que é vermes. Mostra, revira o olho. Me parecendo que é verme. Posso te dar, no domingo, um purgativo. Purgar faz voltar o apetite” (PM.p.109); apetite este que Alfredo dissolvia sem remédio as dores de uma Belém desconhecida.

D. Dudu tenta ensinar Alfredo a pegar no garfo; menino do interior acostumado a meter as mãos na panela e lambe os dedos, desconhece os tratados de civilidade e suas etiquetas sociais. D. Dudu, diz “vamos, apanhe o garfo cabo de pau, arrisca uma prova, primeiro ajeitar os dedos no garfo...” (PM.p.110). Ele tão primeiro ano, desajeitado segue o seu ofício de aprender, compreender e estudar, por essa razão aceita a ajuda da madrinha-mãe e passa a lhe agradecer como enfatiza a passagem a seguir: “E eu que tenho de lhe ser grato, de aceitar esta hospedagem, engolir esta senhora que até me assusta, chaga a irritar-me, às vezes me provoca uma raiva de que me envergonho, pois me faz descobrir em mim esse orgulho oco em que redemoïnham os ecos do pátio” (PM.p.110).

Alfredo reflete que sua situação financeira é precária e enfatiza que essa: “Meia pataca. D. Dudu administrando o ginásio, vai cobrar o cozido e o uniforme passado? Primeiro

ajeitar estes dedos, humilhados que foram na inútil defesa no pátio quando arrojaram contra mim o trote imundo”. Ele tenta compreender o garfo: “Alfredo tão engraçado o teu pegar no garfo, até que esturdio. Onde tu lestes? Feriado, respondeu-lhe: na mitologia do seu marido, ali de cima do caixote de milho [...] seu Antônio Emiliano responde “ePigrafe! ePigrafe?”. Alfredo “acadêmico do Barão do Rio Branco também não pronunciou ainda há pouco a palavra epiGRÁfe? É da mesma gramática do garfo. epiGRÁfe” (PM.p.110-111).

Alfredo errado no pegar do garfo, lembrava o sorriso de d. Celeste, e sua delicadeza com o “matuto do sítio, tio bimba, cria de igapó”:

d. Celeste, repousa o garfo perfeito e de leve no guardanapo, que sempre tinha, fosse a janta um mingau, enxugou dois dedos, outro gesto perfeito. Não comia senão para mostrar como se devia pegar no garfo. E o seu exato silenciosíssimo beber? (nunca se faz barulho na boca ao beber água ou sopa, ralhava a mãe, mas num ranhar brincalhão). Que glutegluteglute fazia Andreza engolindo o vinho de muruci com farinha, o calde de peixe, então que borbuhava, a pura leitoa no cocho, o rosto, um muruci puro, as escamas pelo canto da boca e logo pelo assoalho virando peixe a apanhar com a língua os bagos de farinha. Aqui neste cocho, no caco da abadessa, entre os fantasmas da Gentil e da Inocentes, desenhavam-se na fumaça do prato a visão de Liciania, reclamava por esta casa; no uniforme do Ginásio, dizendo-lhe; sai, desinfeta, seu intruso...pega direito o garfo, que canhoto só és de ação e pensar. Tu que ainda não sabes nem o nó do sapato nem o da gravata nem o nó que são esses teus dezesseis anos (PM.p.111).

Sobre esse contexto, Alfredo, o garfo esquecido, lembrando o volume, que as traças comiam, na montra empoeirado “*La clef du diagnostic: la clef. La clef? [...] em um “tempestuoso tempo”, leu num livro. La clef du diagnostic. Traça, poeira, mofo, liceu. Tempestuoso. La clef e o tempo*” (PM.p.113); Alfredo aqui treinado a pegar o garfo. *La clef*. São algumas expressões que Alfredo ao sabor das ruas teria que apreender para ser aceito enquanto sujeito em sociedade. Os episódios que ocorrem no decorrer do romance são mais importantes do que o próprio desfecho. Dessa forma, a personagem busca sempre novas histórias, novos fatos que passam a rememorar os conflitos e problemas do eu e o outro, eu e o mundo, o eu e o eu.

Alfredo “cruza o igarapé das Almas”, localizado na atual Avenida Visconde de Souza Franco (Doca); localização privilegiada no Bairro do Reduto, hoje uma das quadras mais valorizadas da cidade. Alfredo caminha por ela, por conter seus atrativos imobiliários, comerciais e de entretenimento. O ginasião descobre várias facetas de um passado que foi o coração da economia belenense. Alfredo segue caminhando, vivenciando as experiências das

ruas, das gentes simples, da linguagem, crenças e uma vasta cultura que lhe encantam os olhos e o levam a mil carocinhos de tucumã em Marajó.

Os nomes de ruas, travessas, bairros, estabelecimentos públicos e privados são atravessados pelo jovem Alfredo, que tece sua trajetória como sujeito andarilho pelos espaços urbanos e periféricos de uma Belém do século XX. Em seguida, Alfredo segue descobrindo os mundos de uma prática empírica e os desafios de uma epistemologia catedrática desenvolvida pelo Liceu, ao G.P.C. Alfredo “quebra a São Mateus”, hoje à Travessa Padre Eutíquiocortas as avenidas Almirante Tamandaré, ruas dos Mundurucus, Eng. Fernando Guilhon. Ele conhece em suas andanças as longas e lentas avenidas, as minuciosas e estreitas ruelas da Cidade Velha, “entra no Largo do Quartel: lá está, lá está” (PM.p.31).

Na Praça da Bandeira, seguem as andanças e experiências de Alfredo, embora a praça tenha surgido anteriormente de dois nomes que o caracterizavam como Largo do Quartel e Praça Saldanha Marinha. O nome “Praça da Bandeira” faz uma referência aos símbolos de nossa bandeira, intensificando a expressão nacionalista do Brasil. Por sua vez, as praças das bandeiras é um dos nomes mais comuns em distintas regiões de nosso país em grandes capitais como São Paulo, Recife, Teresina, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Campinas Grande, São João de Meriti.

No romance, Alfredo descreve uma breve trajetória no início nas primeiras linhas do romance *Primeira Manhã*, em seu trajeto da “José Pio ao Ginásio” como ginásiano. O protagonista chega ao “O Liceu”. Aquele casarão escuro, poeirento que Alfredo inicia a sua trajetória como ginásiano, primeiranista, no curso de humanidade.

Dessa forma, consideramos que Dalcídio Jurandir procura resignificar as paisagens de Belém e, por meio da memória, retorna aos espaços do Marajó. Assim, os lugares intersticiais, onde os indivíduos se esbarram e se constroem ressaltam-se sobre o protagonista que dilacera as condições erráticas frente a um modelo de educação que não lhe forma e sim desencanta. Por sua vez, os personagens que transitam nessas cidades são submetidos às forças antagônicas, conflituosas que marcam uma identidade a partir da paisagem, das dimensões humanas. Neste sentido, está aí relevância em estudar e compreender a partir dos aspectos de leitura da *Bildungroman*/romance de formação como processo *Bildung*/formação e *Erziehung*/educativo em Alfredo a partir do romance *Primeira manhã*, de Dalcídio Jurandir.

LINHAS DE SAÍDA

Dessas linhas de saída que analisamos durante os capítulos da presente dissertação, desembarcamos das fascinantes travessias pelos campos e ruas de uma cultura amazônica com suas identidades e saberes que se configuram esteticamente a partir da escrita literária do escritor Dalcídio Jurandir. Em seu romance *Primeira Manhã*, o escritor do Marajó compôs a temática que envolve o contexto urbano e periférico de uma Belém na qual o protagonista é Alfredo. Neste sentido, a proposta de pesquisar neste trabalho a trajetória de Alfredo, a partir de um campo de estudos do Romance de Formação, partiu dos seguintes objetivos: analisar como ocorre o processo *Bildung*/formação e *Erziehung*/Educação de Alfredo a partir do romance *Primeira manhã*, frente aos espaços urbanos e periféricos de Belém-PA. Dessa forma, consistiu acima de tudo, a possibilidade de questionar e elevar os diálogos, sobre a importância das problemáticas da educação.

Segundo Bakhtin (2015, p. 201) discorre sobre a ideia de formação e educação como:

A ideia de formação e educação permite organizar de modo novo o material em torno do herói e revelar aspectos completamente novos nesse material.

[...]

A isso o novo romance opõe a formação do homem, por um lado, e certa duplicidade, certa incompletude do homem vivo e, neste, a mistura do bem e do mal, da força e da fraqueza, por outro. A vida, com seus acontecimentos, já não é a pedra de toque nem o meio de provação do herói pronto (ou, no melhor dos casos, o fator estimulante da já pré-formada e predeterminante essência do herói; agora, a vida, com seus acontecimentos, é iluminada pela ideia de formação, revela-se como experiência do herói, como escola, como meio, fatores que pela primeira vez formam e modelam seu caráter e sua visão de mundo.

A relevância do trabalho é valorizar a universalidade de uma formação, educação e saberes de uma cultura de expressão da/na Amazônia, analisando a partir de um novo paradigma da *Bildungsroman*/romance de formação as considerações sobre o processo de formação e a educação de Alfredo, frente a um modelo de educação e saberes empíricos e científicos. Neste sentido, Maas (2002, p. 27) ressalta que “aproximamo-nos dessa forma de um dos sentidos evocados pelo termo *Bildung* que é essencial para a compreensão do romance de formação: a noção de processo”. Nesse contexto, Maas (2002, p 27-28) acrescenta que

De maneira geral, a tendência dos dicionários e do uso linguístico moderno é atribuir ao termo “educação” (*Erziehung*) o sentido de uma ação dirigida,

com objetivos propedêuticos bastante definidos, ao passo que “formação” (*Bildung*) seria entendida mais como o resultado um processo que não pode ser atingido apenas pela metódica da educação; a *Bildung* “pressupõe a atividade espontânea do indivíduo”, ocorrendo ao logo do processo de auto-aperfeiçoamento.

É sobre esse processo de formação, educação e saberes que a obra de Dalcídio Jurandir representa um acervo inesgotável de leitura; suas problemáticas giram em torno do eu frente às angustias do mundo; um mundo que ele retrata a partir das descrições uma universalidade da cultura da/na Amazônia paraense

O romance nos apresentou um tempo avassalador que o consome o protagonista Alfredo se debate entre o “ser” e o “tempo” tempo não linear, no romance é determinado a partir de alguns aspectos como o tempo psicológico, memorialístico, que demonstram suas dores e angústias enquanto ginásiano. Alfredo passa por essas digressões que são transformados em enganos, decepções frente ao “estabelecimento de ensino” ao vexame no pátio, as indefinições sobre as disciplinas dos professores no Ginásio Paes de Carvalho, além dos símbolos dos raios, chaves, portas, rios, ruas barcos e bondes. Sobre essas manifestações de conflito ou desconforto interior, Lukács (2015, p. 89) afirma:

A tragédia destrói a hierarquia dos mundos superiores; nela não há deus nem demônio, pois o mundo exterior é somente um pretexto para que a alma encontre a si mesma, para que se torne heroica; de fato, o mundo não é nem perfeito nem deficientemente transpassado pelo sentido, mas antes uma mixórdia de acontecimentos cegos, indiferentes às figurações existentes e objetivas de sentido; alma, porém, transforma todo o acontecimento em destino, e apenas ela o faz com cada um deles.

Servem para que se possa compreender um Alfredo que se manifesta a partir de algumas problemáticas internas e externas ao mundo; vistas a partir das “arapucas” da cidade, os tratados de civilidade e etiquetas que, aos olhos de Alfredo, são efeitos de uma educação e formação presentes nos espaços urbanos e periféricos de Belém/Pa. Segundo Lukács (2015, p. 29) discorre que:

Pois saber é apenas o alçar véus opacos; criar, apenas o copiar essencialidades visíveis e eternas. Virtude, um conhecimento perfeito dos caminhos; e o que é estranho aos sentidos decorre somente da excessiva distância em relação ao sentido. É um mundo homogêneo, e tampouco a separação entre homem e mundo, entre eu e tu é capaz de perturbar sua homogeneidade.

Além disso, o protagonista tem como experiências típicas a separação em relação à casa paterna; a atuação de mentores e de instituições educacionais; o encontro com as esferas

da arte, experiências intelectuais eróticas [sic]; experiências em um campo profissional e eventualmente também contatos com outras vidas, pública e política. Em Alfredo, os dissabores diante da educação em decadência situam-se na realidade da cidade (Belém); são pontos de abordagem que objetivam criar expectativas frustradas de um estudante em seu primeiro dia de aula. De acordo com Castelo Branco (2004, p.112) é possível enumerar três fases na ficção dalcidiana.

A primeira fase, no *Chove nos Campos de Cachoeira*, manifesta-se a conexão do desejo à formação; no segundo momento, no *Belém do Grão Pará*, caracteriza-se a iniciação à escola elementar e por último, a fase de frustração e decepção frente à consciência da realidade social de seu tempo e a não concretização do tão desejado curso ginásial no colégio, presente em *Passagem dos Inocentes e Primeira Manhã*.

As angústias diante um processo de formação vem acompanhando Alfredo desde sua infância ou adolescência, até um estado de maturidade. O protagonista passa por essa transformação que vem desde o carocinho de Tucumá e chega ao Ginásio, refletindo essas ideias de nascimento do protagonista, suas projeções da infância até à idade adulta. O fluxo de consciência/memória que conduz esse processo de aprendizagem, nos é apresentado como as concepções sobre os estágios nos quais Alfredo vem passando nos romances anteriores e no romance *Primeira Manhã*. A saga de Alfredo continua na busca de uma educação como formação e autonomia. Sobre isso, Farias (2009, p.76) discorre que a,

observação atenta dos homens, na percepção dalcidiana, remete o indivíduo à compreensão e à representação da vida. Apoiado ainda em Gorki, Dalcídio afirma-os que, na luta pela vida, o instinto humano, pautado na conservação, desenvolveu na humanidade duas poderosas forças criadoras: o conhecimento ('saber') e a 'imaginação'.

No romance, são narrados os obstáculos da vida que Alfredo precisa ultrapassar; o que lhe causa dores, sofrimentos, angústias e decepções, por compreender que a toda hora Alfredo é colocado à prova em ambientes/espacos distintos em busca de superá-los como testes, avaliações ou experiências. O protagonista tem como experiências típicas a separação dos laços familiares; o ganhar o mundo com suas perneiras; aproveitando as pernas em busca de seus desejos e sonhos longe de sua casa paterna, momentos que também ocorrem com o protagonista ao sair do Marajó em busca do sonho de estudar em Belém.

A presença de mentores que atuam dando-lhe incentivo, acolhimento um teto no qual passa a vivenciar, Alfredo também passa na casa nº 48, localizado na Travessa José Pio, sob os cuidados de d. Dudu, irmã do coronel Boaventura e seria madrinha-mãe de Alfredo,

agudam Alfredo a seguir seus estudos nas instituições educacionais pela qual o protagonista passa. Esse encontro com a esfera da arte que vos traz conflitos com os saberes científicos e não científicos, empíricos do senso comum que Alfredo as compreendem e aprende muito mais nas peregrinações pelas ruas de Belém do que em sala de aula.

É esse “aproveitar as pernas” que é característica das andanças de Alfredo em sua trajetória de vida, muito bem descrito por Dalcídio Jurandir como um retrato de um caminhar de vida, que é fruto de tantas experiências coletadas e vivenciadas pelo autor; experiências que retratam seu protagonista como um exemplo de vida de êxito pessoal e profissional. Nas descrições do narrador encontramos: “a pé, e devagar, [para] ‘aproveitar as pernas’”.

Dalcídio Jurandir chama atenção dos leitores por meio da ficção literária e transfere uma visão de mundo minuciosa da mais pura realidade da Amazônia, do interior do Brasil, das múltiplas experiências de mundo, da construção de conhecimento presente dentro e fora da sala de aula; criticando de forma veemente não só a questão da educação, como também, outras questões tidas como problemas públicos e sociais em uma sociedade.

Por outro lado, podemos neste momento responder sobre os diferentes tipos de saberes existentes, sejam estes, científicos ou não científicos, que carregam múltiplas experiências e seus aprendizados ao contato com a vida pública que Alfredo passa. Por essa razão, é correto afirmar que Alfredo vivencia uma formação e educação do (in)sensível em nosso país. E por fim, enfatizamos que o romance *Primeira Manhã* é o reflexo de uma formação educativa que problematiza os modelos de educação do século XX, e que ainda se mantém em pleno século XXI.

A ficção de Dalcídio Jurandir nos faz compreender a Amazônia repleta de saberes e também revela denúncias que registram a miséria social dos espaços urbanos de Belém. Nesse contexto, encontramos Alfredo como aquele personagem que irá experimentar certa angústia e decepção ao se deparar com uma realidade belenense carregada de problemas, mas que ao mesmo tempo lhe serve de iniciação educativa. Assim, voltamos o olhar sobre a realidade de Belém, do desencanto de Alfredo frente a realidade de um modelo de educação que não lhe traz esperanças; por um modelo de uma educação que não considera os saberes populares, mas os saberes catedráticos, dos contrastes de um “saber” científico, do ranger das perneiras que lhe levam a vagar sem rumo por Belém, do cantar de galo, dos delicados problemas de saneamento básico, infraestrutura, da consciência do sujeito, do preconceito, do racismo da questão ética, da etnia, dos poderes dos coronéis, dos grandes fazendeiros, latifundiário, grileiros, dos conflitos de terras/agrírios fatos tão comuns na/da Amazônia.

A Representação da realidade social feita por Dalcídio Jurandir flagra uma época compreendida pelos fins dos anos 20 e início dos anos 50 do século XX. Coloca-nos sobre um contexto de abordagem, apresentando-nos universos de interpretações pautados por um olhar que mira à realidade de uma Belém pós ciclo da Borracha, a partir de profundas ironias e críticas sobre a realidade da sociedade paraense. Foi esse olhar crítico sobre a sociedade paraense e sobre a educação na Amazônia que descrevemos e analisamos neste trabalho dissertativo.

Desse modo, seguimos Alfredo em sua “*flânerie cabocla*” pela cidade de Belém, onde a personagem tece os sonhos, suas conquistas e decepções ao chegar no Ginásio. Foi nesse espaço educativo que as expectativas e os sonhos se tornaram um verdadeiro desencanto. Esse “perambular” de Alfredo pelas ruas de Belém desperta uma tensão constante entre os múltiplos sentidos que transitam entre o real e o psicológico, ou seja, escola ideal e a escola real. Uma se volta aos saberes empíricos dos diálogos entre eu e eu, eu e o outro, eu e o mundo, (saberes do senso comum); e outro, define-se como saberes de um ensino catedrático, ríspido, formal, que leva somente em considerações os saberes científicos e desconsidera os outros saberes.

O que se buscou mediante esse trabalho dissertativo foi tentar responder algumas indagações sobre como poderíamos considerar o romance de Dalcídio Jurandir um *Bildungsroman*/romance de formação. Mesmo diante de percalços, seguimos o caminho e chegamos a mais indagações que desvelaram um fértil campo de estudos. A presente análise se deteve em desenvolver uma leitura que nos levou a compreender, mesmo que de forma superficial, algumas noções sobre os conceitos de *Bildung*/formação e *Bildungsroman*/romance de formação, sem deixar, é claro, de relacionar outros conceitos que pulsam e prevalecem, que que envolveriam a questão da *Erziehung*/Educação.

Ao percebermos que ambos os aspectos de abordagem se encontram presentes na ficção dalcidiana, afirmamos que o romance *Primeira Manhã* pode ser considerado um *Bildungsroman*/romance de formação, por apresentar um protagonista que passa por um processo de formação, educação e saberes. Logo, consideramos que o romance em questão apresenta distintos saberes, sejam estes, empíricos ou científicos. Dessa maneira, o que se estabelece no romance é o processo de *Bildung*/formação de Alfredo frente aos espaços urbanos e periféricos de Belém. Alfredo é o retrato de uma época, em que o analfabetismo e a avassaladora miséria social ganha evidência, não só na Amazônia paraense, como também em muitas regiões do Brasil.

O protagonista segue seu trajeto em um processo educacional que acontece, poderíamos dizer, em três dimensões: a *Educação Popular*, a *Educação Social* e a *Educação Comunitária*. O que passam a ser definidas como as principais bases de leituras e interpretações de Alfredo frente aos “códigos”, representado pelo mundo científicos e os “sentidos”, representados pelos saberes empíricos, saberes diversos não científicos, ou seja, a educação popular é aquela aprendida fora de um contexto escolar.

É sobre esse convívio social, sobre o mundo amazônico, da leitura de mundo, que se perpetua basicamente os aprendizados a partir de cada gesto, palavra e das infinitas interpretações de cada olhar dos sujeitos da Amazônia paraense, válidos como ensino/aprendizagem para vida. Neste sentido, a educação do proletariado industrial ganha espaços no século XVIII; configura sua efervescência anarquista em um Brasil dos fins do século XIX e início do século XX. Nas décadas de 20 a 40, toma espaço na Amazônia paraense como distintos tumores revolucionários, a partir de uma ideologia do socialismo, ganham as práticas sociais em Alfredo e lhes enriquece dos saberes, experiências, de uma vasta vivência, para poder sobreviver, ler o mundo e transformar sua realidade. Essa trajetória de vida pela de Dalcídio Jurandir é expressa em sua ficção a partir das experiências de Alfredo vindo do interior do Brasil. Este trecho ilustra bem esta experiência do autor marcada em seu personagem:

o raio abriu a porta do ginásio. Cabendo a palavra raio o contorno de desequilíbrio, estímulo, dor, liberdade, pecado, praga, oportunidade, conhecimento, dúvida, sonho, fase, idade, tempo, anos, menino/homem, medo, experiência e realidade descrita pelo personagem Alfredo no romance que os transforma, educa como ‘o efeito do raio’ (PM. p. 41).

Dalcídio Jurandir faz uma crítica em relação aos rumos de nosso país, a partir de *Primeira Manhã*, enfatizando que o restante do país necessita olhar para o seu interior, valorizar as culturas e identidades, reivindicando melhores condições de vida, igualdade e oportunidades; além de investimentos e melhorias para que se tenha uma educação de qualidade, que ensine e eduque e reconheça os diferentes saberes existentes, para que se possa construir uma vida bem mais digna no interior da Amazônia ou em qualquer região de nosso imenso Brasil.

É através da ficção que Dalcídio Jurandir em uma apurada descrição da realidade amazônica consegue explorar uma diversidade de temáticas, sejam estas inseridas pela voz de seu protagonista ou de seus personagens secundários, que ganham maior relevância ao contar suas histórias e experiências de vida para a formação social de um sujeito em nossa sociedade.

Por esse motivo, o escritor deixa bem claro em sua trama que as suas leituras não findam nas linhas do texto, inspiram-se, instigam-se e se recriam como novas e infundáveis leituras, que desde de seu primeiro romance *Chove nos Campos de Cachoeira*, até o último romance *Ribanceira*, constrói a saga de Alfredo.

Dalcídio Jurandir leva-nos ao confronto com a nossa própria linguagem, crenças, religião, e toda uma cultura do homem amazônico, demonstrando e valorizando toda uma identidade da cultura paraense, não somente por meio de Alfredo, mas também colocando em foco os demais personagens que fazem parte desse universo ficcional múltiplo em que a Amazônia se evidencia de maneira heterogênea.

Portanto, poderemos considerar que o romance de formação pode ser o retrato de uma educação do (in)sensível em nosso país, embora se possa afirmar que o romance *Primeira Manhã* é o reflexo de uma formação educativa problemática do século XX, e que se mantém atualizada a partir dos diálogos sobre a questão da educação na contemporaneidade. No entanto, é fundamental que se tenha consciência do poder que a educação possui de transformar o cidadão. Entendemos que a educação não conseguirá transformar a sociedade, mas é um de seus principais agentes de transformação. E a sociedade, por sua vez, não conseguirá mudar sem a educação.

Finalizando essas linhas de saída, a pergunta que fica sobre a leitura do romance se tornam pertinentes quando questiona: qual o papel da educação para a sociedade? Entendemos que as angustiantes descrições romanescas feitas por Dalcídio Jurandir intensificam essa problemática. Em outras palavras, Dalcídio Jurandir deixa implícito qual seria o papel da educação? No entanto, o autor abre um leque de questões sobre modelo de educação no Brasil. Desse modo, a educação procura formar sujeitos críticos ou abastecer o mercado como mão de obra? Fatos que podem ser discutidos quando Alfredo questiona a base do “Estabelecimento de Ensino”; de maneira incisiva, o protagonista vê uma educação se esvaír pelo tempo: “que é isto; aprender? Aprender? Saber? (PM.P.37)

Por fim, enquanto a sociedade não compreender que deve investir e colaborar para que se tenha uma educação de qualidade, estaremos fadados a “criar” profissionais frustrados, obsoletos, irresponsáveis, duvidosos, e que não passam de meros expectadores das ruínas da humanidade. Alfredo se depara com uma educação que “perde tanto tempo” adquirindo as fórmulas do crescimento cognitivo, pessoal e social, que se distancia dos diferentes saberes que também formam, educam e transformam o sujeito. Contextos estes, que se traduz num mecanismo ideológico de parceria, de compartilhamento, é uma representação simbólica da extensão do bojo familiar, pois se educar é dar continuidade a

formação de valores, de princípios, de elementos básicos teóricos e vivências práticas que elevam a construção, revolução e transformação dos sujeitos, em nosso país os problemas de uma educação nacional ganham espaços em nossa contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da literatura**. Coimbra. Livraria Almedina 8ª Ed. 14ª reimpressão vol. 1. Janeiro, 2005.

ALONSO JR, Wencelau Otero. **A obra de Dalcídio Jurandir e o romance moderno** (Org.). Belém: Paka-Tatu, 2012.

ASSIS, Rosa. **O vocabulário Popular em Dalcídio Jurandir**. Belém: UFPA, 1992.

_____. **Edição Crítica de Chove nos campos de Cachoeira**. Editora Unama, Belém, 1998.

_____. (Org.). **Marajó**. Dalcídio Jurandir. 60 anos (Estudos comemorativos). Belém: UNAMA, 2008.

ASSMAR, Olinda Batista. **Dalcídio Jurandir: Um olhar sobre a Amazônia**. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2003.

ASAS DA PALAVRA - **Revista de Letras**. Belém: Unama, v 13 n. 26, 2010/ 2011. Anual. 248 p. ISSN 1415-7950.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 6.ed. São Paulo. Unesp: Hucitec, 2010.

_____. **Estética da criação verbal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Teoria do romance I: A estilística**. /Trad. Prefácio, Notas e Glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. - São Paulo: editora 34, 2015(1ª Edição). 256p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Ed. rev. e ampl. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. 2ª edição, Volume VIII. (Revista e Atualização). Rio de Janeiro. Editora Alambra, 1984.

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS – Dalcídio Jurandir. In: **Chove nos campos de cachoeira** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Cátedra, 1976.

DALCÍDIO JURANDIR: Negação de Publicidade – Um grande romancista brasileiro faz revelações a Jornal de Letras. In: **Jornal de Letras**. Casa de Rui Barbosa/Instituto Dalcídio Jurandir, RJ: acervo “Dalcídio Romancista”, [S.1; s.d.].

FARES, Josebel & NUNES, Paulo. **Literatura de Expressão Amazônica**. Belém: UNAMA, 2005.

_____. Três margens de um mesmo rio: a escola e as literaturas de expressão amazônica, de matriz oral e a infantil. In: **IX Fórum Paraense de Letras. Tema - Linguagem, escola e ensino: buscando caminhos**. Belém: Universidade da Amazônia (UNAMA), 2003.

_____. Dos Campos de Cachoeira a Belém do Grão-Pará: Encontro de vozes em Dalcídio Jurandir. In: **Leitura: Teoria & Prática**. Campinas, SP: ALB, São Paulo: Global Editora, 2005 (ano 23, n. 44).

_____. FARES, Josebel Akel. **Cartografias marajoaras: cultura, oralidade, comunicação**. Tese. São Paulo: PUC, 2003.

_____. Cartografia poética. In: **Cartografias ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizados amazônidas**. Org. Ivanilde Apoluceno de Oliveira. Belém: EDUEPA, 2008.

FARES, Josse. Mergulho ansioso nos campos de Dalcídio ou bebendo água da chuva na palma das 192 mãos”. In: **Asas da palavra: revista da graduação em Letras da Universidade da Amazônia**. Vol. 3, n.º 4. Belém: EDUNAMA, 1996.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Cultura das Bordas: edição, comunicação, leitura**. Cotia/SP: Ateliê, 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 11ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FURTADO, Marli Tereza. **Universo Derruído e Corrosão do Herói em Dalcídio Jurandir**. UNICAMP. Tese de doutorado. Campinas: São Paulo, 2010.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Trad. Flavio Paulo Meurer revista da tradução de Enio Paulo Giachini, 15. Ed – Petropolis, RJ: Vozes. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Lais Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de Cachoeira**. Rio de Janeiro: Vecchi, 1941.

_____. **Marajó**. Edição crítica. 2ª edição. Belém: CEJUP, 1991.

_____. **Três Casas e um Rio**. 3ª edição. Belém: CEJUP, 1994.

_____. **Linha do Parque**. Rio de Janeiro: Martins, 1959.

_____. **Belém do Grão Pará**. Belém: EDUFPA. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004.

_____. **Passagem dos Inocentes**. São Paulo: Falangola, 1984.

_____. **Primeira Manhã**. Belém: EDUEPA, 2009.

_____. **Ponte do Galo**. Rio de Janeiro: Martins, 1971.

_____. **Os Habitantes**. Rio de Janeiro: Artenova, 1976.

_____. **Chão dos Lobos**. Rio de Janeiro: Record, 1976.

_____. **Ribanceira**, Rio de Janeiro: Martins, 1978.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2009.

JAMES, Henry. **A arte da ficção**. Trad. Daniel Piza. Oscar, São Paulo: Novo Século Editora, 2011

LEITE, Marcus Vinicius C (Org.). **Leituras Dalcidianas**. Belém: UNAMA, 2006.

LOUREIRO, João de Jesus Paes, **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: CEJUP, 1995.

_____. **Cultura amazônica: uma diversidade diversa**. Belém: Série aula magna/UFPA, nº 2. 2005.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: abordagem qualitativa**. Marli E.D.A. André. São Paulo: EPU, 1986 (Temas básico de educação e ensino).

LUKÁCS, George. **A teoria do romance**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: 34, 2000.

LUKÁCS, George. **Reboquismo e dialética: uma resposta aos críticos de 'história e consciência de classe'** / Trad. Nélio Schneider; Michael lowy; nycolas tertulian. – 1 ed. – São Paulo: Boitempo, 2015.

LUKÁCS, G. Dostoiévsky. In: **Dostoiévsky: a collection of critical essays**. René Wellek (Org.). New Jersey: Prentice Hall, 1962, pp. 146-158.

MAAS, Wilma Patrícia. **O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MALIGO, Pedro. “Ruínas idílicas: a realidade amazônica de Dalcídio Jurandir”. In: **Revista USP**. Vol. 13. São Paulo: EDUSP, 1992.

MARCONI, Marina de A. & LAKATOS, Eva. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1985.

MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira**. São Paulo: Cultrix Editora da universidade de são Paulo, 1977-78.

MAZZARI, Marcus Vinicius. **Romance de formação em perspectiva histórica: o tambor de lata de Gunter Grass**. (Estudos Literário 3) São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

MINAYO, Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28.ed. - Pétropolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

_____. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MILIET, Sérgio. O romance social e o romance *Marajó*. In: **Diário Crítico**. São Paulo: Livraria Martins, 1981. v.4.

MORETTI, Franco. **O romance**, 1; A cultura do romance (Org.). Trad. Denise Bottamann; São Paulo: Cosac Naify, 2009.

NUNES, Paulo. **Aquonarrativa**: uma leitura de chove nos campos de cachoeira, de Dalcídio Jurandir – Belém: UNAMA, 2001.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org.). **Cartografias Ribeirinhas**: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizados amazônidas. 2 ed. Belém: Eduepa, 2008.

SANTOS JUNIOR, Luiz Guilherme de. **Tra(d)ição e diferença em Marajó, de Dalcídio Jurandir**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Pará, Centro de Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2006.

SALLES, Vicente. **Chão de Dalcídio**. IN: Jurandir, Dalcídio. *Marajó*. 3ª ed. Belém: CEJUP, 1992.

SANTOS, Boaventura de Sousa 2005 **Conocer desde el Sur**: Para uma cultura política emancipatória (Lima: Fondo Editorial de la Facultad de Ciencias Sociales: Programa de Estudios sobre Democracia y Transformación Global).

OBRAS CONSULTADAS

FONSECA, Maria. **Planos de governo e educação brasileira**: do regime militar aos tempos atuais. In: revista brasileira de políticas e administração da educação, V.3, n.2.p 268, maio/ago. 2014.

FONSECA, Thais Nívea de Lima e. história e historiografia da educação no Brasil / Thais de Lima e Fonseca, Cynthia Greive Veiga. – Belo horizonte: Autêntica, 2003. 288 p.

FRANÇA, Maria do Perpetuo Socorro Gomes de Souza Avelino. **José veríssimo (1857-1916) e a educação brasileira republicana**: raízes da renovação escolar conservadora. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP: [s.n], 2004.

_____. **Educação e Instrução Pública no Pará Imperial e Republicano** / Sônia Maria da Silva Araújo, Maria do Perpetuo Socorro Gomes de Souza Avelino França, Laura Maria da Silva Alves (Org.). – Belém: EDUEPA, 2015.

GALLO, Giovanni. **Marajó, a ditadura da água**. Belém: Secult, 1980.

HOLANDA, Silvio. Mito e Sociedade em Dalcídio Jurandir: *anotações em torno do Marajó*. In: **Asas da Palavra**, v.8, n° 17, 2004, p.81-95

JAPIASSU, Hilton Peneira. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

_____. **Questões Epistemológicas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

MAROJA, Ângela. “Belém do Grão-Pará de Dalcídio Jurandir”, TUPIASSÚ, Amarílis. **Escrita literária e outras estéticas: linguagens: estudos interdisciplinares e multiculturais**, vol. 1. Belém; EDUNAMA, 2006.

MENDONÇA, Gerson de Souza. **A Ética e a Estética em Marajó, de Dalcídio Jurandir** ' 01/04/2012 123 f. Mestrado Acadêmico em Letras: Linguística e Teoria Literária Instituição de Ensino: Universidade Federal do Pará Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial Profa. Albeniza chaves, 2012.

DISSERTAÇÕES CONSULTADAS

ALVES, Enílda Tereza Newman. **Marinatambalo: Construindo o Mundo Amazônico com Apenas Três Casas e um Rio – uma análise de um romance de Dalcídio Jurandir**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, PUC, 1984.

ALMEIDA, Marcos Monteiro. **Cidade e Antíteses: uma leitura do romance Passagem dos Inocentes de Dalcídio Jurandir**. Dissertação de Mestrado. Belém, UFPA, 2005.

ARAUJO, FRANÇA e ALVES. **Educação e instrução Pública no Pará Imperial e Republicano/** Sonia Maria da Silva Araujo, Maria do Perpétuo Gomes de Souza Avelino França, Laura Maria da Silva Araújo Alves (Orgs.). – Belém: EDUEPA, 2015. 307 p.

AMADOR DE DEUS, Zélia. **Dalcídio Jurandir: regionalismo, relações raciais e de poder, em Marajó e Três Casas e um Rio**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras/UFMG. Minas Gerais, 2001.

BRANCO, Rosanne Cordeiro Castelo. **O Bildungsromam na Amazônia: a caracterização do romance de Formação na obra literária de Dalcídio Jurandir**. Dissertação de Mestrado. UFPA, 2004.

CARDOSO, Roseli Moraes. “**Queria saber ler e escrever para mudar as faces das coisas**. Uma leitura de situações educacionais na obra Chove nos campos de cachoeira, de Dalcídio Jurandir. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará, Belém-PA, março de 2015, 114 f.

FARIAS Fernando Jorge Santos. **Representação de Educação na Amazônia em Dalcídio Jurandir: (des) caminhos do personagem Alfredo em busca da Educação Escolar**. 120f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGed/UEPA. Belém, 2009.

NASCIMENTO, Dirce Correa do. **Entre a Madeleine e o Carço de Tucumã: Narração e Memória em os Habitantes**. Dissertação de Mestrado. Centro de Letras e Artes/UFPA. Belém, 2005.

PANTOJA, Edilson. **Morte, Desamparo, Niilismo e Liberdade: abalo e entusiasmo ante Chove nos campos de Cachoeira, de Dalcídio Jurandir**. Dissertação de Mestrado. UFPA, 2006.

APÊNDICES

Nomes de estabelecimento público e privados presentes no romance <i>Primeira Manhã</i>	Nomes de estabelecimentos públicos e privados presentes no romance <i>primeira manhã</i>
---	---

Estrada de Nazaré José Pio São João São Pedro Igarapé das Alma São Mateus Largo do Quartel 2 de janeiro Curro Velho Bairro - Reduto São João São Joaquim Guajará Tucunduva Caxias Tamandaré Ponte do Galo Ver-o-Peso	Largo das Mercês Gentil Bairro - Umarizal Bairro - Reduto. Bairro - Guama. Enéas Martins. Santa luzia Curuça Soares Carneiros Passagem Mac Donald Bairro -Una Senador Lemos esquina de São Raimundo Rua das Palhas Manoel Barata	São Brás Gentil Nazaré Quintino Rui Barbosa Bairro -Cidade Velha Dr. Assis Porto do Sal São Jerônimo Ruas dos Bracos Campos Sales São Paulo Bairro - Marco Chermont General Gurjão Prata Independência Pinheiro.	Bar da Pilsen Casarão da penitenciária Hospital Ordem Terceira Hospital Santa casa Padaria na São João Hotel Palacete pinho Hotel-Grande Hotel Igreja Santo Antônio Igreja de Nazaré Igreja são Pedro Igreja de Santana Escada da Basílica Usina Ramariz Escola Barão do Rio Branco Escola Grupo Escolar Paes de Carvalho Escola-Ginásio São José Banco São João Café manduca
--	--	---	---

Names de estabelecimento público e privados presentes no romance *Primeira Manhã*

**ANEXO 02
NOMES ANTIGOS E TUAIS DE BELÉM**

• **BAIRRO CIDADE VELHA:**

NOMES ANTIGOS	NOMES ATUAIS
Rua do Norte	Rua Siqueira Mendes
Rua do Espírito Santo	Rua Dr. Assis

Rua dos Cavaleiros	Rua Dr. Malcher
Tr. Da Atalaia/ Demétrio Ribeiro	Tr. Joaquim Távora
Tr. Da Residência, Tr. da Vigia	Tr. Feliz Roque
Tr. da Água de Flôres	Tr. Cap. Gen. Pedro de Albuquerque
Tr. da Borroca	Tr. de Gurupá
Rua do Aljube	Rua Rodrigues dos Santos
Rua da Alfama	Rua Cameté
Rua São João, Rua João Diogo	Rua Tomázia Perdigão
Av. Índio do Brasil	Rua Assis de Vasconcelos

• **BAIRRO DA CAMPINA:**

NOMES ANTIGOS	NOMES ATUAIS
Rua da Praia	Rua 15 de Novembro
Rua dos Mercadores, Rua da Capela	Rua Conselheiro João Furtado
Rua da Paixão, Rua Formosa	Rua 13 de Maio
Tr. do Pelourinho	Tr. 7 de Setembro
Tr. São Mateus	Tr. Padre Eutíquio
Tr. do Passarinho	Tr. Campos Sales
Tr. das Mercês	Tr. Frutuoso Guimarães
Tr. da Misericórdia, Rua do Landi	Tr. Padre Prudêncio
Tr. das Gaivotas	Tr. 1º de Setembro
Tr. dos Mirandas, Tr. 15 de Agosto	Av. Presidente Vargas
Rua da São Vicente, Rua Paes de Carvalho	Av. Senador Manoel Barata
Rua Pedro Raiol	Rua Padre Champagnat
Rua Cruz das Almas	Rua Arcipreste Manuel Teodoro
Rua Padre Prudêncio	Av. Presidente Pernambuco

• **BAIRRO DA TELÉGRAFO:**

NOMES ANTIGOS	NOMES ATUAIS
Avenida São João	Rua Senador Iemos
Travessa do Curro Velho	Travessa Nelson Ribeiro
Avenida da Liberdade	Av. Osvaldo Cruz
Av. 22 de junho	Av. Alcindo Cacela

• **LARGOS e PRAÇAS:**

NOME ANTIGO	NOME ATUAL
Largo da Sé	Frei Caetano Brandão
Largo do Palácio	D. Pedro II
Largo da Pólvora	Praça da República
Praça Sant'Anna	Praça Maranhão
Praça Independência	Praça D. Pedro II
Praça São José	Praça Amazonas
Parque Afonso Penna	Praça Entrada da João Alfredo
Jardim Prudente de Moraes	Praça Felipe Patroni

• **RUAS**

NOMES ANTIGOS	NOMES ATUAIS
Avenida São João	Rua Senador Iemos
Travessa do Curro Velho	Travessa Nelson Ribeiro
Avenida da Liberdade	Av. Osvaldo Cruz
Av. 22 de junho	Av. Alcindo Cacela

NOMES ATUAIS DE PRAÇAS, RUAS, TRAVESSAS e AVENIDA DE BELÉM/PA

PRAÇAS:	RUAS, TRAVESSAS e AVENIDA
----------------	----------------------------------

<ol style="list-style-type: none"> 1. Independência (atual D. Pedro II) 2. República 3. Batista Campos 4. Frei Caetano Brandão 5. Visconde do Rio Branco 6. Trindade 7. Carmo 8. Nazareth 9. Saldanha Marinho (atual Praça da Bandeira) 10. Floriano Peixoto 11. Sant'Anna (atual Praça Maranhão) 12. São José (atual Praça Amazonas) 13. Rosário 14. São João 15. Santo Antônio (atual Praça Dom Macedo Costa) 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Coronel Luiz Bentes 2. Magno de Araújo 3. Rua dos Tamoios 4. Rua São Miguel 5. Rua Conceição 6. Rua João Diogo 7. Demétrio Ribeiro (atual Joaquim Távora) 8. Rua dos Mundurucus 9. Rua Padre Prudêncio (atual Presidente Pernambuco) 10. Rua Arcipreste Manoel Teodoro 11. Rua 15 de Novembro 12. Rua João Alfredo 13. Rua Riachuelo 14. Rua Antônio Barreto 15. Rua Curuçá
<ol style="list-style-type: none"> 16. Parque Affonso Penna (entrada da João Alfredo) 17. Jardim Prudente de Moraes (atual Felipe Patroni) 	<p style="text-align: center;">AVENIDAS</p> <p>Avenida Generalíssimo Deodoro Avenida São João (atual Senador Lemos) Avenida da Liberdade (atual Osvaldo Cruz) Avenida Tamandaré Avenida 22 de Junho (atual Alcindo Cacela) Avenida Serzedelo Correa Avenida Conselheiro Furtado Avenida Índio do Brasil (atual Assis de Vasconcelos) Avenida Gentil Bittencourt Avenida São Jerônimo (atual Gov. José Malcher) Avenida São Bras (atual Braz de Aguiar) Avenida São José (16 de novembro) Avenida Independência (atual Magalhães Barata) Avenida Tito Franco (atual Almirante Barroso) Avenida Nazaré Avenida Boulevard da Republica (atual Castilho França)</p>

TRAVESSAS
<ol style="list-style-type: none"> 1. Travessa do Curro – Nelson Ribeiro 2. Travessa 9 de Janeiro 3. Travessa São Matheus (atual Padre Eutíquio) 4. Travessa Gama Abreu 5. Travessa Dr. Moraes 6. Travessa Benjamim Constant 7. Travessa Quintino Bocaiúva 8. Travessa Eduardo Wandenkolk (atual Almirante Wandenkolk) 9. Travessa 14 de março 10. Travessa Generalíssimo Deodoro 11. Travessa Oliveira Belo 12. Travessa 3 de Maio 13. Travessa Tomázia Perdigão 14. Travessa Jerônimo Pimentel 15. Travessa Dom Pedro